



LIVRO DE MATEUS

VIDA SINCERA

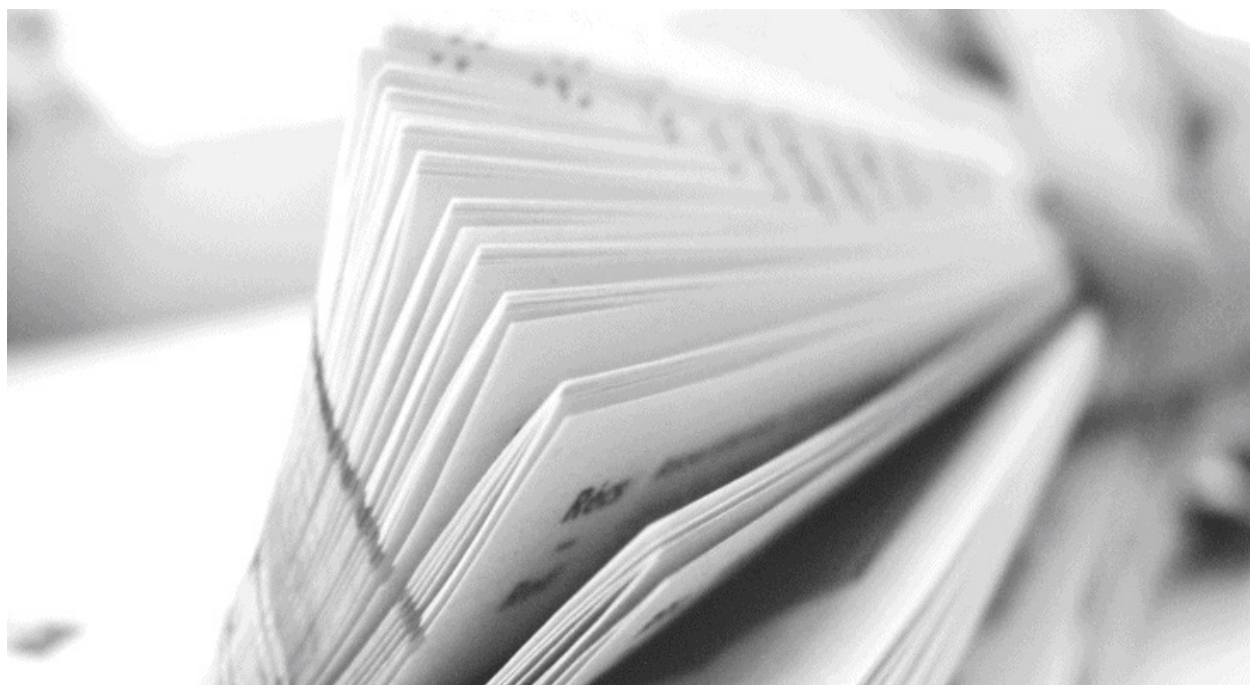
O SERMÃO DO MONTE

.....
SÉRIE INTIMIDADE COM A PALAVRA

ALCINDO ALMEIDA

 **Fôlego**





LIVRO DE MATEUS

VIDA SINCERA

O SERMÃO DO MONTE

.....

SÉRIE INTIMIDADE COM A PALAVRA

Alcindo Almeida
São Paulo, julho 2013



FôlegoFôlego

© 2013 Alcindo Almeida
Editora Fôlego
www.editorafolego.com.br

Editores

Emilio Fernandes Junior Rosana Espinosa Fernandes

Capa

Magno Paganeli

Diagramação *Cleber Neres*

1ª edição brasileira *Julho de 2013*

Todos os direitos são reservados à Editora Fôlego, não podendo a obra em questão ser reproduzida ou transmitida por qualquer meio - eletrônico, mecânico, fotocópia, etc - sem a devida permissão dos responsáveis.

Dados de Catalogação na Publicação

Almeida, Alcindo

Vida sincera, O Sermão do Monte

Alcindo Almeida, São Paulo: Editora Fôlego, 2013.

ISBN 978-85-8206-027-8 1. Bíblia 2. Espiritualidade 3. Abordagem teológica I. Título

Sumário

[Prefácio, 5](#)

[Dedicatória, 7](#)

[Agradecimentos, 9](#)

[Introdução, 11](#)

[O ministério profundo do Senhor Jesus Cristo, 15](#)

[Quem é Jesus?, 21](#)

[Bem-aventurados os pobres de espírito, 27](#)

[Bem-aventurados os que choram, 33](#)

[Bem-aventurados os mansos, 39](#)

[Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, 47](#) [Bem-aventurados os misericordiosos, 57](#)

[Bem-aventurados os limpos de coração, 75](#)

[Bem-aventurados os pacificadores, 89](#)

[Bem-aventurados os perseguidos por causa da justiça, 99](#) [O desafio de ser um cristão do evangelho da graça, 109](#) [A excelência na vida cristã, 117](#)

[Praticando a justiça na vida diária, 127](#)

[A lei do amor para com o próximo, 137](#)

[O secreto protege do orgulho e do reconhecimento público, 145](#) [Aprendendo a orar ao Pai, 153](#)

[Ajuntando tesouros na eternidade, 161](#)

[Vencendo a ansiedade, 167](#)

[Vivendo na graça do Reino de Deus, 173](#)

[Cuidado com o julgamento do outro, 179](#)

[A oração e a prática do amor na caminhada cristã, 183](#) [Um chamado para o compromisso, 187](#)

[Uma construção espiritual, 191](#)

[Referências bibliográficas, 197](#)

Prefácio

O pacifista indiano Mahatma Gandhi certa vez disse que se todos os livros do mundo fossem perdidos, mas ficasse apenas o Sermão do Monte, nada teria se perdido. As bem-aventuranças, o tema desta obra, dão a abertura e o tom do Sermão do Monte, proferido por Jesus em diversas ocasiões em seu ministério, segundo alguns comentaristas.

As bem-aventuranças descortinam o núcleo da mensagem que Jesus pregaria aos judeus durante três anos e que, posteriormente, seus discípulos espalhariam nas demais nações. No entanto, em vez de introduzir o assunto de modo suave, tranquilo, ao contrário de quando escrevemos um texto, as bem-aventuranças chocam, intrigam, “confundem” já nas suas primeiras proposições.

A percepção do paradoxo é inevitável: felizes os tristes! Felizes os que choram! Felizes os perseguidos! Que coisa é esta? Que novo ensino é este? São os novos padrões do reino de Deus, as novas diretrizes. Ou, como preferem alguns, “o velho princípio revisitado”.

Os princípios cristãos, de fato, não têm nada de novo, pois incorporam toda a proposta do Senhor na antiga aliança, mas o fazem estendendo-a aos demais povos, os quais o Criador deseja cobrir com a sua graça. Parafraseando outro escritor, é a evidência de que andamos na contramão do mundo para andar segundo o Pai. E é isso o que as bem-aventuranças indicam: a contramão do cristão em relação aos padrões sociais.

Então – alguém perguntaria – deve ser difícil seguir tais padrões no mundo de hoje. John Stott, citado na Introdução, rebate a questão e a coloca na perspectiva devida: Os ensinamentos de Jesus são praticáveis apenas por aqueles que já nasceram ou venham nascer de novo.

Há um grupo para o qual as bem-aventuranças estimulam e fazem todo sentido, mesmo em um mundo onde a norma é relativizar os padrões e conceitos, isolar os ideais, por mais nobres que sejam. Tenho em alta conta textos que, vez ou outra, surgem puxando-nos “para dentro” da realidade do

Reino. É o que faz o texto do meu amigo Alcindo Almeida. Autor incansável, perseverante, com acentuada marca do genuíno pastor que escreve de alma para alma.

Alcindo esmiúça a complexidade dos paradoxos das bemaventuranças, das parábolas e da vida de Jesus no evangelho de Mateus e as traduz em linguagem para gente de verdade, que se senta nos bancos de uma comunidade e espera aprender do Senhor como a criança que olha para o pai na expectativa de ver sua mão estendida.

Para os gostos mais refinados, o texto do Alcindo também não deixa a desejar. Ele é um leitor ávido, seleciona trechos de suas leituras devocionais e os compartilha com o seu leitor, dosando cada capítulo com porções de obras consagradas. No entanto, é provável que a característica mais marcante de seu livro seja a maneira reverente como trata o texto bíblico, decorrente da sua própria vida de reverência ao Senhor que o salvou.

Mas, atenção, essa característica não deve ser apenas do livro, ela é a marca que as próprias bem-aventuranças e as demais partes do evangelho desejam imprimir em nosso ser, em nossa vida e na daqueles que são chamados a uma dinâmica de sinceridade no reino de Deus. Portanto, estão estampadas na vida do autor e certamente serão em você também.

Tenha uma ótima leitura!
Magno Paganelli Escritor

Dedicatória

Márcio Amaral: tivemos um bom tempo juntos na caminhada em Ermelino Matarazzo. Foram inúmeros acampamentos e cafés, durante os quais partilhamos a vida. E algo bem precioso em andar com Amaral é poder rir muito. É bom demais conviver com ele, sua esposa Célia e os filhos Marcela e Márcio.

Erick Garcia: tivemos uma caminhada muito joia, crescemos juntos na igreja de Ermelino. Estudamos as Escrituras juntos, oramos juntos. Ele e seu irmão Alexandro foram muito importantes na minha vida.

Miriam Gutierrez: ela é uma segunda mãe do coração, sou grato ao Eterno Deus pela vida dessa querida amiga. Conviver com seu filho Peron e morar na casa dela foi bom demais. Como é bom ter pessoas que investem na sua vida como essa família fez comigo. Miriam, obrigado pela sua vida!

Agradecimentos

Quero agradecer primeiramente a Deus, que tem me dado forças e saúde para produzir na vida pastoral e pessoal. Ele tem me sustentado em todo o tempo!

Faço questão de agradecer à minha querida e amada esposa Erika de Araújo Taibo Almeida e à nossa pequena Isabella. Elas têm paciência comigo quando tenho que dedicar tempo à escrita.

À Igreja Presbiteriana em Alphaville, pela caminhada nos últimos dois anos, aos amigos da equipe pastoral e a toda liderança.

Ao amigo Magno Paganelli, pelo prefácio.

Aos amigos Emilio e Rosana, da Editora Fôlego, por terem recebido com carinho o meu trabalho e assim editá-lo.

Introdução

Antes de sua conversão, Mateus, apelidado Levi, era um publicano, ou cobrador de impostos, em Cafarnaum. Como regra geral, admite-se que ele escreveu seu evangelho antes dos outros evangelistas.

O conteúdo desse evangelho e a prova dos escritores antigos mostram que ele foi escrito primordialmente para a nação judaica. O cumprimento da profecia era considerado pelos judeus como uma prova firme, portanto Mateus usa esse fato de forma especial.

Aqui há partes da história e dos sermões de nosso Salvador particularmente selecionados, por serem mais oportunos para despertar a nação a ter consciência de seus pecados; para eliminar suas expectativas errôneas de um reino terreno; para derrubar seu orgulho e engano para consigo mesma; para ensinar-lhe a natureza e a magnitude espiritual do evangelho; e para prepará-los para admitirem os gentios na Igreja¹.

E também há um destaque precioso no Sermão: Jesus dirigiu-o aos seus discípulos, mas parte da multidão de seguidores deve tê-lo ouvido, pois está escrito que “quando Jesus acabou de dizer essas coisas, as multidões estavam maravilhadas com o seu ensino...” (Mt 7.28 – NVI).

O texto é bem claro ao afirmar que Jesus subiu ao monte e se assentou. Os mestres antigos tinham o costume de ensinar assentados no chão, então foi uma palavra proferida quase que ao pé do ouvido.

O Sermão do Monte parece conter a essência do ensino de Jesus. Ele mostra a justiça de forma atraente, ao mesmo tempo em que deixa evidenciada a nossa frágil espiritualidade, mas nos faz sonhar com um mundo melhor.

Nesta série de ensinamentos (Mateus 5 a 7) Jesus mostra que aqueles que o seguem devem ser diferentes. Um texto-chave do Sermão do Monte para falar desse diferencial dos seguidores de Jesus em relação ao mundo é o que diz “não sejam iguais a eles” (Mt 6.8 – NVI). Todo o sermão mostra o contraste entre o padrão cristão e o não cristão.

No início do sermão Jesus nos chama para uma reflexão sobre as bem-aventuranças e entendemos que elas trazem bem-estar para a vida no Reino, trazem uma vida digna e sincera diante de Deus.

O Sermão do Monte nos mostra a importância do seu conteúdo e a relevância que ele tem para a nossa vida. As bem-aventuranças falam do caráter cristão (5.3-12). São sinais da conduta e do caráter cristão e as bênçãos para quem tem esses sinais na sua vida.

Mateus 5 a 7 parece representar um retiro de Jesus com seus discípulos, um típico “Acampamento de Verão”.

A expressão “Sermão do Monte” foi usada pela primeira vez por Agostinho. Esse é um ensino prático de Jesus aos seus discípulos. Mesmo que à primeira vista o padrão desses ensinamentos pareça inatingível, ele é verdadeiro e relevante para o nosso dia a dia no Reino.

No romance Ressurreição, de Tolstói, o príncipe Dmitri Nekhlyudov geralmente é considerado um alter ego do autor, e muito mal disfarçado. No final da novela, Nekhlyudov relê o evangelho de Mateus e vê no Sermão do Monte “não lindos pensamentos abstratos, que apresentam principalmente exigências exageradas e impossíveis, mas mandamentos simples, claros, práticos que, se fossem obedecidos (e isto parecendo ser bastante exequível), estabeleceriam uma ordem completamente nova na sociedade humana, onde a violência que enchia Nekhlyudov de indignação não só cessaria sozinha, mas também a maior de todas as bênçãos que o homem pode esperar, o reino dos céus na terra, seria alcançada”².

Introdução 13

John Stott disse:

“Os padrões do Sermão não podem ser imediatamente atingidos por todo o mundo, nem totalmente alcançados por qualquer um”. Dizer que o Sermão do Monte é inatingível, é ignorar o propósito de Jesus; mas dizer também que qualquer pessoa pode praticá-lo, é ignorar a natureza do pecado. Os ensinamentos de Jesus são praticáveis apenas por aqueles que já nasceram ou venham nascer de novo, conforme João 3.1-8. As bem-aventuranças descrevem o caráter equilibrado e diversificado do povo cristão. Não existem oito grupos separados e distintos de discípulos, alguns dos quais são mansos, enquanto outros são misericordiosos e outros, ainda, chamados para suportarem

perseguições. “São, antes, oito qualidades do mesmo grupo de pessoas que, ao mesmo tempo, são mansas e misericordiosas, humildes de espírito e limpas de coração, choram e têm fome, são pacificadoras e perseguidas”³.

Como observa Davidson, o “nome de Mateus (Mateus 9.9 e 10.3) se associa com ele desde o Século II. Existem na História Eclesiástica, de Eusébio, escrita cedo, no século IV, citações de Papias, bispo no século II (3.39), de Irineu, bispo de Leão, no século II (5.8,2) e de Orígenes, grande teólogo do século III (6.25). Todos estes concordam em afirmar que este Evangelho foi escrito por Mateus, para cristãos hebreus, na língua hebraica. Sem dúvida, estes escritores queriam dizer aramaico”⁴.

O propósito do evangelista é apresentar em ordem a história do nascimento, ministério, paixão e ressurreição de Jesus Cristo. Ele agrupa seus fatos ao redor de cinco grandes discursos de Nosso Senhor:

- O Sermão da Montanha (Mt 5.1-7.27);
- A comissão aos apóstolos (Mt 10.5-42);
- As parábolas (Mt 13.1-53);
- O discurso sobre a humildade e o perdão (Mt 18.1-35);
- O discurso apocalíptico (Mt 24.1-25.46)⁵.

Warren Wiersbe lembra que “a tradição diz que Mateus ministrou na Palestina durante vários anos, depois que Jesus voltou para o céu, e que fez viagens missionárias para levar o evangelho aos judeus dispersos entre os gentios. Seu trabalho é relacionado à Pérsia, Etiópia e Síria, e algumas tradições incluem ainda a Grécia. O Novo Testamento não diz coisa alguma sobre sua vida, mas podemos afirmar com certeza que, por onde quer que as Escrituras passem neste mundo, o Evangelho escrito por Mateus continua a ministrar ao coração de seus leitores”⁶.

¹ HENRY, Matthew. *Comentário Bíblico - Novo Testamento*. Rio de Janeiro: CPAD, 2004, p. 2.

² STOTT, John. *Contracultura cristã. A mensagem do Sermão do Monte*. São Paulo: ABU, 1981, p. 13.

³ Op. cit., p. 14.

⁴ DAVIDSON, F. (org.). *O Novo Comentário da Bíblia*. São Paulo: Vida Nova, 1997, p.1613.

⁵ Idem, ibidem, p. 1615.

⁶ WIERSBE, Warren W. *Comentário Bíblico Expositivo - Novo Testamento*. Santo André: Geográfica,

2006, p. 12. vol. 1.

Capítulo 1

O ministério profundo do Senhor Jesus Cristo

Mateus 4.1-17

Tentação é uma palavra presente em nossa vida diária. Ela é um acontecimento concreto que surge repentinamente no decorrer da vida. Para o homem físico, toda a vida é uma luta, e para o homem ético, cada hora é tempo de tentação. O cristão, entretanto, conhece as horas de tentação, que se distinguem das horas de proteção e defesa antes da tentação, da mesma forma que o diabo se distingue de Deus.⁷

O mesmo Deus que cria noite e dia também proporciona ao homem tempos de tormenta e oferece nesses momentos viagem tranquila. Deus permite que na nossa vida haja períodos de angústia e de temores como também propicia momentos de alegria e satisfação⁸.

Diante da realidade das tentações da vida, muitas delas produzidas pelos nossos próprios instintos carnavais, como podemos vencer as tentações, as astúcias provindas de Satanás, que é o pai da mentira, o príncipe do mundo terreno?

Vejamos o que podemos aprender com a narração de Mateus sobre a tentação de Jesus Cristo. Mateus expressa o caráter do ministério do Senhor Jesus Cristo após a sua unção pelo Espírito Santo para que Ele começasse a sua manifestação como o sumo sacerdote, profeta e rei por excelência do seu povo.

Mateus apresenta um Jesus diferente do que muitos ensinam por aí. Ele apresenta um Jesus poderoso, cheio do Espírito Santo e totalmente qualificado pelo Pai para a obra do seu Reino aqui na Terra. Portanto, vejamos quais são as lições que podemos tirar para a nossa vida espiritual.

Só vencemos as tentações quando somos guiados pelo Espírito Santo de Deus

“Então foi conduzido Jesus pelo Espírito ao deserto, para ser tentado pelo diabo. E, tendo jejuado quarenta dias e quarenta noites, depois teve fome” (vv. 1-2).

Jesus só teve sucesso espiritual para passar por essa tentação porque estava sendo guiado pelo Espírito Santo de Deus, pois na sua natureza humana jamais conseguiria suportá-la. O Espírito Santo foi dado em plena medida para o nosso Senhor exercer o seu ministério terreno. Jesus precisava da direção, da condução do Santo Espírito em sua vida para exercer a sua missão, a sua obra aqui na Terra.

O texto diz que por quarenta dias Jesus foi tentado pelo diabo e durante esse período não comeu coisa alguma. Pelo Espírito Santo Ele resistiu aos quarenta dias de fome e sede porque tinha o propósito de glorificar o Pai com essa atitude e ensinar a dependência do povo de Deus diante d’Ele.

Nessa tentação Ele não está somente como o Deus Filho, mas principalmente como Deus homem.

Se o Espírito Santo não for à nossa frente, nunca poderemos produzir nada na vida cristã, nunca poderemos andar em santidade diante de Deus, nunca venceremos as astúcias malignas de Satanás, que dia após dia tenta nos derrubar. É preciso que na nossa vida haja a direção, o guiar do Espírito Santo, pois do contrário seremos sempre derrotados na vida espiritual.

É bom entendermos que não crescemos na fé porque somos poderosos, mas porque o Espírito Santo nos ajuda. Não somos santos e não andamos no caminho da santidade porque somos pessoas boas e puras, mas porque o Espírito Santo opera em nós para que tenhamos uma vida santificada por Ele mesmo, que aplica a obra vicária de Jesus no nosso coração. Só o Espírito Santo pode nos conduzir à vitória sobre as tentações quando somos dirigidos e controlados por Ele.

Só vencemos as tentações quando temos a Palavra de Deus no nosso coração

O diabo disse a Jesus: “Se tu és Filho de Deus, manda que estas pedras se tornem em pães” (v. 3), e Ele respondeu: “Está escrito: Nem só de pão viverá o homem...” (v. 4). Jesus usa a Palavra para vencer as tentações de Satanás. Satanás quer provocar a messianidade de Jesus sabendo que de fato Ele é o Filho de Deus e tem total poder para tornar uma pedra em pão, mas Jesus entende que essa prova é para a glorificação do Pai e para o seu povo aprender a depender do Pai em todas as circunstâncias. Então Ele diz não à

tentação usando a sua própria Palavra. Ele mostra a Satanás que as coisas espirituais, as coisas do Reino de Deus, nos fazem renunciar a todos os prazeres da Terra.

O pão da terra satisfaz a fome terrena, mas o pão do céu, que é o próprio Senhor Jesus, satisfaz a fome espiritual, e só encontramos esse pão por meio da Palavra de Deus. Jesus vence a tentação porque está em sintonia com a Palavra de Deus, está inteiramente ligado com as coisas do Pai.

Mas Satanás tenta o Senhor Jesus novamente: “Então o diabo o transportou à cidade santa, e colocou-o sobre o pináculo do templo, e disse-lhe: Se tu és o Filho de Deus, lança-te de aqui abaixo; porque está escrito: Que aos seus anjos dará ordens a teu respeito, e tomar-te-ão nas mãos, para que nunca tropeces em alguma pedra” (vv. 5-6). O pináculo do templo era o topo do pórtico do templo de Salomão.⁹

Satanás sabia que se Jesus não sofresse a pena da tentação não estaria apto, dentro do plano eterno do Pai, para ser a oferta de sacrifício pelo pecado do seu povo. Por isso ele tenta levar Jesus para o caminho da vitória terrena, e não espiritual. Só que Jesus tinha na mente e no coração o propósito do Pai para Ele, que era sofrer a tentação e alcançar a glória não da Terra, mas do Pai, a vitória espiritual, o triunfo eterno, celestial, não o triunfo terreno. Ele responde novamente com a Palavra do Pai: “Também está escrito: Não tentarás o Senhor teu Deus” (v. 7). Jesus cala a boca de Satanás usando a Palavra de Deus.

Satanás, no entanto, não desiste de querer tentar o Senhor Jesus. “Novamente o transportou o diabo a um monte muito alto; e mostrou-lhe todos os reinos do mundo, e a glória deles. E disse-lhe: Tudo isto te darei se, prostrado, me adorares. Então disse-lhe Jesus: Vai-te, Satanás, porque está escrito: Ao Senhor teu Deus adorarás, e só a ele servirás” (vv. 8-10).

Satanás, de modo simbólico, mostra tudo aquilo que representa o poder terreno, mostra para o rei de todo o Universo o resplendor da civilização humana¹⁰, querendo persuadir Jesus a servi-lo ou então deixar de lado o plano da redenção.

Satanás quer usar a autoridade que lhe foi dada por Deus como o príncipe deste mundo corrupto, achando-se como o verdadeiro Deus da criação. É claro que ele tem certo poder dado por Deus, mas esse poder é restrito, é controlado pelo Pai, portanto ele só faz aquilo que Deus permite, segundo o seu querer e a sua vontade soberana.

No entanto, Jesus responde com a Palavra, excluindo qualquer homem ou

criatura criada por Deus que tenha algum desejo de ultrapassar o Pai. A adoração, o prostrar-se, o glorificar, o servir só é dirigido ao Pai e a ninguém mais. Jesus evidencia isso usando as Escrituras, a própria Palavra de Deus. Jesus nos ensina algo muito precioso para a nossa vida: só podemos vencer as tentações, as astúcias de Satanás, quando o nosso coração e a nossa mente estão voltados para a Palavra de Deus. Satanás tenta Jesus uma vez, e Jesus o vence com a Palavra; tenta-o a segunda vez, e Jesus o vence com a Palavra; tenta-o a terceira vez, e Jesus o vence com a Palavra.

Jesus mostra-se sensível para com a Palavra de Deus, pois ela está no seu coração. Jesus obedece à Palavra de seu Pai no momento da tentação, pois a Palavra faz parte do seu desenvolvimento como o Filho de Deus encarnado. Seus impulsos são dirigidos pelo Espírito Santo. Ele tem contato com a Palavra de Deus, conhece as Escrituras como o Jesus humano, pois a sua natureza humana foi muito testada aqui. Assim, fica a pergunta para nós: a Palavra de Deus é o nosso referencial de vida para vencer todas as astúcias de Satanás?

Não nos iludamos na vida espiritual, pois o diabo é mais poderoso do que nós. Sendo assim, sem a Palavra no coração nunca poderemos ser vitoriosos sobre as tentações da carne, as tentações da riqueza, do pecado da soberba, do orgulho, dos interesses pessoais etc.

Sem a Palavra de Deus no coração é impossível haver a ideia de cristianismo verdadeiro e vitória na vida espiritual. A Palavra diz em Tiago 4.7: “Sujeitai-vos, pois, a Deus, resisti ao diabo, e ele fugirá de vós”.

Pergunto: como vencemos o diabo? Tendo a Palavra de Deus no nosso coração quando nos sujeitamos ao Pai. Resistimos ao diabo, e ele foge de nós, como aconteceu na vida de Jesus.

Quando Paulo diz em Efésios 4.27 que não devemos dar lugar ao diabo, ele dá os meios pelos quais fazemos isso: praticando e obedecendo à Palavra de Deus. Quem não pratica a Palavra, quem não obedece à Palavra será sempre um derrotado, mesmo que tenha uma capa de piedade nas costas. Diante de Deus será sempre um derrotado, e o tempo mostrará isso. Se você notar a sequência do texto, perceberá que o diabo fugiu de Jesus naquela hora, foi embora porque viu que ele era um derrotado, espiritualmente falando. Os versículos 11 e 12 dizem: “Então o diabo o deixou; e eis que chegaram os anjos, e o serviam. Jesus, porém, ouvindo que João estava preso, voltou para a Galileia...”.

Jesus voltou para a Galileia no poder, na virtude do Espírito Santo (Lc 4.14),

e o diabo foi derrotado pelo poder de Deus. Aqueles que são guiados pelo Espírito Santo, que obedecem e têm a Palavra de Deus no coração têm um grande privilégio da parte do Pai: “Mas, todos nós, com rosto descoberto, refletindo como um espelho a glória do Senhor, somos transformados de glória em glória na mesma imagem pelo Espírito do Senhor” (2 Co 3.18). Que a graça de Cristo abunde em nosso coração a fim de que reflitamos minimamente o caráter d’Ele para que glorifiquemos o nosso Pai Celestial que está nos céus!

Para refletir e viver

- É bom entendermos que não crescemos na fé porque somos poderosos, mas porque o Espírito Santo nos ajuda.
- O pão da terra satisfaz a fome terrena, mas o pão do céu, que é o próprio Senhor Jesus, satisfaz a fome espiritual, e só encontramos esse pão por meio da Palavra de Deus.
- Quem não pratica a Palavra, quem não obedece à Palavra será sempre um derrotado, mesmo que tenha uma capa de piedade nas costas. Diante de Deus será sempre um derrotado, e o tempo mostrará isso.
- Sem a Palavra de Deus no coração é impossível haver a ideia de cristianismo verdadeiro.
- Sem a Palavra de Deus no coração é impossível haver vitória na vida espiritual.
- Aqueles que são guiados pelo Espírito Santo, que obedecem e têm a Palavra de Deus no coração têm um grande privilégio da parte do Pai.

⁷ BONHOEFFER, Dietrich. *Tentação*. São Leopoldo: Sinodal, 1995, p. 31.

⁸ Idem, p. 32.

⁹ CHAMPLIN, R. N. Op. cit., p. 47.

¹⁰ Idem, p. 46.

C a p í t u l o 2

Quem é Jesus?

Mateus 4.23-25

Qual é o propósito de Deus na vida dos homens? É mostrar a liberdade dos seus filhos através de uma pessoa chamada Jesus Cristo de Nazaré. Vejamos essa realidade na pessoa de Jesus.

Mateus apresenta-nos o evangelho como a Boa Nova para todos. Ele mostra a importância do Reino de Deus, que é uma potência e um poder presente, e a presença marcante desse Reino se dá com Jesus. N'Ele o reino é visto.

Quem é esse de quem os escritores bíblicos tanto falam?

Jesus é o Senhor e dono de toda a nossa história. Jesus é o Deus que se tornou homem para habitar em nosso meio. Jesus é o carpinteiro de Nazaré. Ele é ao mesmo tempo Deus e homem!

Ele é o carpinteiro que provavelmente tinha mãos ásperas por causa do grande trabalho, mas que era hábil em penetrar nos segredos da alma humana¹¹. Jesus é aquele cuja presença em Jerusalém impactou a vida de todos. Os textos das Escrituras afirmam que as multidões começaram a rodeá-lo de todos os cantos e todas as cidades vizinhas queriam vê-lo.

Quem é Jesus? Ele é aquele que nos coloca em contato com a nossa própria história, é aquele que resgata as páginas da nossa vida que dificilmente folheamos¹². Jesus é aquele que nos ama, apesar da nossa condição humana de pecadores, absolutamente imerecedores do seu amor e graça, é aquele que mostra com a sua própria vida que o individualismo não tem vez no seu Reino.

Seu comportamento incomodou muitas pessoas, porque Ele dizia que o maior não é o que é servido, e sim aquele que serve. Seu valor é para a comunidade, para as pessoas, e não para os egoístas, que querem viver sozinhos.

Jesus é aquele que penetra profundamente nas nossas emoções a fim de resolver todos os conflitos existenciais. Ele conseguiu atrair um homem rico como Nicodemus, que foi ter com Ele à noite para resolver seus dilemas.

Jesus é aquele que tem palavras profundas para a nossa alma. O texto de João 7.46 afirma: “Nunca homem algum falou como este homem”.

Jesus é aquele que fala ao mar e ele lhe obedece. O texto de Marcos 4.39 afirma: “Ele se levantou, repreendeu o vento e disse ao mar: ‘Aquiete-se! Acalme-se!’ O vento se aquietou, e fez-se completa bonança. Então perguntou aos seus discípulos: ‘Por que vocês estão com tanto medo? Ainda não têm fé?’ Eles estavam apavorados e perguntavam uns aos outros: ‘Quem é este que até o vento e o mar lhe obedecem?’” (NVI).
Você não quer conhecer esse Jesus que dá significado à sua existência, esse Jesus que vai ao íntimo do nosso ser?

O que Jesus faz?

Ele se dá em favor de pecadores

As Escrituras afirmam que Jesus foi extremamente humilhado.

“O povo diz: ‘Quem poderia acreditar naquilo que acabamos de ouvir? Quem diria que o Deus Eterno estava agindo? Pois o Eterno quis que o seu servo aparecesse como uma plantinha que brota e vai crescendo em terra seca. Ele não era bonito nem simpático, nem tinha nenhuma beleza que chamasse a nossa atenção ou que nos agradasse. Ele foi rejeitado e desprezado por todos; ele suportou dores e sofrimentos sem fim. Era como alguém que não queremos ver; nós nem mesmo olhávamos para ele e o desprezávamos. No entanto era o nosso sofrimento que ele estava carregando, era a nossa dor que ele estava suportando. E nós pensávamos que era por causa das suas próprias culpas que Deus o estava castigando, que Deus o estava maltratando e ferindo’” (Is 53.1-4 – BLH).

A vida de Jesus foi muito marcante, e a sua entrega em favor do nosso coração e da nossa alma foi algo sem explicação. Ele foi martirizado, humilhado, como o texto afirma, por causa da nossa redenção.

Somos livres hoje por causa da entrega, da doação de Cristo numa cruz. Você já parou para pensar nessa entrega de Jesus em seu favor? Você já pensou no significado desse amor doador? Não hesite, entregue-se a esse doador da vida e você terá vida!

Ele sofre em nosso favor

“Porém ele estava sofrendo por causa dos nossos pecados, estava sendo castigado por causa das nossas maldades. Nós somos curados pelo castigo que ele sofreu, somos sarados pelos ferimentos que ele recebeu. Todos nós

éramos como ovelhas que se haviam perdido; cada um de nós seguia o seu próprio caminho. Mas o Deus Eterno castigou o seu servo; fez com que ele sofresse o castigo que nós merecíamos. Ele foi maltratado, mas aguentou tudo humildemente e não disse uma só palavra. Ficou calado como um cordeiro que vai ser morto, como uma ovelha quando cortam a sua lã. Foi preso, condenado e levado para ser morto, e ninguém se importou com o que ia acontecer com ele. Ele foi expulso do mundo dos vivos, foi morto por causa dos pecados do nosso povo. Foi enterrado ao lado de criminosos, foi sepultado com os ricos, embora nunca tivesse cometido crime nenhum, nem tivesse dito uma só mentira” (Is 53.5-9 – BLH).

O texto afirma que Ele estava sofrendo por causa dos nossos pecados, estava sendo castigado por causa das nossas maldades. Nós somos curados pelo castigo que Ele sofreu, somos sarados pelos ferimentos que Ele recebeu.

O texto também afirma que éramos como ovelhas que se haviam perdido; cada um de nós seguia o seu próprio caminho. Mas o Senhor castigou o seu servo, fez com que Ele sofresse o castigo que merecíamos:

- Ele foi maltratado;
- Ficou calado como um cordeiro que vai ser morto;
- Foi preso, condenado e levado para ser morto;
- Ele, sendo dono do mundo, foi expulso da convivência humana;
- Ele foi morto por causa dos pecados do nosso povo;
- Foi crucificado ao lado de criminosos.

Veja que a cruz é algo angustiante para um justo passar em favor de pecadores. Mas Jesus morreu em nosso lugar como o mais vil dos homens, passando por todos os suplícios¹³. Ele suportou toda essa dor em nosso lugar para quê? Para que tenhamos vida e liberdade.

Qual é a missão de Jesus entre nós?

Ensinar verdades preciosas para o coração

Ele veio ao mundo e trouxe verdades que questionam todos os

homens. No exemplo da mulher adúltera Ele ensinou aos fariseus e mestres da religião que devemos usar a lei em função do amor e da graça do perdão. Do contrário, seremos pessoas absolutamente legalistas e presunçosas.

Ele veio nos libertar de nós mesmos para o seu evangelho. Ele disse que se conhecermos a verdade, ela nos libertará. Ele é essa verdade que nos liberta

dos nossos preconceitos e egoísmo.

Pregar o evangelho do Reino ao nosso coração

Jesus disse que o Reino estaria não nas estruturas institucionais do colégio judaico da época, mas dentro das pessoas. O que é o Reino? É a própria vida de Deus em nosso coração. É o domínio total daquele que nos criou para a sua própria glória.

O Reino é a vida de serenidade e tranquilidade no coração. O Reino de Deus é viver com paz em um mundo que só vive em guerras humanas e existenciais. A proposta do Reino não é prender as pessoas, mas dar um significado verdadeiro do que é ser livre. Ter o Reino de Deus no coração é viver uma liberdade que nos livra da opressão e da injustiça.

Ter o Reino de Deus no coração é viver uma liberdade que nos faz depender não da estrutura humana, mas daquele que é o autor e construtor da vida: Jesus Cristo de Nazaré.

Curar nossa alma diante de todas as crises e dilemas Por que as pessoas iam até Jesus? Porque Ele era uma pessoa que transpirava saúde. Ninguém teria se aproximado d'Ele caso vissem que era uma pessoa amarga, deprimida, desencorajadora. Jesus sempre celebrou a vida. Ele é o Senhor da vida e nos quer libertar de atitudes e hábitos que nos levam à enfermidade da alma.

O texto afirma: “E percorria Jesus toda a Galileia, ensinando nas suas sinagogas e pregando o evangelho do reino, e curando todas as e enfermidades e moléstias entre o povo” (Mt 4.23).

Jesus veio para sofrer e morrer em nosso lugar para que sejamos conduzidos a percorrer o caminho da emoção e da liberdade de maneira sadia e perfeita. Ele veio assumir o nosso lugar para resgatar a imagem e semelhança de Deus em nós, para que tenhamos a cura dos dilemas que arruínam a nossa alma.

Ele veio trazer a cura dos pecados que tiram o nosso sono e da nossa presunção que nos atrapalha perdoar a pessoa que tanto nos feriu e causou males terríveis na nossa alma.

Ele veio trazer cura para o nosso espírito e para o coração estar sensível e aberto para que ouçamos a sua voz e direção para o nosso coração. Ele veio trazer cura daquele jeito opressor de tratarmos as nossas esposas e os nossos filhos.

Ele veio trazer a cura da nossa falta de simplicidade em tratar a vida e as

pessoas. Ele veio trazer cura a fim de nos transformar em pessoas mais humildes e que olham para a alma e não para as riquezas e posses que as pessoas têm. Ele veio para trazer cura para a nossa alma a fim de olharmos mais para os humilhados, incompreendidos, abandonados e feridos¹⁴. Jesus veio para sofrer e morrer em nosso lugar para restaurar a importância da nossa história. Sua missão é nos levar para a liberdade através do ensino, da pregação do Reino e da cura de todos os dilemas da nossa alma. Que a graça d'Ele seja sobre nós!

Para refletir e viver

- Jesus é aquele que resgata as páginas da nossa vida que dificilmente folheamos.
- Jesus é aquele que tem palavras profundas para a nossa alma.
- Jesus veio nos libertar de nós mesmos para o seu evangelho.
- Reino de Deus é viver com paz em um mundo que só vive em guerras humanas e existenciais.
- Jesus veio para sofrer e morrer em nosso lugar para que sejamos conduzidos a percorrer o caminho da emoção e da liberdade de maneira sadia e perfeita.
- Jesus veio trazer a cura dos pecados que tiram o nosso sono.
- Jesus veio trazer a cura da nossa presunção que nos atrapalha perdoar a pessoa que tanto nos feriu e causou males terríveis na nossa alma.
- Jesus veio para sofrer e morrer em nosso lugar para restaurar a importância da nossa história.

¹¹ CURY, Augusto. *O mestre da vida*. Rio de Janeiro: Sextante, 2006, p.15.

¹² Idem, p. 17.

¹³ CURY, Augusto. Op. cit., p. 86.

¹⁴ CURY, Augusto. Op. cit., p. 156.

C a p í t u l o 3

Bem-aventurados os pobres de espírito

Mateus 5.1-3

A sabedoria ensina que o alvo da nossa vida é vivermos com Deus para sempre na perspectiva do cristianismo simples e verdadeiro. Somos peregrinos que estão de passagem, e Jesus nos aconselha a contarmos os poucos dias que temos a fim de alcançarmos corações sábios e humildes diante d'Ele.

Segundo Brennan Manning, quando aceitamos que a conquista suprema da vida é viver a ternura do modo de ser e não do modo de fazer, entendemos o caminho da humildade¹⁵. Ele diz que orar Abba no Espírito é fazer a nossa vida interior refletir a de Jesus e se tornar um filho ou filha no Filho de Deus. E quando oramos assim, percebemos aos poucos que a pobreza de espírito do mestre divino começa a tomar conta do nosso coração e passamos a viver mais intensamente a proposta do Reino de Deus.

Hernandes Dias Lopes, em seu livro *A parábola do bambu*, usa a figura dessa planta aplicada à nossa vida. O bambu tem uma facilidade impressionante de se curvar diante das tempestades porque é flexível. Embora muito resistente, ele é maleável. O vento bate, e a mesma haste que chega às alturas também desce até o chão. Por se curvar, ele não se quebra. Para nós, isso é símbolo de quebrantamento.

Muitas árvores imponentes não resistem às grandes tempestades porque não se dobram, e não é diferente conosco. Muitos, diante das tempestades, engrossam e querem enfrentar as dificuldades.

Às vezes precisamos recuar, repensar e depois tomar as nossas decisões. Precisamos aprender com o bambu a lição da humildade, sendo flexíveis quando for necessário. Temos visto algumas árvores, que aparentemente são inabaláveis, tombando diante da primeira tempestade que enfrentam. Há pessoas que só têm aparência, vivem de ilusão.

John Mackay, no seu livro *O sentido da vida*, narra a história de Peer Gynt,

personagem da peça homônima de Henrik Ibsen, que resolveu deixar sua terra e sair pelo mundo com a finalidade de desfrutar de todas as regalias que este pudesse lhe oferecer. Realizou seu sonho e, já velho, retornou para sua casa, ainda sem preencher o vazio do seu coração. Então, cavando o chão, arrancou uma cebola e começou a tirar cada uma das suas cascas, às quais dava o nome de uma das suas aventuras. Ao terminar, viu que a cebola não tem cerne e disse: “A minha vida é como essa cebola, só tem casca”.

Há muitas pessoas, como Peer Gynt, que só têm casca. Por dentro não há nada que se aproveite. Que pena! Feliz é aquele homem que aprende com o bambu. Apesar de crescer para cima, diante das dificuldades sabe se humilhar, sabe descer ao chão para recomeçar após a tempestade porque é flexível.

Alguém já disse: a humildade é a rainha das virtudes. E aprendemos na Bíblia que só os humildes serão exaltados. Uma pessoa humilde não faz propaganda das suas próprias obras, não louva a si mesma, não toca trombeta dos seus próprios feitos. O bambu, depois da tempestade, volta às alturas e continua ereto.

Quando nos humilhamos, Deus nos exalta. Vejamos o que podemos aprender no ensino de Jesus sobre as bemaventuranças.

A ternura da vida é ser humilde de espírito “E Jesus, vendo a multidão, subiu ao monte, e, assentando-se, aproximaram-se dele os seus discípulos; e, abrindo a sua boca, os ensinava, dizendo: Bem-aventurados os pobres [humildes] de espírito, porque deles é o reino dos céus” (vv. 1-3).

Jesus se assenta para falar aos seus de quem é o Reino de Deus. Ele está num monte, o que dá a ideia de um lugar da revelação divina¹⁶. E lá Ele diz que o Reino é dos pobres (humildes) de espírito. Estes são felizes, bem-aventurados na presença de Deus.

Mas o que é ser pobre de espírito? Ser pobre de espírito é se apresentar vazio na presença de Deus, é abdicar das atitudes orgulhosas da nossa autossuficiência e reconhecer que somos devedores a Deus. Ser pobre de espírito é reconhecer que não conseguimos respirar sozinhos diante das humilhações e sofrimentos que passamos na vida, é cultivar a humildade na presença do Pai. Na cultura judaica significa se curvar em sentido de humilhação. É o oposto de se erguer com forma orgulhosa.

Ser pobre de espírito é acolher todas as coisas que recebemos da parte de Deus como um dom, um presente da graça e do cuidado d'Ele¹⁷. A pobreza de espírito ensinada por Jesus é aquela que faz o nosso coração ter uma pureza e simplicidade com as quais acolhemos tudo o que a vida nos dá. Olhando para a realidade desse texto podemos compreender por que há tanta guerra, tanta violência na Terra. Falta a pobreza de espírito para compreender o respeito pelo próximo como criação de Deus Pai, para não trabalharmos com a ganância de termos aquilo que é dos outros. Jesus nos convida a sermos pobres de espírito no sentido de abirmos mão de tudo o que sabemos. E é claro que não é negarmos aquilo que sabemos, mas relativizar o nosso conhecimento para abraçarmos os outros que nos cercam e marcam a nossa vida.

Jesus deseja que sejamos pobres de espírito no fato de considerarmos os outros melhores do que nós. Paulo, em Filipenses 2.1-4, nos mostra este caminho já ensinado pelo nosso Senhor Jesus: “Portanto, se há algum conforto em Cristo, se alguma consolação de amor, se alguma comunhão no Espírito, se alguns entranháveis afetos e compaixões, completai o meu gozo, para que sintais o mesmo, tendo o mesmo amor, o mesmo ânimo, sentindo uma mesma coisa.

Nada façais por contenda ou por vanglória, mas por humildade; cada um considere os outros superiores a si mesmo. Não atente cada um para o que é propriamente seu, mas cada qual também para o que é dos outros”.

O que é mais precioso para Jesus nesse sermão? É termos a consciência de cultivarmos um coração grato e humilde na presença d'Ele. Termos uma mão que recebe e dá no Reino. Recebe graça e dá graça. Recebe amor e dá amor. Recebe perdão e perdoa. Recebe misericórdia e doa misericórdia para os outros. Mesmo que houvesse muitos pobres por causa do sofrimento causado pelas autoridades romanas, a fala de Jesus quanto aos pobres de espírito é essencialmente espiritual.

A afirmação de Jesus é que esses pobres de espírito são felizes e dos tais é o Reino de Deus. Então o Reino é para aqueles que entendem no coração o desejo de Deus, que é nos curvamos em direção ao chão¹⁸.

Martyn Lloyd-Jones, no seu livro *Estudos no sermão do Monte*, diz algo preciso:

Não podemos ser “cheios do Espírito” enquanto não formos primeiramente esvaziados. Não se pode encher de vinho um odre cujo conteúdo ainda não tenha sido despejado. Essa, pois, é uma

das afirmativas que nos fazem recordar que existe uma espécie de esvaziamento antes de haver um enchimento. O Evangelho sempre exhibe duas facetas: há o derribamento e a edificação. Você deve saber que o aniquilamento vem antes da elevação. Portanto, faz parte essencial do Evangelho o fato que a convicção de pecado sempre deve anteceder a conversão. O Evangelho de Cristo condena ao pecador antes de libertá-lo¹⁹.

Então, tocar no chão é olhar para baixo, e o que olha para baixo lutando contra o orgulho entende o que é ser pobre de espírito, entende o que significa levar a cruz negando a si mesmo. Entende perfeitamente que não podemos ser “cheios do Espírito” enquanto não formos primeiramente esvaziados.

Nessa perspectiva Jesus não contempla um Reino de ostentação e de glória terrena para si mesmo e para os seus seguidores, mas um Reino de humildade e de entrega, daí a necessidade espiritual de sermos humildes de espírito neste Reino. John Stott diz:

Assim, ser “humilde (pobre) de espírito” é reconhecer nossa pobreza espiritual ou, falando claramente, a nossa falência espiritual diante de Deus, pois somos pecadores, sob a santa ira de Deus e nada merecemos além do juízo de Deus. Nada temos a oferecer, nada a reivindicar, nada com que comprar o favor dos céus. Nada em minhas mãos eu trago, Simplesmente à tua cruz me apego; Nu, espero que me vistas; Desamparado, aguardo a tua graça; Mau, à tua fonte corro; Lava-me, Salvador, ou morro. Esta é a linguagem do pobre (humilde) de espírito. Nosso lugar é ao lado do publicano da parábola de Jesus, clamando com os olhos baixos: “Deus, tem misericórdia de mim, pecador!” Como Calvino escreveu: “Só aquele que, em si mesmo, foi reduzido a nada, e repousa na misericórdia de Deus, é pobre de espírito”²⁰.

Como podemos ser pobres de espírito?

Tendo humildade em reconhecer que precisamos melhorar o relacionamento com Deus

Pobreza de espírito é quando eu dependo de um relacionamento profundo com o Deus da aliança e percebo que não posso andar sozinho.

Tendo submissão à autoridade das Escrituras

Não há coisa mais detestável em alguém que diz seguir a Cristo do que a arrogância, e nada é mais apropriado ou atrai mais do que a humildade. E um elemento essencial na humildade cristã é a disposição para ouvir e receber a Palavra de Deus²¹.

Tendo a humildade de reconhecer os outros como melhores do que nós

Paulo nos ensina sobre isso quando diz que devemos considerar os outros superiores a nós mesmos. E o exemplo para essa atitude é Jesus Cristo de Nazaré. Que Deus, na sua infinita graça, nos ajude a aprender o discipulado de sermos pobres de espírito!

Para refletir e viver

- Quando aceitamos que a conquista suprema da vida é viver a ternura do modo de ser e não do modo de fazer, entendemos o caminho da humildade.
- Ser pobre de espírito é acolher todas as coisas que recebemos da parte de Deus como um dom, um presente da graça e do cuidado d’Ele.
- Jesus nos convida a sermos pobres de espírito no sentido de abrímos mão de tudo o que sabemos.
- Tocar no chão é olhar para baixo, e o que olha para baixo lutando contra o orgulho entende o que é ser humilde de espírito, entende o que significa levar a cruz negando a si mesmo.

¹⁵ MANNING, Brennan. *A sabedoria da ternura*. Brasília: Palavra, 2007, p. 14. FABRIS,

¹⁶ Rinaldo; BARBAGLIO, Giuseppe; MAGGIONI, Bruno. Op. cit., p. 109.

¹⁷ LELOUP, Jean Yves. *Livro das bem-aventuras e do Pai nosso*. Rio de Janeiro: Vozes, 2004, p. 62.

¹⁸ NOUWEN, Henri. *O caminho para o amanhecer*. cit., p.185.

¹⁹ LLOYD-JONES, Martyn. *Estudos no sermão do Monte*. São Paulo: Fiel, 1999, p. 37.

²⁰ STOTT, John. Op. cit., p. 19.

²¹ STOTT, John. *Ouçã o Espírito, ouçã o mundo*. São Paulo: ABU, 2005, p. 81.

C a p í t u l o 4

Bem-aventurados os que choram

Mateus 5.4

No filme *Voltando a ViVer* (2003), há um rapaz que chora a sua infância e adolescência, e no processo de tratamento das suas feridas ele cita um poema sobre o choro para o seu terapeuta. Aqui cito uma parte desse poema: “Quem vai chorar pelo menino? Quem chora dentro de mim. Quem vai chorar pelo menino? Eu sempre choro”.

Vejamos o que Jesus nos ensina através dessa bem-aventurança.

Deus nos consola quando choramos pelo que é honesto A frase usada pelo nosso Mestre – Bem-aventurados os que choram, porque eles serão consolados – parece um paradoxo! O choro geralmente está associado a dor, sofrimento e dificuldades. Algumas vezes está associado à alegria, quando temos uma conquista na vida. A verdade é que em geral evitamos chorar, principalmente os homens, por causa daquilo que chamamos de machismo.

O que nos leva a chorar?

Lado positivo Pena/compaixão Saudades
Gratidão
Alegria
Arrependimento Amor
Conquistas Lado negativo Indignação Raiva
Tristeza
Perda/abandono Culpa/remorso Susto
Medo
Casamento Dor Nascimento Morte

Um grande presente Variação hormonal/TPM

As Escrituras dão valor ao choro. Deus nos deu essa condição como seres humanos. O choro pode ser uma terapia para o corpo e também para a nossa alma. Ele alivia a angústia e libera muitas das nossas tensões. Ele é uma

válvula de escape nas horas de angústia e tristeza da alma. É claro que estamos falando do choro sincero, e não daquele que é envolvido com a hipocrisia (as chamadas “lágrimas de crocodilo”).

O choro pode estar ligado a homens e mulheres abandonados pelos companheiros, à experiência de um pai corroído pela angústia e depressão causadas pela morte de um filho e a pessoas que, consideradas velhas pelo mercado de trabalho, perderam o emprego, o negócio ou as suas economias²².

Só que no texto de Mateus Jesus nos fala de um motivo específico de choro, que faz parte daqueles que têm as qualidades espirituais do cidadão do Reino de Deus.

Quando olhamos para as bem-aventuranças, entendemos que chorar está intimamente ligado à pobreza de espírito. Na verdade é uma decorrência de ser pobre de espírito. A tradução do original grego para a palavra choro em Mateus 5.4 tem a ver com lamento e aflição. E num sentido bem espiritual, alude à tristeza pelo processo do pecado na vida humana. Alude aos momentos de perseguição que os cristãos passavam naquele tempo. Por isso Jesus usa a palavra consolo para os membros do Reino. Eles serão consolados através do perdão dos pecados.

Eles serão consolados quando passarem pelo processo de sofrimento, por causa da prática da justiça, e também serão consolados nos processos de perdas, saudades e dores da alma.

Qual é o motivo de seu choro? Pelo que você está chorando hoje? Você chora pelo pecado cometido?

Você chora por causa da injustiça no mundo?

Você chora por causa de uma espiritualidade fraca? Você chora pela distância dos preceitos de Deus?

Aqui estão algumas razões pelas quais as pessoas que têm o Reino

de Deus no coração choram:

Alguns choram de tristeza pelos pecados cometidos A verdade é que hoje há falta desse tipo de choro espiritual na Igreja. A superficialidade tomou conta do nosso coração de tal maneira que não lamentamos mais como

Esdras e Jeremias lamentaram na presença de Deus.

O Dr. Martin Lloyd-Jones nos chama a atenção para isso dizendo que tanto o nosso senso de pecado quanto a compreensão exata da doutrina do pecado são defeituosos. A falta da convicção profunda de que quando entristecermos Deus é pecado invadiu a Igreja atual²³. É exatamente na questão do “choro espiritual” por causa dos nossos pecados que a relativização entra e a superficialidade reina.

O pobre de espírito é aquele que está disposto a reconhecer sua falência moral para depender da justiça e retidão que só Deus pode proporcionar por meio de sua vida. Ao tomar consciência de sua falência moral, o que se espera é que a pessoa chore por sua condição.

Veja o choro de Paulo: “Miserável homem que eu sou! quem me livrará do corpo desta morte?” (Rm 7.24). Vejam o choro de Jó: “Os meus ossos se apegaram à minha pele e à minha carne, e escapei só com a pele dos meus dentes. Compadecei-vos de mim, amigos meus, compadecei-vos de mim, porque a mão de Deus me tocou” (Jó 19.20-21). Veja o choro profundo do profeta Jeremias: “Castiga-me, ó Senhor, porém com juízo, não na tua ira, para que não me reduzas a nada” (Jr 10.24); “Chora amargamente de noite, e as suas lágrimas lhe correm pelas faces; não tem quem a console entre todos os seus amantes; todos os seus amigos se houveram aleivosamente com ela, tornaram-se seus inimigos. (...) Já se consumiram os meus olhos com lágrimas, turbadas estão as minhas entranhas, o meu fígado se derramou pela terra por causa do quebrantamento da filha do meu povo; pois desfalecem o menino e a criança de peito pelas ruas da cidade. (...) Águas correram sobre a minha cabeça; eu disse: Estou cortado. Invoquei o teu nome, Senhor, desde a mais profunda masmorra” (Lm 1.2; 2.11; 3.54-55).

Há cristãos que são incapazes de chorar. É a realidade daqueles arrogantes descritos no salmo 73. A consciência deles está cauterizada. Eles não choram pelos seus pecados nem pelos dos outros: “Pois eu tinha inveja dos néscios, quando via a prosperidade dos ímpios. Porque não há apertos na sua morte, mas firme está a sua força. Não se acham em trabalhos como outros homens, nem são afligidos como outros homens. Por isso a soberba os cerca como um colar; vestem-se de violência como de adorno. Os olhos deles estão inchados de gordura; eles têm mais do que o coração podia desejar. São corrompidos e tratam maliciosamente de opressão; falam arrogantemente” (Sl 73.3-8).

Jeremias é um modelo de alguém que chora pelos seus pecados e pelos do seu povo. Ele entende que é preciso lamentar a ruína espiritual do seu povo.

Então ele chora e verdadeiramente é um pobre de espírito diante de Deus. Thomas Cranmer não exagerou quando, num culto comemorando a Ceia do Senhor, em 1662, disse: “Reconheçamos e lamentemos nossos pecados e maldades”. Esdras não errou quando orava fazendo confissão e chorando prostrado diante da casa de Deus.

Sejamos francos: parece que hoje não existe tristeza suficiente por causa do pecado entre nós. Deveríamos experimentar mais “tristeza segundo Deus” no arrependimento cristão (cf. 2 Coríntios 7.10). David Brainerd escreveu em seu diário em 18 de outubro de 1740:

Em minhas devoções matinais minha alma se desfez em lágrimas e chorou amargamente por causa da minha extrema maldade e vileza. Lágrimas como estas são a água santa que se diz Deus guardar em seu odre²⁴.

Agostinho de Hipona, no livro *Confissões – A atração do pecado*, diz: Eu, miserável, que frutos colhi das ações que cometi então e que agora recorro envergonhado, especialmente daquele furto que me satisfiz pelo fruto em si e nada mais! De fato, ele em si nada valia, e por isso, me tornei ainda mais miserável! No entanto, eu não o teria praticado, se estivesse sozinho. Lembro-me bem do meu estado de alma: sozinho não o teria feito absolutamente. Portanto, amei também no furto a companhiadaquelescomquemocometi;daí não serverdadeteramado apenas o furto em si. Não, não amei mais nada, pois a cumplicidade não é mais um nada. O que será ela na realidade? Quem me pode responder senão aquele que me ilumina o coração e lhe dissipa as trevas? Por que me ocorreu indagar, discutir, analisar estes fatos? Se eu tivesse na ocasião desejado de fato aqueles frutos que roubei, e com eles me tivesse regalado, poderia tê-los roubado sozinho. Poderia ter cometido a iniquidade, satisfazendo o meu desejo, sem necessidade de estimular, por outras companhias, o prurido de minha cobiça. O fato é que não eram os frutos que me atraíam, mas a ação má que eu cometia em companhia de amigos, que comigo pecavam²⁵.

Tais pessoas que choram e lamentam a sua própria maldade serão consoladas pelo único consolo que pode aliviar o seu desespero, isto é, o perdão da graça de Deus.

Jesus chorou pelos pecados de outros, pelas amargas consequências que trariam no juízo e na morte, e pela cidade impenitente que não o receberia²⁶.

Nós também deveríamos chorar mais pela maldade do mundo, como os homens piedosos dos tempos bíblicos. Como diz o salmista: “Rios de águas correm dos meus olhos, porque não guardam a tua lei” (Sl 119.136).

Aprendamos a chorar os nossos pecados diante de Deus porque o consolo d’Ele só vem quando experimentamos a convicção real dos nossos pecados.

Alguns choram de alegria pelos pecados perdoados Paulo diz: “Dou graças a Deus por Jesus Cristo nosso Senhor. Assim que eu mesmo com o entendimento sirvo à lei de Deus, mas com a carne à lei do pecado. Portanto, agora nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus...” (Rm 7.25, 8.1).

Veja como Jesus intercede por nós para trazer alegria pelo perdão diante d’Ele: “Meus filhinhos, estas coisas vos escrevo, para que não pequeis; e, se alguém pecar, temos um Advogado para com o Pai, Jesus Cristo, o justo” (1 Jo 2.1).

É bem interessante que a tristeza do pecado numa perspectiva bíblica se torna em alegria preciosa. Este é o estágio da bênção espiritual. O choro que gera a alegria profunda é quando há confissão da nossa parte diante do Senhor pelo erro que cometemos.

Diante das confissões de pecados que fazemos há conforto quando choramos. Quando choramos também pela morte física e a separação que ela traz, podemos ser consolados porque Jesus venceu a morte e o túmulo. A palavra de Jesus é forte demais para o nosso coração. Quando choramos por algo sincero e honesto, Ele vem nos consolar e nos fortalecer. Quando choramos por algo sincero e honesto, Deus nos derrama da sua graça e nos abençoa com a sua bondosa mão de cuidado e alívio.

Aprendamos que a alegria da alma só vem depois do choro por causa dos pecados que entristecem o coração de Deus!

Para refletir e viver

- O choro pode ser uma terapia para o corpo e também para a nossa alma. Ele alivia a angústia e libera as nossas tensões. Ele é uma válvula de escape nas horas de angústia e tristeza da alma.
- Nós também deveríamos chorar mais pela maldade do mundo, como os homens piedosos dos tempos bíblicos. Como diz o salmista: “Rios de águas correm dos meus olhos, porque não guardam a tua lei” (Sl 119.136).

- Diante das confissões de pecados que fazemos há conforto quando choramos.
- A palavra de Jesus é forte demais para o nosso coração. Quando choramos por algo sincero e honesto, Ele vem nos consolar e nos fortalecer.

²² WILLARD, Dallas. A conspiração divina. São Paulo: Mundo Cristão, 2001, p. 140.

²³ LLOYD-JONES, Martyn. Op. cit., p. 50.

²⁴ PIPER, John. O sorriso escondido de Deus. São Paulo: Shedd Publicações, 2001, p. 138.

²⁵ AGOSTINHO, Santo. Confissões. São Paulo: Paulus, 2002, p. 22.

²⁶ STOTT, John. Contracultura cristã cit., p. 20.

Capítulo 5

Bem-aventurados os mansos

Mateus 5.5

Há uma grande diferença entre Mahatma Gandhi e Rabindranath Tagore.

Mohandas Karamchand Gandhi, mais conhecido como “Mahatma” (grande alma) Gandhi, permaneceu por vinte anos na África do Sul defendendo a minoria hindu, liderando a luta de seu povo pelos seus direitos. Mas, apesar de sua notória vida ser lembrada no mundo todo, ele tinha atitudes violentas, inclusive para com a sua esposa e filhos. Ele praticava a vida violência moral, que é uma maneira de fazer pressão sobre outros através do pensamento e de uma ideologia²⁷.

Rabindranath Tagore é um escritor indiano que nasceu em Calcutá em 1861 e morreu em Bengala em 1941. Depois de receber educação tradicional na Índia, completou a formação na Inglaterra entre os anos de 1878 e 1880. Começou sua carreira poética com volumes de versos em língua bengali e em 1931 recebeu o prêmio Nobel de literatura. Desde então seus livros foram traduzidos para o inglês, a fim de lhes garantir maior difusão. Em suas poesias, Tagore oferece ao mundo uma mensagem humanitária e universalista. Seu mais famoso volume de poesias é “Gitãñjali” (Oferenda poética).

Em 1901 ele fundou uma escola de filosofia em Santiniketan, que, em 1921, foi transformada em Universidade. Tagore tinha uma espécie de doçura natural e exerceu a não violência. Quando ele andava pelos campos, acariciava o solo. Uma de suas frases mais incisivas é: “Quanto maiores somos em humildade, tanto mais próximos estamos da grandeza”.

A doçura da vida é a força motriz para todos os relacionamentos, é o domínio de tudo o que é irascível no nosso coração. A forma branda, dócil e terna de nos relacionarmos com as pessoas é o desejo de Jesus quando nos fala e nos ensina no Sermão do Monte. A forma pela qual tratamos as pessoas é o desejo expresso de Jesus na prática da bem-aventurança da mansidão.

O que aprendemos com Jesus nessa bem-aventurança?

Os que andam com Deus sempre são gentis e controlados

O texto afirma: Bem-aventurados os mansos, porque eles herdarão a terra.

Qual é o significado de manso? Manso significa a bondade de espírito.

Bondade é o oposto do egoísmo. Ela se origina da confiança na bondade de Deus e controle diante de qualquer situação. A pessoa suave não está ocupada com o ego, ao contrário, ela abre mão dele por ser mansa e humilde.

Na verdade é o trabalho que o Espírito Santo faz em nós para que tenhamos um controle da vontade humana, que é sempre egoísta e individualista.

Quando lemos Gálatas 5.22-23, percebemos a ênfase desta obra do Senhor em nosso interior: “Mas o fruto do Espírito é: amor, gozo, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fé, mansidão, temperança. Contra estas coisas não há lei”.

Em Mateus 5.5 o adjetivo grego *praüs* significa gentil, humilde, atencioso, cortês, brando, dócil e terno. É aquele que exerce autocontrole, sem o qual essas qualidades seriam impossíveis de praticar. Jesus utilizou essa mesma palavra quando afirmou que é “manso (*praüs*) e humilde de coração” (Mt 11.29). “O apóstolo Paulo falou sobre a mansidão e a benignidade de Cristo” (2 Co 10.1).

Os mansos são pessoas que padecem sob o mal, sem se deixarem contaminar pelo espírito de amargura, mas com paciência buscam qualidades aprovadas por Deus. Os mansos não apenas não revidam às agressões, sejam elas físicas ou verbais, mas, a despeito das circunstâncias desfavoráveis, se deleitam na abundância da paz.

Manso é aquele que entrega todos os seus direitos a Deus e às pessoas, que abre mão de tudo o que tem. Ele entrega voluntariamente todos os seus direitos, tanto de posse como de reação (2 Co 2.7).

Mansidão não significa deixar a correnteza nos levar em qualquer direção.

Em 1 Pedro 2.20-24 a mansidão de Jesus é descrita como uma entrega dos seus próprios direitos em nosso favor. Ele carregou o nosso pecado para vivermos para a justiça. Se não renunciarmos a nós mesmos, não poderemos seguir a Cristo.

Praticamos a mansidão quando negamos todos os direitos em favor do Reino de Deus. Quando entregamos tudo, o Senhor nos promete que seremos mais felizes do que quando não entregamos tudo.

Em Salmos 37.11 vemos Davi dizer: “Mas os mansos herdarão a terra, e se deleitarão na abundância de paz”. A mansidão traz a ideia de rendição, mas não uma rendição a outros ou às circunstâncias da vida, e sim a Deus. No

hebraico o significado da palavra “manso” é ser moldado, e isso tem a ver com alguns tipos de comportamento:

Pavio curto

O cristão que é moldado pelo Senhor pensa duas vezes antes de explodir. Ele pensa antes de dizer palavras que machucam e destroem as pessoas ao seu redor.

Irritar-se facilmente

O cristão que é moldado pelo Senhor não deixa o sol se pôr sobre a sua ira. O sentido claro de Efésios 4.26 é: que a sua ira não esteja associada ao pecado. Temos aqui uma alusão a Salmos 4.4: “Perturbai-vos e não pequeis; falai com o vosso coração sobre a vossa cama, e calai-vos”. É plenamente possível se irar e não pecar.

Há uma ira que é justa, como a que vemos em Jesus (Mc 3.5; Jo 2.13-17). No entanto, sua ira nunca o levou a pecar porque Ele mantinha as suas emoções sob controle e com um equilíbrio absolutamente profundo. Portanto, a ira não pode produzir ressentimento e não pode passar de um dia.

Podemos nos irar justamente por ficarmos indignados diante dos erros do governo, erros de injustiça contra pessoas e erros que vemos um irmão cometer em relação aos outros, mas temos que tomar cuidado com a ira que prejudica a nós mesmos. Por isso Paulo diz que ela deve durar pouco: não se ponha o sol sobre a vossa ira. Ele quer mostrar que quanto mais durar a ira, mais ela nos afetará.

Então devemos tomar cuidado com a ira e não permitir que ela permaneça em nosso coração por muito tempo, pois somos, por natureza, pessoas más e damos vazão rápida para o ódio. Assim, antes que o dia vá embora, deixemos a ira de lado²⁸. Alguns textos de Provérbios podem nos ajudar: “O que se indigna à toa fará doidices, e o homem de maus intentos é odiado” (14.17); “A resposta branda desvia o furor, mas a palavra dura suscita a ira” (15.1); “O homem iracundo suscita contendas, mas o longânimo apaziguará a luta” (15.18).

Perder o controle por coisas banais

Perdemos a cabeça no trânsito, com a família, no trabalho e com os amigos. O cristão é moldado pelo Senhor para que possua essa qualidade, esse fruto do Espírito que é a mansidão. Os que andam com Deus são tratados por Ele

de maneira profunda para que pratiquem a mansidão. São tratados para que tenham domínio próprio.

Os que andam com Deus não podem perder o controle das situações. A vida de Deus neles faz com que tenham um controle profundo. A Bíblia afirma em Provérbios 10.13, 19: “Nos lábios do entendido se acha a sabedoria, mas a vara é para as costas do falto de entendimento. ...Na multidão de palavras não falta pecado, mas o que modera os seus lábios é sábio”.

Jesus fala da mansidão porque aquele povo estava acostumado com esta realidade:

- De ser espiritualmente orgulhoso;
- De ser autossuficiente;
- De ser piedoso por ele mesmo;
- De conhecer a religião;
- De ser bom na forma;
- De ser o melhor da sociedade. Os outros eram gentios;
- De viver por sua própria força e sabedoria.

Quando Jesus começa seu sermão, Ele quebra esses conceitos e mostra que o Reino de Deus tem um quesito: humildade. Para Jesus a realidade é: nada de hipocrisia e orgulho espiritual. Diante de uma nação subjugada pelo império romano e em meio a tanta opressão, Jesus vem com esta palavra: Bem-aventurados os mansos, porque eles herdarão a terra.

Martyn Lloyd-Jones está certo ao enfatizar que essa mansidão denota uma atitude humilde e gentil para com os outros, determinada por uma estimativa correta de si mesmo. Ele destaca que é comparativamente fácil ser honesto consigo mesmo diante de Deus e se reconhecer pecador diante d’Ele, “mas como é muito mais difícil permitir que as outras pessoas digam uma coisa dessas de mim! Instintivamente eu me ofendo. Todos nós preferimos condenar a nós mesmos do que permitir que outra pessoa nos condene”²⁹. E resume a mansidão:

A mansidão é, em essência, a verdadeira visão que temos de nós mesmos, e que se expressa na atitude e na conduta para com os outros. O homem verdadeiramente manso é aquele que fica realmente pasmo ante o fato de Deus e os homens poderem pensar dele tão bem quanto pensam, e de que o tratem tão bem³⁰.

Como precisamos aprender com Jesus que a doçura da vida é o respeito. A

doçura da vida é ser manso para com aqueles que nos cercam. Quando somos doces como Jesus, respeitamos os pensamentos dos outros como se fossem os nossos.

Através da doçura compreendemos mais que a vida não é para agarrar, não é para compreender, mas é para ser acariciada. Porque a vida só pode ser doada através da doçura, através da gentileza e da mansidão.

Jesus nos convida para sermos pessoas que se apresentam desarmadas, privadas de qualquer couraça e defesa. Aliás, esta é a tradução para Zacarias 9.9, que fala do rei justo, salvador e humilde. Ele vem desarmado³¹.

Jesus diz que os mansos herdarão a Terra, e era esta a confiança dos homens de Deus, santos e humildes, no Antigo Testamento, quando os perversos pareciam triunfar. Aqueles a quem o Senhor abençoa possuirão a Terra. A promessa para o futuro fala literalmente de saciedade. Aqueles a quem o Senhor abençoa serão cumulados de felicidade escatológica.

E como podemos obter a mansidão?

Lembrando-se de que ela é compatível com a força do nosso caráter

Uma pessoa que lida seriamente com a verdade bíblica olhará para esse fruto do Espírito com um caráter honesto. Há muita gente na igreja que é um doce até pisarem no seu calo. Quando isso acontece, ela mostra de fato qual é o seu caráter. Ela não possui domínio próprio e é fraca no quesito mansidão.

O homem manso é o que está disposto a ir até as últimas consequências para praticar a mansidão de Cristo. Os mártires nos lembram a mansidão até na hora da morte. Eles nunca perderam a doçura mesmo tendo que morrer pela causa do evangelho.

Lembrando-se de que ela é uma atitude interior Se quisermos ser mansos, é preciso entender que a mansidão vem de dentro do nosso coração. É uma obra puramente realizada pelo Espírito Santo de Deus. É fruto e dádiva d'Ele para que tenhamos relacionamentos mais sadios e verdadeiros.

Somente com uma atitude interior de mansidão é que controlamos a nossa boca, não falando coisas que não podemos sobre o nosso próximo. Somente com uma atitude interior de mansidão é que tratamos as demandas difíceis da vida com a humildade de Cristo.

Lembrando-se de que ela é demonstrada através do temor a Deus

Não conseguimos ser brandos, ternos e gentis sozinhos, isto vem com o temor a Deus. Sofonias afirma: “Buscai ao Senhor, vós todos os mansos da terra, que tendes posto por obra o seu juízo; buscai a justiça, buscai a mansidão; pode ser que sejais escondidos no dia da ira do Senhor” (2.3). É um exercício diário daqueles que temem ao Senhor. Não conseguimos ser dóceis nos relacionamentos de um dia para o outro. Isto vem através do envolvimento com a Palavra de Deus.

Lembrando-se de que ela é inimiga feroz do orgulho Podemos praticar a mansidão quando possuímos a pobreza de espírito mencionada por Jesus. A pessoa mansa não se orgulha de si mesma. A mansidão, na verdade, é a inimiga número um do orgulho.

Não é possível alguém ser gentil, dócil e generoso sendo orgulhoso, porque a mansidão não se vangloria de si mesma. O manso não se orgulha da personalidade, mas se envergonha de si mesmo no sentido de reconhecer a fraqueza como ser humano que sempre necessita da graça de Deus.

Queremos saber se somos mansos, gentis e dóceis? Examinemos o nosso coração e vejamos como tratamos as pessoas ao nosso redor. Vejamos como demonstramos o nosso autocontrole nos momentos difíceis da vida.

Temos irritação, reagimos com grosseria?

Respondemos de maneira humilde e obediente à Palavra de Deus?

Praticamos a paz sempre?

Praticamos o perdão de Deus e a restauração através dos relacionamentos?

A Bíblia afirma em Efésios 4.2-3 que devemos ser caracterizados com toda mansidão e humildade.

Que Deus nos dê a graça de sermos vistos e seguidos como aqueles que são mansos, gentis e dóceis!

Para refletir e viver

- A doçura da vida é a força motriz para todos os relacionamentos, é o domínio de tudo o que é irascível no nosso coração.
- Os mansos são pessoas que padecem sob o mal, sem se deixarem contaminar pelo espírito de amargura, mas com paciência buscam qualidades aprovadas por Deus.
- O cristão que é moldado pelo Senhor não deixa o sol se pôr sobre a sua ira.
- Através da doçura compreendemos mais que a vida não é para agarrar, não

é para compreender, mas é para ser acariciada. Porque a vida só pode ser doada através da doçura, através da gentileza e mansidão.

- Se quisermos ser mansos, é preciso entender que a mansidão vem de dentro do nosso coração. É uma obra puramente realizada pelo Espírito Santo de Deus, é fruto d'Ele.
- Não conseguimos ser brandos, ternos e gentissozinhos, isto vem com o temor a Deus.
- Não é possível alguém ser gentil, dócil e generoso sendo orgulhoso, porque a mansidão não se vangloria de si mesma.
- Examinemos o nosso coração e vejamos como tratamos as pessoas ao nosso redor.

²⁷ LELOUP, Jean Yves. Op. cit., p. 74.

²⁸ CALVINO, João. Comentário sobre o Livro de Efésios. São Paulo: Fiel, 1998, p. 145.

²⁹ LLOYD-JONES, Martyn. Op. cit., p. 59.

³⁰ Idem, p. 62.

³¹ FABRIS, Rinaldo; BARBAGLIO, Giuseppe; MAGGIONI, Bruno. Op. cit., p. 113.

C a p í t u l o 6

Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça

Mateus 5.6

Uma frase do filme *O conde de Monte Cristo* (2002) – “Deus fará justiça” – chamou minha atenção e levou-me a refletir sobre as muitas situações em que há falta de justiça em nosso país. Hoje vemos que a honestidade está sendo extinta pelos corruptos, mas não podemos desistir. Como cristãos, temos que alcançar os nossos valores humanos e temos que ter ética nas relações com o próximo, com a sociedade e com a prática dos princípios bíblicos. Temos que esperar a justiça de Deus através dos nossos valores aprendidos nas Escrituras.

A justiça vem através da ação de Deus, que nos usa como os seus instrumentos. E com toda certeza devemos olhar para estas palavras de Jesus: Bem aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque eles serão fartos.

O que aprendemos com Jesus nessa bem-aventurança?

Somos convidados para um caminho de santidade diante de Deus.

A declaração de Jesus é muito incisiva porque água e comida são necessidades para nós, mas Ele diz que precisamos da justiça da mesma forma que precisamos da comida. Enquanto a nossa vida física depende de água e comida, a nossa vida espiritual depende de justiça. O nosso coração foi criado com uma fome de Deus. O grande problema é que o homem hoje tenta satisfazer a sua fome naquilo que é errado. Por isso, Isaías afirma que o homem tenta se alimentar daquilo que não é pão. E o que é a justiça de Deus? Esse atributo está diretamente vinculado e dependente do conceito de santidade em Deus. Não haverá uma ideia clara sobre a justiça de Deus sem que haja uma correta noção sobre a sua santidade. Como afirma Heber Carlos de Campos:

A justiça de Deus é a fase da santidade de Deus que é vista no seu tratamento do obediente e do desobediente, ambos sujeitos ao Seu domínio. Nesse atributo Deus dá a cada um o que é

devido. A noção de débito ou obrigação necessariamente entra na consideração desse atributo. O pecador está em dívida com a lei e, portanto, deve receber a punição dela. A ideia fundamental de justiça é a da estrita adesão à lei. Os homens têm que viver de conformidade com a lei, que é a expressão da santidade de Deus, do Seu caráter. Podemos considerar a justiça de Deus de duas maneiras: Justiça absoluta. É aquela retidão da natureza divina, em virtude da qual Deus é infinitamente justo em si mesmo. Esta é a justiça inerente a Deus. É nesse aspecto que ela está intimamente ligada à santidade de Deus. Justiça relativa. É aquela perfeição de Deus por meio da qual Ele se mantém contra toda a violação da Sua santidade e deixa ver em todo o sentido que Ele é santo. É a justiça que se manifesta no dar a cada um conforme os seus merecimentos. A justiça inerente de Deus (a absoluta) é a base natural de Sua justiça relativa ao tratar com as Suas criaturas. É a respeito da justiça relativa, isto é, a que se relaciona com os homens, que vamos nos deter nesse capítulo. A Bíblia é farta de expressões a respeito da justiça divina³².

No Antigo Testamento, frequentemente, Deus aparece como o legislador de Israel (Is 33.22) e também de todos os homens (Tg 4.12). Na função de legislador, Deus é visto como o governador moral do universo.

Justiça significa dar a cada um aquilo que lhe é de direito. A Bíblia nos ensina que Deus é justo juiz, portanto dará a cada um segundo suas obras. O texto nos desafia a ter sede dessa justiça ou desse juízo divino.

Ter sede de justiça é ter desespero pela presença e pela manifestação da justiça de Deus para que cada um tenha seus direitos respeitados. Então, quando falamos em fome de justiça, tem a ver com a santidade, com a busca de um caráter parecido com o caráter de Deus.

E a grande verdade hoje é que há muita gente sem fome de justiça porque já se sente justo demais. Só uma pessoa que está arrependida de seus pecados é que tem fome por justiça (Hb 12.14).

Quando uma pessoa não tem fome e sede de justiça, ela perdeu a essência do primeiro amor. Sem fome e sede de justiça a igreja entra numa apatia

espiritual. Sem fome e sede de justiça não sabemos discernir o certo do errado. Sem fome e sede de justiça não sabemos enfrentar o pecado que tanto atrapalha a visão correta sobre a santidade na presença de Deus.

É necessário entendermos quem são os que têm fome e sede de justiça. A Bíblia na Linguagem de Hoje traduz o texto assim: Felizes as pessoas que têm fome e sede de fazer a vontade de Deus. O Dr. Russel Shedd diz que os que têm fome e sede de justiça são os que buscam a santidade de Deus.

No original grego a palavra dikaiosuna significa ser íntegro com Deus, por isso Jesus chama de felicidade para aqueles que têm fome e sede dessa justiça. Assim, quando falamos em fome e sede de justiça, lembramo-nos sempre de salvação para algo na vida: santificação. Somos salvos para viver em função da justiça de Deus. E viver assim é andar de maneira séria, honesta, íntegra e verdadeira.

Quem tem fome e sede de justiça vê os seus pecados, percebe a ação de Deus através da justiça que foi cumprida na cruz por meio de Cristo e busca a santidade a qualquer preço. Quem tem fome e sede de justiça tem o desejo de ficar sempre distante do pecado.

Os cristãos não são como os pagãos, que vivem absorvidos pela busca dos bens materiais. Eles se determinaram a buscar primeiro o Reino de Deus e a sua justiça. Na Bíblia a justiça tem pelo menos três aspectos: o legal, o moral e o social.

A justiça legal é a justificação, um relacionamento certo com Deus. A justiça moral é aquela justiça de caráter e de conduta que agrada a Deus. Jesus prossegue, depois das bem-aventuranças, contrastando essa justiça cristã com a do fariseu (Mt 5.20). Esta última era uma conformidade exterior às regras; a primeira é uma justiça interior, do coração, da mente e das motivações. É desta que devemos sentir fome e sede.

E a justiça social, conforme aprendemos na lei e nos profetas, refere-se à busca pela libertação do homem da opressão, junto com a promoção dos direitos civis, da justiça nos tribunais, da integridade nos negócios e da honra no lar e nos relacionamentos familiares. Assim, os cristãos estão empenhados em sentir fome de justiça em toda a comunidade humana para agradar a um

Deus justo³³.

Lutero expressou este conceito com o costumeiro vigor: A ordem para você não é rastejar para um canto ou para o deserto mas, sim, sair correndo e oferecer as suas mãos e os seus pés e todo o seu corpo, e empenhar tudo o que você tem e pode fazer. É preciso ter uma fome e sede de justiça que jamais sejam reprimidas, ou sustadas, ou saciadas, que não procurem nada e não se importem com nada a não ser com a realização e a manutenção do que é justo, desprezando tudo o que impeça a sua consecução. Se você não puder tornar o mundo completamente piedoso, então faça o que você puder³⁴.

As Escrituras nos mostram claramente que não basta chorarmos os pecados cometidos; é necessário também ter fome de justiça na presença de Deus. A realidade da fome e da sede é uma força que nos tira da zona de conforto e nos leva a agir para saciá-las.

Jesus nos ensina aqui que a justiça deveria despertar em nós este tipo de insatisfação, que nos force a agir e buscar a sede e fome no sentido espiritual sempre. Como podemos viver com fome e sede de justiça?

Tendo um alto padrão de santidade

“Porque o Senhor é justo, e ama a justiça, o seu rosto olha para os retos” (Sl 11.7). Esta é uma carta magna na vida cristã. É uma infelicidade quando damos vazão para a vida errônea e distante de Deus.

Quando não valorizamos a santidade, não podemos dizer que buscamos a justiça de Deus com fome e sede. Quando mencionamos a palavra santidade, muitas vezes o que nos vem à mente é algo muito difícil, que não conseguiremos nunca e pensamos que só os mais certinhos – quietinhos, que se vestem de modo santo – conseguem viver assim.

O que não podemos esquecer de forma alguma é que a nossa santificação é uma obra do Espírito de Deus que nos torna cada vez mais livres do pecado e semelhantes a Cristo.

A santificação é um alvo da nossa vida para que pratiquemos a justiça e a retidão no Reino. Sem isso não veremos a Deus. Mas é o próprio Deus que nos ajuda a praticar a santidade, porque sozinhos não conseguimos. Por isso o escritor aos hebreus afirma: “Segui a paz com todos, e a santificação, sem a qual ninguém verá ao Senhor” (Hb 12.14).

O padrão de santidade nos convida para um anelo de ser livre do pecado, um anelo de não entristecer o Espírito Santo que habita em nós. Esta é uma ideia muito importante porque o pecado e a falta de vida com Deus nos separam d'Ele. É relevante demais para nós o padrão de santidade para a nossa vida. Há um texto que nos motiva a caminhar fazendo a justiça com santidade: “Ouvi-me, vós os que seguís a justiça, os que buscais ao Senhor. Olhai para a rocha de onde fostes cortados, e para a caverna do poço de onde fostes cavados” (Is 51.1).

Tendo sempre compromisso com a verdade

O mundo de hoje está totalmente corrompido. A palavra de Paulo em Romanos 1 é uma realidade notória porque temos um sistema que é iníquo e pecaminoso. Como João afirma em sua primeira epístola: “Sabemos que somos de Deus, e que todo o mundo está no maligno” (5.19). O que Deus requer de nós hoje? O profeta Isaías nos responde declarando que Deus está cansado das nossas festas e que nossas mãos estão contaminadas (suborno, negócios ilegais, opressão etc.): “Aprendeí a fazer bem; procurai o que é justo; ajudai o oprimido; fazei justiça ao órfão; tratai da causa das viúvas” (1.17).

O convite é para que nos comprometamos com a verdade e a justiça, porque fazer o bem é cumprir a justiça divina. Em Miqueias 6.6-8 também vemos este desejo de Deus para nós: “Com que me apresentarei ao Senhor, e me inclinarei diante do Deus altíssimo? Apresentar-me-ei diante dele com holocaustos, com bezerros de um ano? Agradar-se-á o Senhor de milhares de carneiros, ou de dez mil ribeiros de azeite? Darei o meu primogênito pela minha transgressão, o fruto do meu ventre pelo pecado da minha alma? Ele te declarou, ó homem, o que é bom; e que é o que o Senhor pede de ti, senão que pratiques a justiça, e ames a benignidade, e andes humildemente com o teu Deus?”.

Deus quer que sejamos como Noé, que foi considerado justo (Gn 6.9).

Deus quer que sejamos como Jó, que era íntegro e reto (Jó 1.1).

Deus quer que sejamos como João, que foi reconhecido como um homem justo (Mc 6.20).

Deus quer que sejamos justos e tenhamos compromisso com a verdade.

Tendo repulsa pela injustiça

Lembro-me de uma pessoa que marcou a história como servo de Deus:

Martin Luther King. Ele viveu em uma época de violenta segregação racial. As pessoas de uma igreja cunharam um nome para ele: “Martin Lúcyfer Negão”. Incansáveis pressões atacavam-no de todos os lados. Ele enfren-tou ameaças de morte tanto de segregacionistas quanto do FBI.

Uma bomba explodiu em sua casa. Igrejas de negros eram incendiadas todas as semanas nos Estados do Sul. Seus voluntários eram ameaçados, espancados e presos, e alguns deles estavam morrendo.

Era comum a Conferência de Liderança Cristã do Sul deixar de pagar seu salário, e um de seus mais eficientes levantadores de fundos era um dos conselheiros que o presidente Kennedy fora obrigado a demitir. Edições do Atlanta Journal e do New York Times condenavam seus atos³⁵. Ele não ficou parado e inerte diante das injustiças que o povo cometia em relação à segregação. Ele dizia ao seu rebanho:

O cristianismo tem sempre insistido que a cruz que carregamos precede a coroa que usaremos. Para ser cristão, alguém precisa tomar sua cruz, com todas as dificuldades, agonias e tensões que ela contém e carregá-la até que dei-xe sua marca em nós e nos redima, levando-nos por um caminho ainda mais excelente que só se encontra por meio do sofrimento³⁶.

Seu discurso foi: “I have a dream” (28/08/1963). Ele tinha o sonho de ver a violência banida no seu país e lutou para isso. Ele tinha o sonho de ver brancos e negros cultuando ao Senhor juntos. Ele não foi passivo diante das injustiças da sua época, mas uma poderosa voz de Deus pela transformação social.

Hoje, da mesma forma, Deus chama a Igreja para ter uma participação mais ativa na transformação da sociedade com a prática da justiça do Reino.

Precisamos lutar pela justiça porque Jesus mesmo disse: “... se a justiça de vocês não for muito superior à dos fariseus e mestres da lei, de modo nenhum entrarão no Reino dos céus” (Mt 5.20 – NVI).

Praticamos a justiça de Deus quando não temos inanição espiritual para com o perdão aos irmãos, a lealdade para com a esposa, a prática da verdade para com todos, a busca pela paz com os maus e perversos (como foi o caso de

Luther King), através do amor aos inimigos e a ajuda aos necessitados, a oração e o jejum diante das problemáticas do nosso país.

Paulo afirma: “Todavia, não foi isso que vocês aprenderam de Cristo. De fato, vocês ouviram falar dele, e nele foram ensinados de acordo com a verdade que está em Jesus. Quanto à antiga maneira de viver, vocês foram ensinados a despir-se do velho homem, que se corrompe por desejos enganosos, a serem renovados no modo de pensar e a revestir-se do novo homem, criado para ser semelhante a Deus em justiça e em santidade provenientes da verdade” (Ef 4.20-24 – NVI).

Como saber se temos realmente fome e sede de justiça? Quando sentimos uma dor constante de sempre estar em falta no que diz respeito ao caminho da justiça, porque a Bíblia diz que não há quem faça o bem, não há um justo sequer. Quando temos um apetite profundo pelas Escrituras, como Jeremias, que dizia que quando achou as palavras de Deus, logo as comeu (Jr 15.16). Como expressa Martyn Lloyd-Jones:

O primeiro teste a ser aplicado para sabermos se temos realmente fome e sede de justiça é se percebemos o quanto é falsa a nossa própria justiça. Esta é uma ótima indicação de que realmente temos fome e sede de justiça. Ninguém pode criar pessoalmente a justiça. O segundo teste a ser aplicado é reconhecermos que a justiça vem da parte de Deus para o nosso coração e vida³⁷.

Encerro citando um texto que mexe muito com o nosso coração: “O jejum que eu prefiro é este: desatar os laços provenientes da maldade, desamarrar as correias do jugo, dar liberdade aos que estavam curvados, em suma, despedaçar todos os jugos. É partilhar o teu pão com o faminto. E ainda: os pobres sem abrigo, tu os albergarás. Se vires alguém nu, cobri-lo-ás; diante daquele que é a tua própria carne, não te recusarás. Então, tua luz despontará como a aurora e o teu restabelecimento se realizará bem depressa. Tua justiça caminhará diante de ti. E a glória do Senhor será a tua retaguarda. Então, tu clamarás e o Senhor responderá, tu chamarás e ele dirá: Aqui estou! Se eliminares de tua casa o jugo, o dedo acusador, a palavra maléfica, se cederes ao faminto o teu próprio bocado, tua luz se levantará nas trevas, tua escuridão será como o meio-dia. Sem cessar o Senhor te guiará” (Is 58.6-11).

Para refletir e viver

- O nosso coração foi criado com uma fome de Deus. O grande problema é que o homem hoje tenta satisfazer a sua fome naquilo que é errado. Por isso Isaías afirma que o homem tenta se alimentar daquilo que não é pão.
- As Escrituras nos mostram claramente que não basta chorarmos os pecados cometidos; é necessário também ter fome de justiça na presença de Deus.
- O padrão de santidade nos convida para um anelo de ser livre do pecado, um anelo de não entristecer o Espírito Santo que habita em nós.
- Deus quer que sejamos como João, que foi reconhecido como um homem justo (Mc 6.20). Deus quer que sejamos justos e tenhamos compromisso com a verdade.
- Precisamos lutar pela justiça porque Jesus mesmo disse: “... se a justiça de vocês não for muito superior à dos fariseus e mestres da lei, de modo nenhum entrarão no Reino dos céus” (Mt 5.20).

³² CAMPOS, Heber Carlos de. O Ser de Deus e os seus atributos. São Paulo: CEP, 2000, p. 138.

³³ STOTT, John. Contracultura cristã cit., p. 21.

³⁴ Idem, p. 22.

³⁵ YANCEY, Philip. Alma sobrevivente. Sou cristão, apesar da igreja. São Paulo: Mundo Cristão, 2004, p. 25.

³⁶ Idem, p. 32.

³⁷ LLOYD-JONES, Martyn. Op. cit., p. 80-83.

C a p í t u l o 7

Bem-aventurados os misericordiosos

Mateus 5.7

O britânico Richard Curtis levou o prêmio inaugural Humanitarian Award por seus esforços na tentativa de acabar com a miséria na África. Quando recebeu o prêmio, ele afirmou: “Estou feliz por dividir os holofotes com Kate Winslet e Denzel Washington”.

Em 1985 ele fundou a Comic Relief (Alívio Cômico, em tradução literal), uma organização de caridade que surgiu para ajudar a combater a fome na Etiópia e utiliza o riso para combater a miséria. . Hoje ele angaria fundos para países africanos e para lutar contra a pobreza no Reino Unido.

Um dia Richard Curtis foi entrevistado pelo pastor e escritor Bill Hybels, que perguntou por que ele se preocupava tanto em ajudar as pessoas, sendo que não era cristão. E ele respondeu: “Porque Deus me mandou fazer isto”.

No meio evangélico temos um homem que marcou a geração da sua época. Seu nome é Ashbel Green Simonton. Ele experimentou o conhecimento, o caráter e o poder de Deus na sua vida, por isso foi grandemente usado como instrumento nas mãos do nosso Deus.

Um dia, num sermão sobre missões proferido pelo Rev. Charles Hodge no Seminário de Princeton, ele se sentiu dotado para a obra missionária. E consultando a Junta de Missões Estrangeiras do seu país, tocado pelo Senhor, mencionou um país chamado Brasil com muito interesse de sua parte. E disse o seguinte para o Senhor, sem conhecer esta terra: “A ti, ó Senhor, confio meus caminhos na certeza de que o Senhor dirigirá meus passos retamente. Amém”³⁸.

No dia 28 de junho de 1859 ele estava a bordo do navio Banshee rumo ao Brasil. Viajou durante 44 dias e evangelizou muitos homens, fazendo até Escola Dominical.

No dia 11 de agosto de 1859 ele estava no porto do Rio de Janeiro, avistando

o Corcovado e o Pão de Açúcar, mas só saiu do navio às nove horas da manhã do dia 12 de agosto. Ele ficou maravilhado com a terra brasileira. No mesmo dia, hospedado na casa de Robert Wright, começou seu trabalho, mesmo tendo dificuldades com a nossa língua. Simonton fez um acordo com a família de Robert: ele ensinaria inglês para ela, e ela ensinaria português para ele.

E Simonton começou a aproveitar as suas oportunidades para a evangelização do povo brasileiro. Ele dizia sempre: “Preciso cultivar minha piedade ou nada poderei fazer por essas pessoas”³⁹. Simonton partiu, mas marcou a sua geração, marcou a sua história como instrumento de Deus. Ele fundou a Catedral Presbiteriana, em 1862, um Presbitério, um Sínodo e um seminário de Teologia, todos no Rio de Janeiro, e uma igreja em São Paulo.

Esta foi a vida de um homem que teve o equilíbrio de uma vida com conhecimento da Palavra e com a experiência do poder de Deus.

Este jovem pastor americano dedicou-se e serviu com amor e desprendimento o povo brasileiro, tanto que a demonstração do seu amor, do seu respeito e do seu carinho para com o nosso povo não foi esquecida depois da sua morte. Após a notícia do seu falecimento encontramos as seguintes palavras do Consulado do Rio de Janeiro:

Registramos que tendo-nos relacionado intimamente com o Rev. Asbhel Green Simonton nos últimos anos, nós o consideramos pessoa de raros dotes intelectuais e morais, era um cristão a cujo sentimento de dever se associava largo espírito de tolerância para com os outros; homem de alto porte moral, cuja irrepreensível pureza de vida era perfeitamente compatível com diversões inocentes; ele era cavalheiro de bondosa hombridade, de delicada franqueza; capaz de apresentar claramente suas convicções sem jamais ofender; cujas ideias eram respeitadas, mesmo quando não compartilhadas. Vizinho que sempre se interessou amigavelmente pelo bem estar do semelhante; por muito tempo sentiremos a falta de seus alegres cumprimentos em nossos locais de trabalho, e o encanto que sua amável companhia acrescentava as nossas reuniões domésticas, hóspede gentil, cheio de misericórdia e de bons frutos, sem parcialidade e sem hipocrisia⁴⁰.

A vida de Simonton é um modelo para nós naquilo que Jesus deseja em

termos de prática da misericórdia. Ele quer que as nossas intenções sejam as mesmas de Simonton, porque quando as pessoas olhavam para ele, era o mesmo que olhar para Jesus Cristo.

O que aprendemos com Jesus nessa bem-aventurança?

Devemos ser misericordiosos e não apenas fazer misericórdia

Esse texto tem algo muito importante para nós porque ele fala de uma ação que nos faz receber de volta aquilo que somos para com as pessoas que nos cercam. Jesus nos oferece um caminho para a felicidade, um princípio que permanece e deve ser praticado em nossa vida interior.

Jesus nos ensina a praticar a misericórdia, pois do contrário não a receberemos. Como Tiago diz: “Porque o juízo será sem misericórdia sobre aquele que não fez misericórdia; a misericórdia triunfa do juízo” (2.13).

Ao encerrar a parábola do credor incompassivo Jesus disse: “Assim vos fará, também, meu Pai celestial, se do coração não perdoardes, cada um a seu irmão, as suas ofensas” (Mt 18.35).

Na oração do Pai Nosso aprendemos que devemos perdoar, assim como fomos perdoados: “E perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores” (Mt 6.12).

Mas o que vem a ser misericórdia?

Quando estudamos sobre a misericórdia, podemos ver Deus tendo compaixão do mundo caído, incluindo todas as criaturas. A misericórdia se dirige a toda a criação e não simplesmente aos homens. Deus tem compaixão inclusive de suas criaturas irracionais em suas necessidades e misérias e as supre com sua provisão apropriada.

A misericórdia sempre pressupõe pecado. Toda a criação foi afetada pela queda e está em estado de miséria e pecado, carente da misericórdia divina. A Bíblia diz que as misericórdias do Senhor estão sobre todas as suas obras e não somente no ser humano: “Piedoso e benigno é o Senhor, sofredor e de grande misericórdia. O Senhor é bom para todos, e as suas misericórdias são sobre todas as suas obras” (Sl 145.8-9).

Deus é eternamente misericordioso, mas a manifestação da sua misericórdia só se entende após o aparecimento do pecado. Há a misericórdia especial, que diz respeito aos seres humanos caídos. Deus os ajuda e os socorre no meio de suas misérias por causa dos seus pecados.

Podemos definir misericórdia como o amor de Deus para com os que se

encontram em miséria e na angústia espiritual. Misericórdia é o ato de Deus deixar de nos dar aquilo que nós merecemos receber. Isto está evidente no texto de Lamentações 3.22, que diz: “As misericórdias de Deus são a causa de não sermos consumidos, porque a Sua misericórdia não tem fim”.

O que justamente merecíamos Deus não nos dá, isto é, a punição. Quando dizemos que Deus é misericordioso, é porque Ele não nos trata segundo os nossos pecados. Ao contrário, Ele nos perdoa, não colocando sobre nós a penalidade devida por nossas transgressões. Para os culpados, Deus revelou e demonstrou misericórdia. O salmo 103 nos mostra que Ele é um pai que se compadece dos seus filhos.

Misericórdia também é compaixão pelas pessoas que passam necessidade. Jesus não especifica as categorias de pessoas que tinha em mente e a quem os seus discípulos deveriam demonstrar misericórdia. Ele também não indica se está pensando principalmente naqueles que foram derrotados pela desgraça, como o viajante que ia de Jerusalém a Jericó e foi assaltado e a quem o bom samaritano “demonstrou misericórdia”, ou se pensa nos famintos, nos doentes e nos rejeitados pela sociedade, dos quais Ele mesmo costumava se apiedar. Ou ainda naqueles que nos fazem mal, de modo que a justiça clama por castigo. Mas Jesus nos ensina nessa bem-aventurança que a misericórdia sempre concede perdão.

Jesus mostra sempre que o nosso Pai é um Deus misericordioso e dá provas contínuas de misericórdia. É exatamente por isso que os cristãos, que são parte do seu Reino, também devem demonstrar misericórdia.

Naturalmente, o mundo prefere se isolar da dor e da calamidade dos homens. A verdade é que o mundo acha que a vingança é deliciosa e que o perdão é sem graça quando comparado à misericórdia. Então é preciso voltarmos a nossa mente e coração para a palavra de Jesus quando Ele afirma que os que demonstram misericórdia encontram misericórdia.

A demonstração só vem no coração de pessoas que entendem que já receberam misericórdia, por isso são misericordiosas. Não que mereçamos a misericórdia através da misericórdia, ou o perdão através do perdão, mas porque não podemos receber a misericórdia e o perdão de Deus se não nos arrependermos e não podemos proclamar que nos arrependemos de nossos pecados se de fato não formos misericordiosos para com os pecados dos outros⁴¹.

Stott nos diz algo precioso sobre a manifestação de Deus para conosco em sua misericórdia:

Nada nos impulsiona mais ao perdão do que o maravilhoso conhecimento de que nós mesmos fomos perdoados. Nada prova mais claramente que fomos perdoados do que a nossa própria prontidão em perdoar. Perdoar e ser perdoado, demonstrar misericórdia e receber misericórdia andam indissoluvelmente juntos, como Jesus ilustrou em sua parábola do credor incompassivo⁴².

Como disse Martyn Lloyd-Jones: “Nossa vida inteira serve de expressão e proclamação daquilo que realmente somos”⁴³.

Diante dessa afirmação podemos entender que a nossa vida reflete o que pregamos e o que carregamos dentro de nós. O Espírito Santo habita em nós e consequentemente o fruto d’Ele. Então temos em nosso coração, mesmo no meio da maldade, a paz, a bondade, o amor, a alegria, a benignidade, a longanimidade e a fidelidade. Então surgem algumas perguntas para nós: Como tratamos o nosso irmão? Como perdoamos as pessoas que estão à nossa volta e que nos magoaram? Como olhamos para os necessitados que esperam de nós a prática da misericórdia? Como olhamos para os que choram?

A lógica do ensino de Jesus é que os misericordiosos recebem misericórdia. A verdade é que a misericórdia exige que deliberemos todas as forças do nosso ser para que entendamos o que o nosso próximo está sentindo. E um texto que nos ajuda a olhar para o nosso próximo dessa forma é Romanos 12.9-20.

O que aprendemos com Paulo sobre a prática essencial da misericórdia?

Devemos ser misericordiosos com sinceridade

Paulo tratou da questão do amor em versículos precedentes, especialmente ao falar de contribuições, de auxiliar e exercer a misericórdia. No texto de Romanos 12.8 ele disse que o exercício da misericórdia deveria ser feito com alegria.

Em seguida Paulo disse aos cristãos de Roma: “O amor seja não fingido. Aborrecei o mal e apegai-vos ao bem” (v. 9), pois o exercício da misericórdia pressupõe um amor que é sincero⁴⁴.

Paulo dá as bases do serviço cristão em favor do próximo. O cristão deve exercer o serviço com um amor sincero, um amor igual ao amor de Deus para conosco, um amor com repulsa ao mal e com apego ao bem. Só assim o corpo de Cristo funcionará bem.

A característica distintiva do amor genuíno e sincero é detestar o mal e se apegar ao bem. Para Paulo, o amor é a base de tudo, é o vínculo da perfeição, como ele ensinou aos colossenses, e o amor é o fim do mandamento, como ele ensinou ao jovem pastor Timóteo. A palavra amor é tão importante no ensino do apóstolo Paulo que ele a usou cerca de 80 vezes em suas epístolas. Por isso disse: “O amor seja não fingido”. Ou seja, que não haja hipocrisia, mas sinceridade no corpo de Cristo. Que não haja fingimento, mas um amor genuíno entre os que recebem misericórdia do Eterno Pai.

Com sinceridade, disse Paulo, temos que detestar o mal e apegarmo-nos ao bem. Vale lembrar que os verbos aborrecer e apegar-se no original grego, indicam uma ação contínua. Dá a ideia de fazer alguma coisa sempre. Então devemos aborrecer o mal e nos apegar ao bem constantemente. Para Paulo, o amor genuíno repele o mal e nos faz nos apegar ao bem. No original a ideia do verbo apegar-se é cimentar-se no bem por atração natural.

Charles Hodge usa a palavra grudar-se, colar-se no bem para expressar a sua importância⁴⁵. Creio que uma área em que temos falhado demasiadamente é na sinceridade do amor para com o nosso próximo. Temos falhado neste ponto como Igreja de Cristo e isso tem feito com que o mal não seja detestado e a prática do bem tem sido deixada de lado pelo povo de Deus. Vemos que a Igreja tem perdido aos poucos a marca do amor e da prática da misericórdia sem fingimento e sem hipocrisia. É urgente a chamada de Jesus e de Paulo para refletirmos o que de fato somos: discípulos de Jesus de Nazaré.

É preciso pedir para que o Senhor derrame sua graça para que vivamos esse ensino do apóstolo Paulo sobre a sinceridade do amor, porque do contrário não preservaremos a unidade do corpo de Cristo, como Paulo exortou:

“Procurando guardar a unidade do Espírito pelo vínculo da paz” (Ef 4.3).

Lembro-me de uma frase de Francis Schaeffer no seu Livro A missão da igreja no mundo de hoje:

Se não deixarmos que transpareça beleza na maneira com que nos tratamos uns aos outros, então, aos olhos do mundo e aos de nossos próprios filhos, estaremos destruindo a verdade que anunciamos. Se queremos atingir e alcançar a nossa geração, precisamos ter e preservar a mesma unidade⁴⁶.

Paulo disse à igreja de Corinto: “[o amor] não folga com a injustiça, mas folga com a verdade” (1 Co 13.6) e a Timóteo: “Ora, o fim do mandamento é o amor de um coração puro, e de uma boa consciência, e de uma fé não

fingida”. Aprendamos essas lições acerca da prática do amor, pois há uma frase que as pessoas podem dizer a nosso respeito: As vossas atitudes falam tão alto que nós não conseguimos ouvir as vossas palavras.

Devemos ser misericordiosos com cordialidade e desprendimento

Em Romanos 12.10 Paulo disse: “Amai-vos cordialmente uns aos outros com amor fraternal, preferindo-vos em honra uns aos outros”. Ele conclamou os membros do corpo de Cristo para que amassem com cordialidade. Já que eram filhos adotivos do Pai, então deveriam ter um afeto profundo e mútuo. Paulo enfatizou que o amor deveria ser praticado com cordialidade e com desprendimento. É um amor com afetuosidade e com lealdade. É o mesmo amor ensinado pelo Senhor Jesus quando disse aos seus discípulos: “Um novo mandamento vos dou: Que vos ameis uns aos outros; como eu vos amei a vós, que também vós uns aos outros vos ameis. Nisto todos conhecerão que vós sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros” (Jo 13.34-35).

Paulo diz que esse amor deveria ser com desprendimento, pois todos em Cristo deveriam se preferir em honra. A ideia do verbo preferir no original grego é a de ansiar, de ter o desejo de mostrar respeito pelo próximo, de ir adiante, de ir à frente no que diz respeito à honra para com o próximo. Também dá a ideia de uma ação contínua, ou seja, o exercício do preferir-vos uns aos outros em honra deveria ser constante⁴⁷.

Paulo admoesta os cristãos a não se conformarem com o mundo no que diz respeito a essa prática, pois no contexto da cultura grecoromana, na sua maneira natural, eles não tinham em alta conta essa ideia de considerar o outro superior e assim lhe dar honra⁴⁸. Portanto, o ensino de Paulo era que eles dessem honra e estima que tinham por eles mesmos. Esse amor cordial deve ser o impulso orientador de todas as ações da Igreja.

Só o amor de Deus pode amenizar a malignidade que há no nosso coração, só ele é capaz de fazer com que tratemos as pessoas com cordialidade, com desprendimento e como se fossem superiores a nós mesmos. Por isso o amor é a questão mais difícil de aprendermos na nossa vida.

Não podemos deixar, em hipótese alguma, de rogar ao Senhor para que derrame cada dia no nosso coração a sua graça para que pratiquemos esse amor, que quebra as barreiras, os preconceitos e o nosso egoísmo. Foi isso o que aconteceu na vida de Jônatas e Davi.

Jônatas amou tanto Davi que a honra dele para com o seu amigo foi demonstrada quando lhe deu a sua capa, os seus vestidos, a sua espada, o seu

arco e o seu cinto. Ele honrava com amor o seu amigo Davi.

O Senhor Jesus disse algo profundo e extremamente relevante para todos nós: “... amar o próximo como a si mesmo, é mais do que todos os holocaustos e sacrifícios” (Mc 12.33).

Paulo disse para os cristãos da igreja de Filipos: “Nada façais por contenda ou por vanglória, mas por humildade; cada um considere os outros superiores a si mesmo. Não atente cada um para o que é propriamente seu, mas cada qual também para o que é dos outros” (Fp 2.3-4). O apóstolo Pedro disse: “Honrai a todos. Amai a fraternidade” (1 Pe 2.17).

Calvino, comentando esse versículo, disse:

Não há meio mais excelente para alimentar e sustentar o amor do que a prática da humildade para com o próximo, porque ela busca honrar a todos⁴⁹.

Devemos ser misericordiosos com hospitalidade Paulo trata rapidamente sobre uma questão que deve fazer parte da vida cristã: o cuidado, o zelo para com as coisas do Senhor (Rm 12.11-12). Os cristãos não devem ser remissos, mas fervorosos no espírito, servindo ao Senhor. Eles devem ser ebulientes no servir ao Senhor.

Paulo também fala da esperança, que tem uma relação muito forte com o amor, que tudo espera, pois a esperança dá ao cristão aquela largueza de coração que o torna receptivo às necessidades de seus irmãos na fé⁵⁰. Ele diz que os cristãos devem ser pacientes no sofrimento, e a paciência também tem uma relação com o amor, que é paciente. Ele diz que devemos ser perseverantes na oração.

Calvino diz que há uma relação entre alegrar-se na esperança, ser paciente na tribulação, perseverar na oração e o servir ao Senhor⁵¹. Ou seja, quem serve ao Senhor pratica essas coisas.

Em Romanos 12.13 o apóstolo volta para uma questão especial: o amor para com o próximo. Ele diz que os cristãos devem acudir os santos nas suas necessidades e devem exercer a hospitalidade.

Paulo ensina o caminho da hospitalidade. Os cristãos devem compartilhar com os santos nas suas necessidades. O vocábulo no original grego diz respeito à partilha das próprias possessões, ao dar, ao cuidar do outro nas suas necessidades, ao repartir e ao dividir.

Os cristãos devem suprir as necessidades dos outros. Paulo fala sobre a mesma questão do versículo 8b deste capítulo, que diz: “... o que reparte,

faça-o com liberalidade... o que exercita misericórdia, com alegria”.

É interessante observarmos novamente que no original grego os verbos compartilhar e praticar estão dando a ideia de continuidade. Portanto, os cristãos devem compartilhar as necessidades dos outros e seguir a hospitalidade constantemente.

Quanto à hospitalidade, deve haver uma afeição para com todos, e aqui estão incluídos os estranhos também. Seria uma demonstração de amor quando os crentes fossem hospitaleiros para com os de fora, para com os estrangeiros, já que isso não era uma prática na cultura romana. Creio que o comunicar com os santos nas suas necessidades e o ser hospitaleiro estão relacionados com os versículos 15 e 16.

Os cristãos deveriam se alegrar com os que estavam bem e chorar com os que choravam. Deveriam ter unidade em tudo e viverem em harmonia com os outros constantemente, na fartura e na necessidade⁵². A ideia é a de cultivar a humildade juntos e não serem sábios neles mesmos. Com isso, estariam sempre juntos na bonança e também na hora da dificuldade.

Não podemos deixar de notar os verbos alegrar-se e chorar, que no original grego estão indicando um fim, um propósito, que é a prática da hospitalidade para com o próximo. Fica claro nesses versículos (13, 15 e 16) que aquele que ama não pode deixar de se preocupar com as necessidades dos outros. Portanto, hoje em nossas igrejas temos que observar esse detalhe e cuidar dos domésticos da fé, como Paulo ensinou a Timóteo e aos gálatas (Gl 6.10; 1 Tm 6.18).

Temos que viver juntos, sentir a mesma coisa juntos. Seja na alegria, seja na tristeza, estamos sempre juntos como membros do corpo de Cristo. Somos pessoas diferentes, mas temos a mesma unidade no Senhor Jesus. Peçamos ao Senhor que nos dê graça para preservarmos a unidade do Espírito tendo um mesmo sentimento entre nós.

Paulo disse a Tito como o homem deveria ser: “Mas dado a hospitalidade, amigo do bem...” (Tt 1.8). Também disse a Timóteo como deveria ser o bispo: além de vigilante, sóbrio, honesto, apto para ensinar, também deveria ser hospitaleiro.

Devemos ser misericordiosos com os perseguidores e inimigos

“Abençoi aos que vos perseguem, abençoi, e não amaldiçoeis” (Rm 12.14). Agora Paulo abraça o amor para com mundo exterior, o amor para com os inimigos, para com os perseguidores. No original o verbo abençoar significa

falar bem de, não desejar dano para os outros. A ideia é a de agir bem em favor do outro, retribuir o bem pelo mal que nos fazem. É o mesmo ensino do Senhor Jesus aos seus discípulos quanto ao amor para com os inimigos:

“Amai a vossos inimigos... e orai pelos que vos maltratam e perseguem...” (Mt 5.44).

Paulo ensina que os cristãos devem falar bem dos perseguidores e não os amaldiçoar, pois conhece bem o coração do homem, que é miseravelmente corrupto. Portanto, o curso natural do homem é amaldiçoar os inimigos, é querer o mal dos que fazem mal, mas os filhos de Deus devem abençoar os perseguidores e não os amaldiçoar.

Paulo continua insistindo nessa questão e diz: “A ninguém torneis mal por mal; procurai as coisas honestas, perante todos os homens” (Rm 12.17). É a ideia do ensino de Jesus de que devemos orar sempre pelos que nos perseguem e não retribuir o mal com mal. Ele ainda continua trabalhando nesta questão e diz para os cristãos não deixarem de buscar a paz com todos os homens.

Em Romanos 12.19 Paulo enfatiza novamente que os cristãos não devem ser vingativos, e sim dar lugar à ira, porque a vingança, o acertar de contas, pertence a Deus. Ele faz a citação do que é dito em Deuteronômio 32.35-36: “Minha é a vingança e a recompensa, ao tempo que resvalar o seu pé; porque o dia da sua ruína está próximo, e as coisas que lhes hão de suceder, se apressam a chegar. Porque o Senhor fará justiça ao seu povo...”.

Calvino comentando o versículo 19, diz:

Dar lugar a ira quer dizer que entregamos nas mãos de Deus o poder de julgar, todos aqueles que se vingam nas suas atitudes.

Portanto, não é lícito usurpar aquilo que é de Deus, o julgar, tão pouco o vingar-se, pois, nos tornamos juízes em lugar de Deus... Quem trata de julgar por si mesmo, não dá lugar à solução divina⁵³.

Paulo finaliza a questão mostrando como deveria ser o procedimento dos cristãos: “... se o teu inimigo tiver fome, dálhe de comer; se tiver sede, dá-lhe de beber; porque, fazendo isto, amontoarás brasas de fogo sobre a sua cabeça. Não te deixes vencer do mal, mas vence o mal com o bem” (Rm 12.20-21).

O verbo dar no original grego denota uma ordem, ou seja, é uma ordem de dar de comer e de beber àqueles que são inimigos, e o verbo fazer traz a ideia

de continuidade. Quanto ao amontoar brasas de fogo sobre a sua cabeça, F. F. Bruce diz algo importante: Amontoar brasas vivas sobre a sua cabeça se refere a um ritual egípcio no qual um homem dava pública evidência do seu arrependimento levando na cabeça uma bacia cheia de carvão em brasa. Assim Paulo quis dar um significado mais nobre, ou seja, para Paulo o importante era tratar o inimigo com amor e bondade, pois, isto poderia fazê-lo se envergonhar e poderia levá-lo a um arrependimento. Em outras palavras, o melhor modo de se livrar de um inimigo é torná-lo amigo. Por isso, Paulo disse no final para vencer o mal com o bem⁵⁴.

Hendriksen diz que ao fazermos o bem para os nossos inimigos, eles são envergonhados⁵⁵. Este é um dos desafios mais difíceis que temos, mas não podemos deixar de segui-lo, pois é uma questão bíblica. Você pode dizer: “Você é louco? Como amarei, como praticarei a bondade para alguém que quer me destruir?”.

Assim mesmo, como o apóstolo Paulo nos ensina: retribuindo o mal com a prática do bem. Tendo paz com os outros e não nos vingando. Lembrando-nos sempre de que a vingança pertence a Deus. E quando o nosso inimigo precisar de nós, devemos estender as nossas mãos.

Nunca devemos vencer o mal com o mal, mas devemos vencer o mal com a demonstração do bem que Deus, por sua graça, coloca em nosso coração. Quando fazemos isso, evidenciamos que somos pessoas transformadas pelo Senhor, como diz Romanos 12.2. Mostramos a hospitalidade e seguimos a paz. Assim os homens verão as nossas boas obras e glorificarão ao nosso Pai Celeste. E o Senhor nos recompensará dando-nos o privilégio de testemunhar do seu amor e da sua misericórdia. Como diz Martyn Lloyd-Jones: “Nossa vida inteira serve de expressão e proclamação daquilo que realmente somos”.

Jesus disse em Lucas 6.35: “Amai, pois, a vossos inimigos, e fazei bem, e emprestai, sem nada esperardes, e será grande o vosso galardão, e sereis filhos do Altíssimo; porque ele é benigno até para os com os ingratos e maus”.

O livro de Provérbios afirma: “Não digas: Vingar-me-ei do mal; espera pelo Senhor, e ele te livrará” (20.22); “Se o teu inimigo tiver fome, dá-lhe pão para comer; e se tiver sede, dá-lhe de beber; porque assim lhe amontoarás

brasas sobre a cabeça; e o Senhor to retribuirá” (25.21-22).

Naum também nos diz: “O Senhor é Deus zeloso e vingador; o Senhor é vingador e cheio de furor; o Senhor toma vingança contra os seus adversários, e guarda a ira contra os seus inimigos” (1.2).

Pedro disse: “Não tornando mal por mal, ou injúria por injúria; antes, pelo contrário, bendizendo; sabendo que para isto fostes chamados, para que por herança alcanceis a bênção” (1 Pe 3.9). E por fim: “Não teingarás nem guardarás ira contra os filhos do teu povo; mas amarás o teu próximo como a ti mesmo. Eu sou o Senhor” (Lv 19.18).

Precisamos pedir para que o Senhor derrame graça abundante para que amemos os nossos inimigos e demonstremos graça e misericórdia, a mesma que recebemos de Deus Pai.

Novamente nos lembramos da vida de Simonton, que, como servo de Deus, foi um homem que marcou a sua geração a ponto de dizerem:

Por muito tempo sentiremos a falta de seus alegres cumprimentos em nossos locais de trabalho, e o encanto que sua amável companhia acrescentava as nossas reuniões domésticas, hóspede gentil, cheio de misericórdia e de bons frutos, sem parcialidade e sem hipocrisia⁵⁶.

Temos este exemplo, mas não esqueçamos que Simonton foi homem e teve falha. Porém, o nosso Senhor Jesus Cristo não teve falhas e, sem sombra de dúvidas, deve ser o nosso referencial máximo para amarmos o nosso próximo com graça e misericórdia. Se não amarmos como o Senhor Jesus nos amou, a nossa fé será uma coisa banal, a nossa teologia se transformará em dogmatismo e a nossa evangelização se tornará sectária, ou seja, intolerante.

Precisamos ensinar às nossas igrejas uma doutrina bíblica, reformada, mas também temos que ensinar a doutrina da prática do amor. O chamado de Jesus para nós é que tenhamos entranhas comunitárias que visam o cuidado dos irmãos e de pessoas carentes que nos cercam todos os dias. Novamente lembro uma frase de Francis Shaeffer: “Nós precisamos de duas ortodoxias: primeiro, uma ortodoxia doutrinária e, segundo, uma ortodoxia comunitária”⁵⁷. Creio que há algumas dicas para sermos mais

misericordiosos com os nossos amigos e pessoas que se relacionam conosco.

É preciso estar bem com nós mesmos para que façamos o bem para os outros

Lidar com gente complicada é sempre algo difícil, principalmente quando a pessoa complicada somos nós mesmos⁵⁸. Pessoas que não percebem quem são nem o que fazem com os outros geralmente causam prejuízos nos seus relacionamentos.

É preciso olharmos para nós mesmos, porque se estivermos bem trataremos aqueles que nos cercam de maneira agradável e gentil. Muitas vezes deixamos de exercitar a misericórdia porque diante dos nossos próprios insucessos culpamos os outros e então nos fechamos para os problemas e as crises dos outros.

É preciso aprender a sair de nós mesmos e ajudar os outros a subirem o elevador da vida

Há uma canção de Leonardo Gonçalves, chamada “Getsêmani”, que afirma: No Getsêmani foi que meu Jesus orou, se entregando ao Pai mais uma vez. Logo vieram pessoas para o levar. Para a maior das provações. Ele tanto amou, tudo suportou. Ele carregou a nossa cruz. Ver os cravos nas mãos, seu corpo a sofrer. Naqueles momentos de dor. Ver o mestre a chorar e foi por você. Que ele mostrou tanto amor.

Pessoas que não percebem o quanto Deus nos amou em Cristo Jesus e nos colocou no elevador da graça e da eternidade, não entendem o que significa misericórdia para com os outros. No relacionamento diário com os amigos e pessoas que nos cercam podemos empurrar gente para cima ou para baixo. Empurrar para baixo é gesto de quem não anda na trilha da graça e da misericórdia.

Admiro demais a forma como a minha amada mãe me empurrou para cima. Ela cuidou de mim quando estava muito doente. Lembro-me de quando quebraram minha perna na escola e ela ficou o tempo todo no hospital. Naquela noite sofri muito de dor, e ela não pregou o olho. Ficou ali me abraçando e cuidando de mim.

Quando iniciei o colégio, ela trabalhava de empregada doméstica para me ajudar nos estudos. Fazia minha marmita e colocava o pedaço de carne dela para mim e ficava sem comer. Ela sustentou meu voo nas alturas. Ela fez o

possível para eu subir mais um andar da minha carreira. Hoje só estou com uma perspectiva preciosa na vida porque ela investiu em mim e foi graciosa e teve atos de bondade para comigo.

O filme Os miseráveis também nos ensina uma lição profunda. Após cumprir 19 anos de prisão com trabalhos forçados por ter roubado comida, Jean Valjean é acolhido por um gentil bispo, que lhe dá comida e abrigo. Mas havia tanto rancor na sua alma que no meio da noite ele rouba a prataria da casa e agride seu benfeitor. Quando é preso pela polícia com toda aquela prata, ele é levado até o bispo, que confirma a história de lhe ter dado a prataria e ainda pergunta por qual motivo ele esqueceu os castiçais, que devem valer pelo menos dois mil francos. Esse gesto extremamente nobre do religioso devolve a fé que aquele homem amargurado tinha perdido. O bispo diz a ele: “Jean, com esta prata eu compro a sua alma. Esta prata será a lembrança de que você agora é um novo homem”. Após nove anos Valjean se torna prefeito e principal empresário em uma pequena cidade.

James Hunter, autor de O monge e o executivo, diz:

Precisamos uns dos outros, os arrogantes e orgulhosos fingem que não precisam, que piada! Um par de mãos me tirou do útero, outro trocou minhas fraldas, me alimentou, me nutriu, outro ainda me ensinou a ler e escrever. Agora, outros pares de mãos cultivam minha comida, entregam minha correspondência, coletam meu lixo, fornecem-me eletricidade... um par de mãos cuidará de mim quando eu ficar doente e velho, e me levará de volta a terra quando eu morrer⁵⁹.

James Hunter diz isso porque percebeu que se concentrou nas tarefas e se descuidou dos relacionamentos⁶⁰. Só podemos exercitar a misericórdia que recebemos do Pai através dos nossos relacionamentos. Tudo na vida gira em torno dos relacionamentos com Deus e com o próximo. Sem alguém ao nosso lado não podemos nos conhecer como um ser humano de fato. A verdade para nós é que de nada vale aprender bem se deixarmos de fazer bem e com a misericórdia do Eterno Deus!

Que o Senhor Deus nos dê a sua graça para que pratiquemos o amor com a misericórdia d’Ele!

Para refletir e viver

- A misericórdia se dirige a toda a criação e não simplesmente aos homens.

Deus tem compaixão inclusive de suas criaturas irracionais em suas necessidades e misérias e as supre com sua provisão apropriada.

- Só o amor de Deus pode amenizar a malignidade que há no nosso coração e é capaz de fazer com que tratemos as pessoas com cordialidade, com desprendimento e como se fossem superiores a nós mesmos.
- Somos pessoas diferentes, mas temos a mesma unidade no Senhor Jesus. Portanto, peçamos que o Senhor nos dê graça para preservarmos a unidade do Espírito tendo um mesmo sentimento entre nós.
- Precisamos ensinar às nossas igrejas uma doutrina bíblica, reformada, mas também temos que ensinar a doutrina da prática do amor.
- O chamado de Jesus para nós é que tenhamos entranhas comunitárias que visam o cuidado dos irmãos e de pessoas carentes que nos cercam todos os dias.
- No relacionamento diário com os amigos e pessoas que nos cercam podemos empurrar gente para cima ou para baixo. Empurrar para baixo é gesto de quem não anda na trilha da graça e da misericórdia.
- Tudo na vida gira em torno dos relacionamentos com Deus e com o próximo. Sem alguém ao nosso lado não podemos nos conhecer como um ser humano de fato.

³⁸ RIBEIRO, Boanerges. Diário de Ashbel G. Simonton. São Paulo: CEP, 1982, p. 125.

³⁹ Idem, p. 148.

⁴⁰ RIBEIRO, Boanerges. Op. cit., p. 205.

⁴¹ STOTT John. Contracultura cristã cit., p. 23.

⁴² Idem, p. 23.

⁴³ LLOYD-JONES, Martyn. Op. cit., p. 89.

⁴⁴ HENDRIKSEN, William. Comentário do Novo Testamento - Romanos. São Paulo: CEP, 2004, p. 413.

⁴⁵ HODGE, Charles. Commentary in Epistle to the Romans. Grand Rapids: Eerdmans Publishing, 1994, p. 396.

⁴⁶ SCHAEFFER, Francis. A missão da igreja no mundo. São Paulo: CEP, 1983, p. 64.

⁴⁷ LOPES, Augustus Nicodemus. Exegese de Atos. São Paulo: Seminário Rev. José Manuel da Conceição, 1.º semestre de 1995.

⁴⁸ FRANZMANN, Martin H. A Carta aos Romanos. São Paulo: Paulinas, 1972, p. 184.

⁴⁹ CALVINO, João. Comentário sobre o Livro de Romanos. São Paulo: Paracletos, 1997, p. 435.

⁵⁰ FRANZMANN, Martin. Op. cit., p. 185.

⁵¹ CALVINO, João. Comentário sobre o Livro de Romanos cit., p. 436.

⁵² HENDRIKSEN, William. Op. cit., p. 418.

⁵³ CALVINO, João. Comentário sobre o Livro de Romanos cit., p. 445.

⁵⁴ BRUCE, F. F. Introdução e comentário de Romanos. São Paulo: Vida Nova, 1991, p. 187.

⁵⁵ HENDRIKSEN, William. Op. cit., p. 423.

⁵⁶ RIBEIRO, Boanerges. Op. cit., p. 205.

⁵⁷ SCHAEFFER, Francis. Op. cit., p. 220.

⁵⁸ MAXWELL, John C. Vencendo com as pessoas. Vinte e cinco princípios para alcançar o sucesso por meio dos relacionamentos. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2007, p.35.

⁵⁹ HUNTER, James C. O monge e o executivo. Rio de Janeiro: Sextante, 2004, p. 34.

⁶⁰ Idem, p. 34.

Capítulo 8

Bem-aventurados os limpos de coração

Mateus 5.8

O filósofo e teólogo dinamarquês Soren Kierkegaard afirmou: Pureza de coração é desejar uma só coisa. Coração puro, coração limpo. Coração santo, coração novo, coração vivo, coração crente, coração lavado pelo sangue de Jesus! Coração alegre, coração mudado, coração de carne, coração liberto, coração pulsante, coração que louva. Coração renovado, coração diferente, coração mais contente, coração mais sereno, coração sem veneno e coração sem culpa.

Há um problema real com relação aos nossos pecados. Muitas vezes podemos evitar ou até negar o pecado, mas ele é uma realidade na nossa vida.

A realidade é que todos pecaram e caíram da glória de Deus, como o apóstolo Paulo nos ensina em Romanos. A verdade é que algo está errado conosco, e esse algo se chama pecado. Eugene Peterson escreve em Respondendo a Deus:

O pecado não é o que há de errado com as nossas mentes, é a desordem catastrófica na qual nos encontramos numa relação estranha com Deus. Esta é a condição humana.

O pecado é mais do que uma condição religiosa. Cada crime social, adultério, opressão, injustiças, roubo, crueldade, falta de humanidade, negligência com os pobres, com a Terra, com as nações e com relação ao nosso próximo também são pecados. A solução para os pecados seria, simplificarmente, oferecer o nosso coração contrito a Deus para uma renovação. A nossa necessidade comum é ir a Deus para receber amor e perdão.

A Bíblia oferece muitas seguranças graciosas de perdão. Os Salmos oferecem um número de orações específicas para arrependimento e recomeço diante de Deus. Não foi por acaso que Jesus disse que os limpos de coração são bem-aventurados. Vejamos qual é o princípio ensinado por Jesus para vivermos comprometidos com o seu Reino.

Tenhamos um coração limpo que é mantido pelo Pai Há um problema sério e que gera conflitos enormes quando queremos ter uma vida limpa e séria diante de Deus: a nossa natureza humana depravada.

Jesus disse: “Nada há, fora do homem, que, entrando nele, o contamine; mas o que sai do homem é o que o contamina. (...) Porque de interior do coração dos homens saem os maus pensamentos, os adultérios, as prostituições, os homicídios, os furtos, a avareza, as maldades, o engano, a dissolução, a inveja, a blasfêmia, a soberba, a loucura. Todos estes males procedem de dentro e contaminam o homem” (Mc 7.14-15, 21-23).

Fica claro e evidente que o nosso Senhor jamais pregou qualquer bondade vinda da natureza humana. Ele sabia que o ser humano foi criado à imagem de Deus, mas também sabia que a imagem foi maculada.

O valor dos seres humanos é enfatizado por Jesus, tanto que Ele afirma que veio para servi-los. Mas Jesus também deixou claro e ensinou que não somos bons na essência, ao contrário, somos absolutamente maus e nossa estrutura não vale nada. Alguma coisa tem que ser feita para que o coração se volte sinceramente para Deus porque a nossa imagem foi desfigurada.

No princípio, antes de o homem cair em pecado, ele possuía uma imagem original. Embora não saibamos exatamente como a imagem de Deus se revelou naquele estágio da história do homem, presumimos que o homem, que era o complemento humano de Deus, o refletia sem absolutamente nenhum pecado e de forma muito obediente. Adão e Eva eram, como diz Agostinho, “capazes de não pecarem”⁶¹.

Nesse estágio Adão e Eva funcionavam sem pecado e de forma obediente em todos os relacionamentos com Deus: na adoração e no serviço de Deus, no amor e serviço de um para com o outro e também no domínio e cuidado pela criação que Deus colocou diante deles. Mas diante da vulnerabilidade da estrutura humana, eles experimentaram a queda. E agora o homem está em pecado, e a imagem de Deus não foi aniquilada, mas foi pervertida. Como diz Hoekema:

A imagem no seu sentido estrutural ainda estava lá – os dons dos homens, suas capacidades e suas habilidades não foram destruídas pela queda – mas o homem agora começou a usar esses dons de modo contrário à vontade de Deus. O que mudou, em outras palavras, não foi a estrutura do homem, mas o modo no qual ele passou a funcionar, a direção na qual ele passou a andar. O homem através da queda não se tornou

o demônio que, incapaz de redenção não pode mais revelar os aspectos da imagem de Deus. Mas, enquanto ele permaneceu real e substancialmente homem, ele tem ainda preservado todas as suas faculdades, capacidades e poderes humanos, a forma, a natureza, a disposição e direção de todos esses poderes foram tão mudados que agora ao invés de fazer a vontade de Deus os homens cumprem a lei da carne⁶².

Por causa da queda, a imagem de Deus no homem foi seriamente corrompida. João Calvino descreveu essa imagem como deformada, viciada, mutilada, aleijada, doentia e desfigurada. A imagem afetou o funcionamento do homem nos três relacionamentos nos quais Deus o colocou, e agora ele não consegue mais andar sozinho na relação com Deus porque as suas inclinações são voltadas para o mal.

A espessa camada de lama que jaz no fundo geralmente não se vê, e muito menos se suspeita, mas quando as águas do poço são agitadas pelos ventos da emoção violenta, a imundície mais nojenta borbulha das profundezas e irrompe na superfície: ódio, raiva, lascívia, crueldade, ciúmes e revolta. Em nossos momentos mais sensíveis somos atormentados pela nossa potencialidade para o mal. E de nada adiantam tratamentos superficiais.

Agora o homem caído, em vez de adorar o verdadeiro Deus, adora os ídolos. Paulo indica em Romanos 1 a indesculpabilidade da perversão do relacionamento entre Deus e os homens: “Porque as suas coisas invisíveis, desde a criação do mundo, tanto o seu eterno poder, como a sua divindade, se entendem, e claramente se veem pelas coisas que estão criadas, para que eles fiquem inescusáveis; porquanto, tendo conhecido a Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças, antes em seus discursos se desvaneceram, e os seu coração insensato se obscureceu. Dizendo-se sábios, tornaram-se loucos. E mudaram a glória do Deus incorruptível em semelhança da imagem de homem corruptível, e de aves, e de quadrúpedes, e de répteis” (Rm 1.20-23).

O coração do homem, diante desse processo de desfiguração da imagem de Deus, ficou absolutamente corrupto. Não é por acaso que o profeta Jeremias o chama de enganoso e miseravelmente corrupto (Jr 17.9).

O coração do homem caído agora o usa como um meio de louvar a si mesmo

ou as realizações humanas. O senso moral do coração do homem está pervertido e chama o certo de errado e o errado de certo. O dom de falar é usado para amaldiçoar a Deus em vez de louvá-lo. Em vez de viver em obediência a Deus, o homem está em revolta, desafiando a Deus e as suas leis. Esta perversão da imagem desfigurada afetou tudo em nós. A capacidade para comunhão foi afetada, e vivemos manipulando os outros como ferramenta para os nossos propósitos egoístas. Falamos mentiras em vez da verdade. Enfim, o nosso coração foi grandemente afetado pelo pecado. Somente uma intervenção divina para restaurar esse coração a fim de que ele viva novamente para Deus. E Deus enviou seu próprio Filho para assumir o papel de redentor desse coração. Com Jesus, agora temos a nossa imagem renovada.

Essa imagem é colocada de forma aprumada outra vez por meio do Redentor. A restauração na imagem começa na regeneração através do ato do Espírito Santo, por meio do qual Ele traz a pessoa em união viva com Cristo e muda o seu coração de tal modo que, espiritualmente morta, ela se torna espiritualmente viva. Agora ela está pronta e desejosa para crer no evangelho e servir ao Senhor Jesus Cristo.

Mesmo com os efeitos da queda dentro de si o homem é capaz de observar a lei mediante a ação soberana do Espírito Santo. Mesmo o efeito da maldade humana sendo algo intrínseco, movido por Deus ele é capaz de ter um coração limpo e voltado para o que é honesto, sincero e verdadeiro.

Exatamente por isso Jesus disse: Bem-aventurados os limpos de coração, porque eles verão a Deus. Não é uma loucura, mas uma realidade pela graça d'Ele. Tanto que Paulo afirma em 2 Coríntios 1.12: “Porque a nossa glória é esta: o testemunho da nossa consciência, de que com simplicidade e sinceridade de Deus, não com sabedoria carnal, mas na graça de Deus, temos vivido no mundo, e de modo particular convosco”.

Por meio desse texto percebemos que a palavra de Jesus sobre ser limpo de coração é algo totalmente possível pela sua graça. E com toda certeza é pela graça de Deus. Porque todas as pessoas que já conseguiram ver, ao menos de relance, a santidade de Deus foram incapazes de suportar a visão, de tão chocadas que ficaram diante da sua própria impureza.

Moisés escondeu o rosto porque tinha medo de olhar para Deus: “E apascentava Moisés o rebanho de Jetro, seu sogro, sacerdote em Mídia; e levou o rebanho atrás do deserto, e chegou ao monte de Deus, a Horebe. E apareceu-lhe o anjo do Senhor em uma chama de fogo do meio duma sarça; e

olhou, e eis que a sarça ardia no fogo, e a sarça não se consumia. E Moisés disse: Agora me virarei para lá, e verei esta grande visão, porque a sarça não se queima. E vendo o Senhor que se virava para ver, bradou Deus a ele do meio da sarça, e disse: Moisés, Moisés. Respondeu ele: Eis-me aqui. E disse: Não te chegues para cá; tira os sapatos de teus pés; porque o lugar em que tu estás é terra santa. Disse mais: Eu sou o Deus de teu pai, o Deus de Abraão, o Deus de Isaque, e o Deus de Jacó. E Moisés encobriu o seu rosto, porque temeu olhar para Deus” (Êx 3.1-6).

Isaías gritou horrorizado e chorou a sua própria impureza e perdição: “Então disse eu: Ai de mim! Pois estou perdido; porque sou um homem de lábios impuros, e habito no meio de um povo de impuros lábios; e os meus olhos viram o Rei, o Senhor dos Exércitos” (Is 6.5).

Mas mesmo no meio de toda a maldade e indignidade humana diante da santidade de Deus, mesmo no meio da vida egocêntrica que brota do nosso coração, mesmo com a nossa natureza caída, o que nos torna impuros diante de Deus, Ele nos dá a graça de viver com santidade e um coração limpo na presença d’Ele.

Deus nos dá a graça de viver com a capacidade do mais sublime gesto de nobreza. É claro que nesse processo todo há um paradoxo, porque num momento podemos nos comportar como Deus, de acordo com a imagem pela qual fomos criados, mas em seguida podemos agir como animais, dos quais deveríamos diferir completamente.

Foram os seres humanos que criaram os hospitais para cuidar dos doentes e as universidades, onde se cultiva a sabedoria, assembleias e congressos para o governo justo dos povos e também as igrejas, onde podemos adorar a Deus. Ao mesmo tempo, também inventaram as câmaras de tortura, os campos de concentração e os arsenais nucleares. Não dá para acreditar, mas é um estranho e incrível paradoxo!

Como afirma o pensador e escritor C. S. Lewis:

Através de Aslam, o homem descende de Adão e Eva. É honra suficientemente grande para que o mendigo mais miserável ande de cabeça erguida e também vergonha suficientemente grande para fazer vergar os ombros do maior imperador da terra⁶³. Como este ser tão mal pode praticar o bem? Como este ser pode ser limpo de coração?

A resposta é dada pelo nosso Senhor Jesus Cristo: com redenção pessoal. O mal está tão profundamente enraizado dentro de nós que é impossível salvarmos a nós mesmos. Então, sem sombra de dúvidas, a nossa necessidade

mais urgente é a redenção.

Em Jesus temos um novo começo na vida que nos oferece uma purificação da poluição do pecado e também um novo coração e a realidade de sermos novas criaturas. Em Jesus passamos a ter novas perspectivas, novas ambições e novas forças para viver de maneira limpa e honesta diante do Criador.

E isso só acontece porque as Escrituras nos ensinam que somos criados à imagem de Deus. E através de Jesus Cristo temos o perdão e a possibilidade de caminhar rumo à santidade. Por meio do Espírito Santo que penetra em nossa personalidade sempre, Ele nos transforma a partir do nosso interior e vai produzindo em nós o fruto do Espírito para que andemos em novidade de vida. Para que andemos em santidade, como Paulo afirma em 2 Coríntios 7.1: “Ora, amados, pois que temos tais promessas, purifiquemonos de toda a imundícia da carne e do espírito, aperfeiçoando a santificação no temor de Deus”.

Pela graça de Deus temos a participação na natureza divina (2 Pd 1.4). Deus permanece em nós, como João afirma na sua primeira epístola (1 Jo 4.12). Paulo nos diz que agora somos o santuário do Deus vivo (2 Co 6.16). Ele afirma que Cristo vive em nós (Gl 2.20). Nesta participação da plenitude de Deus temos a graça de sermos aperfeiçoados em santidade de vida. E com toda a certeza podemos ser limpos de coração! Caminhemos um pouco mais depois dessas considerações importantes acerca da natureza humana e da ação redentiva de Deus.

O que significa a expressão *limpos de coração*?

A interpretação normal considera a pureza de coração como uma expressão de pureza interior, a qualidade daqueles que foram purificados da imundície moral, em oposição à imundície cerimonial.

No livro de Salmos percebemos que ninguém poderia subir ao monte do Senhor ou ficar no seu santo lugar se não fosse “limpo de mãos e puro de coração”. Por isso Davi, consciente de que o seu Senhor desejava a verdade totalmente no íntimo, orou: “Cria em mim, ó Deus, um coração puro, e renova em mim um espírito reto” (Sl 51.10).

O significado da expressão *limpos de coração* é o coração lavado de todas as projeções, de todas as atrações e das repulsões interiores⁶⁴. É lá no íntimo do coração, incluindo pensamentos e motivações, que devemos lutar pela limpeza e transparência diante de Deus. É lá dentro que precisamos evitar a desonestidade, a dissimulação e o desprezo pela santidade. Jesus diz que tão somente os limpos de coração verão a Deus na sua glória, porque só os

sinceros podem suportar a deslumbrante visão.

Como diz Martyn Lloyd-Jones:

Os limpos de coração são aqueles que essencialmente lamentam a impureza do coração. Porque a única maneira de alguém se tornar possuidor de um coração puro, honesto consiste em perceber quão impuro é o coração humano. A lamentação é a única coisa capaz de nos conduzir à limpeza e purificação da nossa alma⁶⁵.

Quando Jesus fala do coração, Ele não está se referindo ao intelecto nem à capacidade mental de fazer algo. Ele está falando do nosso interior. É evidente que Ele fala do coração como o centro da nossa personalidade.

Do coração é de onde saem as fontes da vida, como Salomão afirma em Provérbios 4.23. O coração é o centro do ser humano, e de lá brota tudo quanto pensamos e refletimos. Ele inclui mente, vontade e emoções⁶⁶. Então a realidade defendida por Jesus é que o evangelho começa exatamente na fonte, no cerne do ser humano: no coração.

Isso é algo importante para avaliarmos e tirarmos algumas ponderações para a nossa própria vida espiritual. O nosso coração foi tocado pelo evangelho, então a limpeza do coração é diária e precisa fazer parte da nossa caminhada.

Quais são as ações dos limpos de coração no evangelho de Cristo?

Precisamos sondar os nossos desejos e sentimentos para que sejam santos

A verdade é que temos desejos e sentimentos reprimidos. Temos uma página interna que ninguém conhece a não ser Deus. Dependendo da vida que levamos, em algum momento, com toda certeza, estoura o processo de expor esses desejos e sentimentos. Aqui está o problema! Nós pecamos por causa dos desejos e dos sentimentos. Vivemos numa época que é movida pelos sentimentos e desejos. Por isso, as pessoas dizem que têm o direito de ser felizes. Precisamos detectar se os desejos e sentimentos nos levam a adorar a Deus de maneira santa ou não.

Precisamos ser sinceros diante de Deus e de nós mesmos para que não tenhamos uma adoração falsa, uma vida falsa e com hipocrisia. Não podemos andar com Deus tendo um coração limpo se não detectarmos qual é o desejo que toma conta do coração. Porque, às vezes, estamos na celebração da igreja

com o físico, mas o coração está desejoso por outras coisas que não Deus naquele tempo de gratidão.

Precisamos ser sinceros nos desejos e sentimentos em relação a Deus. Por isso Davi expressa a sua vontade de ser limpo diante de Deus e diz: “Sonda-me, ó Deus, e conhece o meu coração; provame, e conhece os meus pensamentos. E vê se há em mim algum caminho mau, e guia-me pelo caminho eterno” (Sl 139.23-24). Davi traiu Deus por causa do vacilo nos seus sentimentos; ele sabia que o pensamento é a elaboração dos desejos e dos sentimentos.

Muitas vezes vigiamos os pensamentos e nunca vigiamos os desejos e sentimentos. Quais são os desejos e sentimentos que têm subido ao nosso coração? O casamento exige de nós uma atenção profunda. As relações humanas exigem cuidado e atenção para nos mantermos limpos diante de Deus. Se não controlamos os desejos, passamos a falar mal e desejar o mal para as pessoas que nos cercam.

Não podemos deixar que os desejos sejam atropelados por nós mesmos. O que podemos fazer diante da luta interna com os desejos? Vigiemos, jejuemos e oremos!

Precisamos sair do abismo de nós mesmos e viver a santidade de Deus

Jesus diz que se os nossos olhos forem bons, o nosso corpo será luminoso. Esta pureza tem a ver com a singeleza do ser. Quer dizer que saímos de nós mesmos, saímos do abismo e nos tornamos pessoas em que tudo está palpável, visível e sem máscaras.

Quando saímos do abismo, nada fica escondido e passamos a ter uma vida pautada pelo evangelho, que desnuda tudo na nossa vida.

Como afirma o Dr. James Houston em seu livro Jonathan Edwards – Uma fé mais forte que as emoções, quando o evangelho entra em nós ele nos incentiva à retidão e diligência na vida cristã com honestidade⁶⁷. Uma vez que somos sinceros diante de nós mesmos saímos do abismo e visamos a santidade de Deus. Passamos a andar na santidade do Espírito, que é a beleza e a doçura da natureza divina em nós.

O afeto dos santos começa com a saída do abismo para a santidade. Paulo diz em Efésios 1.1: “Aos santos que estão em Éfeso”. O termo santo no Antigo Testamento (Kadosh) quer dizer “pessoa separada por Deus”. No Novo Testamento significa “alguém separado para pertencer exclusivamente a Deus”. Paulo endereça esta carta com a pressuposição de que seus leitores

são pessoas realmente convertidas e separadas para Deus.

Quando acontece o ato da regeneração feita pelo Espírito Santo de Deus no nosso coração, somos tornados santos. Ou seja, Deus nos trata por meio de Cristo como pessoas santas e puras. Mas olhe para dentro de você mesmo e veja se há possibilidade de ser chamado santo!

Somos santos de Deus. Não dá para se conformar com essa afirmação quando olhamos para os nossos pecados, para o desejo de acabar com aquele pessoa que atrapalha a nossa vida, para aquele amigo da faculdade que nos humilhou e a vontade que temos é de dar um soco na sua boca. Não dá para se conformar com essa afirmação quando olhamos para o fato de que não conseguimos obedecer aos nossos pais.

Não dá para conceber a ideia de que somos santos quando olhamos para os nossos casais de jovens que não conseguem ter pureza no namoro. Não dá para pensar na possibilidade de sermos santos quando a maioria das pessoas que se dizem cristãs cola na faculdade e no colégio.

Não dá para aceitar a ideia de que somos santos de Deus quando roubamos as horas no trabalho, quando somos caloteiros no bairro. Esta é a verdade: Deus chama pessoas ruins, pobres, ricas, soberbas, orgulhosas, mentirosas, assassinas, adúlteras para serem santas. Ele vem e transforma o coração delas para serem santas e terem uma vida transparente, quando saem do abismo delas mesmas para uma vida reta, honesta e verdadeira diante d'Ele. Apesar de sermos miseráveis, Deus nos dá uma bênção extraordinária.

E em Jesus Ele nos torna santificados, dá-nos uma condição de sermos tratados como pessoas imaculadas. Ele leva o seu próprio Filho para a cruz para sofrer fisicamente com uma coroa de espinhos e os pregos em suas mãos e pés.

Espiritualmente Ele suportou a agonia de receber a nossa pena diante do Criador sozinho e abandonado naquele madeiro⁶⁸. E o que importou no Calvário? Foi a grandeza da santidade do nosso Senhor Jesus em contato com a nossa podridão e iniquidade. Ele nos tornou santos porque se entregou em nosso lugar. Somos, pela graça, chamados para a santidade. Por isso Jesus disse aos seus discípulos: “Sede vós pois perfeitos, como é perfeito o vosso Pai que está nos céus” (Mt 5.48).

Isto é precioso demais porque, como Erwin Lutzer afirma, “a cruz de Cristo é a dobradiça sobre a qual gira a porta da história da santidade na nossa vida”⁶⁹. Somos os santos de Deus por causa da cruz do Nazareno. Ele morreu para nos santificar.

Coração limpo é aquele que não está dividido nos sentimentos diante de Deus. Coração limpo é aquele que sonda os sentimentos e ora dizendo: “Une o meu coração ao temor do teu nome” (Sl 86.11).

Coração limpo é aquele que percebe a verdadeira presença de Deus na Terra. Isso é fabuloso na nossa vida espiritual. Podemos ser a presença real de Cristo na Terra, mas não somos Jesus. Somos a representação d’Ele aqui em forma de coração limpo e reto. Não precisamos dizer para as pessoas: “Não olhem para nós, olhem para Jesus”.

A razão pela qual estamos aqui é para mostrarmos às pessoas como Deus realmente é. Somos o reflexo de Deus em santidade e retidão. A nossa vida não brilha, mas as boas obras que fazemos para que Deus seja visto e adorado. Quando as pessoas gostarem de nós, elas gostarão de Deus. A Teologia não vale nada se ela não nos levar para a ética de santidade e retidão na vida com Deus. Coração limpo é aquele que se parece com Jesus e não com o mundo. Coração limpo é aquele cujo objetivo é proporcionar a visão de Deus, a visão que leva o ser humano a ver Deus. Finalizo deixando algumas dicas para buscarmos um coração limpo:

Não se esqueça de que só os limpos de coração serão capazes de ver Deus
Então viva a vida na perspectiva da santidade, honestidade e transparência sempre.

Viva com o coração sempre voltado para a pureza A Bíblia nos convida para uma vida de seriedade diante de Deus. Quando fazemos a oração que Davi fez em Salmos 139.23-24, somos tocados pela graça para buscarmos a pureza.

Viva cheio de Jesus

Rikk Watts afirma que toda religião é estéril se não for nutrida pela presença de Jesus Cristo. Jesus é realmente quem importa na nossa vida⁷⁰. A nossa santidade tem a ver com a forma como tratamos Deus e as pessoas ao nosso redor. Vivendo cheios da presença de Cristo, então trataremos Deus e as pessoas com um coração santo, limpo e verdadeiro. Como expressa John Macarthur Jr:

Nunca entraremos no Reino de Deus, nunca estaremos em sua presença, nunca teremos o seu perdão, nunca conheceremos o Redentor, nunca experimentaremos a salvação, e morreremos

frustrados em nossos pecados, a menos que o nosso coração seja puro. O que é maravilhoso é que Jesus Cristo veio para fazer exatamente isto, purificar o nosso coração⁷¹.

Como afirma Henri Nouwen:

Os limpos de coração são limpos por causa da transparência da alma e assim acreditam mais em Deus do que neles mesmos. Sinceridade e integridade são as características mais evidentes dos limpos de coração.

Que a graça do Eterno Deus seja sobre a nossa vida para termos um coração limpo e verdadeiro diante d'Ele!

Para refletir e viver

- O coração do homem, diante deste processo de desfiguração da imagem de Deus no seu ser, ficou absolutamente corrupto. Não é por acaso que o profeta Jeremias o chama de enganoso e miseravelmente corrupto (Jr 17.9).
- Através de Jesus Cristo temos o perdão e a possibilidade de caminhar rumo à santidade. É lá dentro que precisamos evitar a desonestidade, a dissimulação e o desprezo pela santidade.
- Uma vez que somos sinceros diante de nós mesmos saímos do abismo e visamos a santidade de Deus. Passamos a andar na santidade do Espírito, que é a beleza e a doçura da natureza divina em nós.
- Coração limpo é aquele que percebe a verdadeira presença de Deus na Terra. Isto é fabuloso na nossa vida espiritual.
- Somos o reflexo de Deus em santidade e retidão. A nossa vida não brilha, mas as boas obras que fazemos para que Deus seja visto e adorado. Quando as pessoas gostarem de nós, elas gostarão de Deus.
- A Teologia não vale nada se ela não nos levar para a ética de santidade e retidão na vida com Deus.
- A nossa santidade tem a ver com a forma como tratamos Deus e as pessoas ao nosso redor. Vivendo cheios da presença de Cristo, então trataremos Deus e as pessoas com um coração santo, limpo e verdadeiro.

⁶¹ HOEKEMA, Anthony A. Criados à imagem de Deus. São Paulo: CEP, 1996, p. 70.

⁶² Idem, p. 71-72.

⁶³ LEWIS, C. S. O príncipe e a ilha mágica. São Paulo: ABU, 1984, p.164.

⁶⁴ LELOUP, Jean Yves. Op. cit., p. 78.

⁶⁵ LLOYD-JONES, Martyn. Op. cit., p. 100.

⁶⁶ Idem, p. 101.

⁶⁷ HOUSTON, James. Jonathan Edwards – Uma fé mais forte que as emoções. Brasília: Palavra, 2008, p. 99.

⁶⁸ LUTZER, Erwin. Os brados da cruz. São Paulo: Vida, 2001, p. 23.

⁶⁹ Idem, p. 28.

⁷⁰ WATTS, Rikk. Jesus: o modelo pastoral. Rio de Janeiro: Habacuc, 2004, p. 64.

⁷¹ MACARTHUR, John Jr. O caminho da felicidade. São Paulo: Cultura Cristã, 2001, p. 140.

Capítulo 9

Bem-aventurados os pacificadores

Mateus 5.9

Hoje há uma grande necessidade da intervenção das igrejas no dramático panorama atual da sociedade, que tem sofrido por conta de um grave problema: a violência

A Igreja tem uma missão, que é responder à chamada de Jesus para sermos os filhos de Deus que são pacificadores.

O que aprendemos com essa bem-aventurança?

Jesus nos chama não apenas para viver a paz, mas para promovermos a paz

Quando recebemos a nova plenitude de Deus, passamos a ter um comportamento diferente do que tínhamos antes sem Cristo. Agora somos humildes, mansos de coração e limpos de coração. Agora sempre buscamos a prática da justiça. E também temos uma característica singular na vida espiritual que é ser pacificador.

Veja que há uma sequência de ideias no sermão de Jesus. Antes Ele fala aos limpos de coração, que com certeza serão pacificadores. Isso é absolutamente natural, pois uma das mais frequentes causas de conflito é a intriga, enquanto a franqueza e a sinceridade são essenciais a todas as reconciliações verdadeiras.

Jesus ensina que cada cristão, de acordo com essa bemaventurança, tem que ser um pacificador, tanto na igreja como na sociedade. Somos chamados para pacificar e devemos ativamente buscar e promover a paz por onde quer que andemos.

Paulo afirma em Romanos 12.18 que devemos ter paz com todos os homens, mas a pacificação é uma obra divina, pois a paz significa reconciliação, e Deus é o autor da paz e da reconciliação. Na verdade, o mesmo verbo que foi usado nessa bem-aventurança o apóstolo Paulo aplicou ao que Deus fez por nós através de Cristo na cruz do Calvário. Como dizem as Escrituras: "...havendo por ele feito a paz pelo sangue da sua cruz, por meio dele reconciliasse consigo mesmo todas as coisas..." (Cl 1.20).

E o propósito de Cristo foi que dos dois povos judeus e gentios criasse em si mesmo um novo homem fazendo a paz (Ef 2.15). É por isso que a bênção particularmente associada aos pacificadores é que eles serão chamados filhos de Deus. Por quê? Porque estão procurando fazer o que seu Pai fez, amando as pessoas com o amor d'Ele da mesma forma que Jesus. Quero deixar algumas dicas para sermos mais graciosos e promotores da paz de Cristo através de relacionamentos e contatos com as pessoas.

Deus nos chama para sermos os artesãos da paz Eu gosto muito da palavra artesão. O artesanato é uma das mais ricas expressões culturais de um povo. O artesão utiliza cores de sua paisagem, faz referências às suas imagens prediletas, inspira-se na fauna e flora que está ao seu redor, retrata tipos humanos e costumes.

Com sensibilidade, perícia e cuidado, o trabalho artesanal é executado pelas mãos que modificam a matéria utilizando insumos disponíveis e técnicas de produção típicas da sua localidade. Da mesma forma, espiritualmente Deus nos chama para termos a paz com sensibilidade, perícia e cuidado. Ele nos chama para o trabalho artesanal da paz.

Podemos fazer isso de maneira sensível não só falando da paz nem discursando sobre ela, mas fazendo a paz como o artesão faz o seu trabalho. Os artesãos passam por todos os lados de uma obra de arte, verificam absolutamente tudo num processo de trabalho artesanal. Assim Deus quer todos os lugares a partir de nós mesmos sejam visitados e lá no fundo do nosso coração começar o trabalho artesanal da paz. Muito provavelmente a paz começa com esse trabalho interno de Deus em nós. Porque quando somos gerados pela paz, tornamo-nos os artesãos da paz.

Como artesãos da paz, devemos amar e ser pacificadores com os inimigos

O problema dos atritos humanos é tão velho quanto a humanidade. Teve seu início quando Caim, dominado pela inveja, matou seu próprio irmão, Abel. E os homens lutam e brigam até hoje, porque esse problema, como já dissemos, faz parte da natureza deles.

Em seu livro O segredo da felicidade Billy Graham diz que alguém anotou que nos últimos quatro milênios tivemos menos de trezentos anos de paz. Mesmo os maiores otimistas se veem forçados a admitir que existe algo profundamente errado neste mundo, que demonstra tanta paixão pela

destruição⁷².

A paz é bem mais do que pensamos. Ela não significa mera cessação de hostilidades, nem o momentâneo hiato numa guerra quente ou fria. É algo bem mais profundo. Ela é uma relação especial para com Deus, a que o homem é conduzido por sua maravilhosa graça. É uma realidade espiritual no coração de todo homem que entra em contato vital com o Deus infinito.

A Bíblia diz: “Mas agora em Cristo Jesus, vós, que antes estáveis longe, já pelo sangue de Cristo chegastes perto. Porque ele é a nossa paz, o qual de ambos os povos fez um; e, tendo derrubado a parede de separação que estava no meio, na sua carne desfez a inimizade...” (Ef 2.13-14).

Aprendemos com Paulo que Cristo, através da sua morte vicária na cruz, resolveu a ruptura entre Deus e o homem. A Bíblia afirma que Jesus é a nossa paz (Ef 2.14). Em Cristo Jesus temos a possibilidade de andar com o nosso inimigo. Em Cristo os coreanos do norte e do sul podem se abraçar. Em Cristo todos os brasileiros e argentinos podem dar as mãos, mesmo com diferenças culturais. Os americanos e os iraquianos podem se amar novamente. John Piper afirma:

Jesus morreu para criar um novo caminho para a reconciliação entre as raças. O ritual e a raça não são mais os meios de união e felicidade. Todos os aspectos disso que separam as pessoas terminam nele – exceto um: o Evangelho de Jesus Cristo. É impossível construir uma união duradoura entre as raças simplesmente dizendo que todas as religiões podem se unir como sendo de igual valor. Jesus é o único caminho para a reconciliação das raças⁷³.

Jesus, na cruz do Calvário, acabou com a revolta que começou no Jardim do Éden, quando Adão se rebelou contra Deus e se tornou um egoísta. E através dele começou a inimizade. E através de Jesus na cruz do Calvário a amizade entre inimigos pode acontecer. Exatamente por isso Jesus disse: Bem-aventurados os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus.

Para a prática desse ensinamento de Cristo necessitamos nos esvaziar das nossas fobias e neuroses, que tanto atrapalham a forma doce de transmitirmos a paz para aqueles que não gostam de nós.

Façamos todos os dias a nossa paz com Deus, porque o pecado é o efeito terrível que nos impede de sermos pacificadores. E sabemos que todos os

conflitos do homem com seus semelhantes nada mais são que a expressão, no nível humano, do seu conflito contra Deus. Enquanto o homem não tiver a paz com Deus, não terá paz com os seus semelhantes.

Quando temos paz com Deus e a paz de Deus, tornamo-nos pacificadores. E dessa forma não só viveremos em paz com nossos semelhantes, mas teremos sempre o desejo de levá-los a descobrir a fonte da verdadeira paz que é Cristo. Inclusive oraremos pelos nossos inimigos neste sentido, porque o cristianismo nos tira do egocentrismo e nos leva ao altruísmo. Daí o ódio sai de nós e entra o amor divino em nosso ser, dando-nos a possibilidade de sermos pacificadores de Cristo.

Há muitas maneiras de promovermos a paz em nossa relação com os inimigos, mas algo que precisamos vencer é o nosso próprio ego, que não nos permite abrir para aquele que nos fere. E só com a graça de Deus em nós podemos fazer isso!

Como artesãos da paz, devemos buscar a reconciliação entre irmãos

Como pode você ser um pacificador da comunidade?

Reconstruindo fios partidos

Podemos ser pacificadores em nossa comunidade trabalhando naqueles que perderam vínculos. A sociedade em que vivemos está cheia de maledicências, calúnias, censuras, bisbilhotices e tagarelices.

Muitas comunidades vivem em contínuas tensões, animosidades e desinteligências, a ponto de se tornar quase insuportável viver nelas.

Como a Bíblia diz: “Porque as obras da carne são... as inimizades, as contendas, os ciúmes, as facções, as dissensões, invejas... (Gl 5.19-21).

Sabemos que o fruto legítimo da natureza humana é a discórdia, a briga, mas, graças à obra de Cristo, o fruto do Espírito é: amor, gozo, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio (Gl 5.22-23). Então temos a possibilidade de, pela graça de Deus em nós, reconstruir relacionamentos que foram partidos por causa de inimizades, contendas, ciúmes, facções, dissensões e inveja. Precisamos investir o nosso coração na tarefa de reconstruir relacionamentos que foram partidos. Nesse sentido, ser um pacificador é uma vocação nobre e profunda, e para sermos pacificadores precisamos conhecer o doador da paz.

O que precisa fazer parte da nossa caminhada é a consciência de que somos

os renovadores de laços entre os irmãos e amigos. Somos aqueles que lutam pela paz e harmonia na criação.

Como diz Brennan Manning:

Temos de ser totalmente claros a respeito de uma coisa: Jesus jamais esperou que déssemos automaticamente a outra face, andássemos a segunda milha, abençoássemos aqueles que nos perseguem, abrissemos a mão a quem pedisse, e assim por diante. Estas respostas, em geral consideradas corretamente como características da semelhança com Cristo, foram apresentadas por Ele como ilustrações do que seria esperado de um novo tipo de pessoa, aquela que, com inteligência e firmeza, busca, acima de tudo, viver sob o governo de Deus e ser possuído pelo tipo de justiça que o próprio Deus possui, conforme Mateus 6.33. Na verdade, Jesus convidou pessoas para segui-lo num modo de vida a partir do qual comportamentos como amar os inimigos parecerá a única coisa sensível e feliz a se fazer. Para uma pessoa que vive desta forma, a coisa mais difícil a fazer seria odiar os inimigos, virar as costas aos necessitados ou amaldiçoar quem a amaldiçoa, assim como seria difícil para Cristo. O verdadeiro discipulado cristão conduz ao ponto onde difícil é não reagir da mesma forma que Jesus o faria. Oswald Chambers observa: “O Sermão do Monte não é um conjunto de princípios a serem obedecidos, separados da identificação com Jesus Cristo. O Sermão do Monte é uma apresentação da vida que vivemos quando o Espírito Santo habita em nós”⁷⁴.

A verdade é que Deus fez a paz conosco por causa de um preço alto, o preço do sangue que era a vida do seu Filho unigênito. Nesta perspectiva somos chamados pelo Eterno Deus para a reconciliação e renovação da paz entre nós mesmos.

Como podemos fazer isso?

Estando em sintonia com Deus e com nós mesmos

Algo que nos custa caro é a nossa força interior. A exaustão e

a raiva de muitos estão no fato de não estarem bem com Deus e consigo mesmos. E daí a vida sem conexão gera falta de paz entre as pessoas. Passamos a brigar por nada, arrumamos intrigas de graça e geramos transtornos no meio da igreja e da comunidade.

Não podemos nos esquecer de que a paz se constitui no fruto do Espírito,

como Paulo nos ensina em Gálatas 5. A paz é uma dádiva de Deus para a nossa vida diária.

Desejando fazer as pazes com os que nos ferem sempre A palavra “paz” vem do latim pax e genericamente é a ausência de conflitos, estabelecimento da ordem entre a parte e o todo. Também significa travar uma conversa, negociar. Precisamos conversar com aqueles que feriram os nossos sentimentos e perdoá-los como Deus nos perdoa e faz a paz conosco por meio de Cristo.

É interessante que a Bíblia nos convida para orar na brecha, para sermos reparadores de brechas, e no caso da paz temos de ser os negociadores da restauração, da paz e cumprir assim o nosso papel de pacificadores de Cristo.

Buscando sempre a generosidade

No original grego a palavra “generosidade” significa uma alma ampla, um coração grande, um espaço amplo que existe dentro de nós para suportar todas as faltas do nosso próximo para conosco. Na verdade, esta é outra área do fruto do Espírito, porque sozinhos não conseguimos tratar com o nosso amigo com alma ampla e coração grande em relação à paz, ao perdão e à graça.

Quando alguém nos ofende, ficamos chateados, angustiados e nos fechamos internamente. Ficamos embrutecidos e às vezes passamos meses sem procurar a pessoa que nos ofendeu. E com esta falta de generosidade rompemos com a paz de Deus. Deixamos de refletir a beleza de Deus dentro de nós. Deixamos de fluir a graça como fonte em nosso interior.

Cassiano, um monge importante do Ocidente, dizia que a generosidade ampliava o espírito e criava um refúgio de poder curativo para os conflitos entre irmãos⁷⁵. Deus nos convida para termos um coração amplo, que é generoso para com aqueles que têm um coração pequeno em relação à paz. Precisamos dessa sensibilidade para lidar com os fracos, aqueles que não sabem amar e têm raiva dos que amam, que só enxergam defeitos na gente e querem o nosso mal. Deus nos convida para praticarmos a vida de reconciliação e restauração na página interna dessas pessoas.

Deus nos chama todos os dias para a virtude da generosidade, amabilidade e compreensão dos outros para que assim sejamos os discípulos da paz em Cristo Jesus.

O texto de Mateus termina falando do mérito da paz. Jesus fala das

consequências daqueles que são pacificadores. Eles serão chamados filhos de Deus. E é algo interessante que na língua grega o termo para filho é “huios” não “tekna”, que é criança. Tekna tem a ver com a afeição terna e huios com a dignidade, honra e consideração⁷⁶.

No texto Jesus nos fala da dignidade e honra de sermos filhos de Deus.

Somos a menina dos olhos de Deus para um propósito: glorificarmos a Deus e sermos os pacificadores do seu Reino!

James Houston, no livro *A felicidade*, diz que essa bemaventurança é própria para o tipo de personalidade amante do prazer. Ele diz que os amantes do prazer vivem superficialmente, com medo de enfrentar o sofrimento e de se aprofundar nas ambiguidades e dores de um mundo imperfeito.

Todavia, Jesus é o pacificador. Ele pacifica a dor, deixa-a com mais suavidade, com menos sofrimento. Jesus capacita o cristão a aceitar a dor e o sofrimento por amor a Ele. James Houston continua dizendo que nessa bem-aventurança Jesus apresenta um estilo completamente novo de o homem conviver consigo mesmo e com os outros. O pacificador obtém sua inteireza e saúde.

A falta de paz se manifesta em todas as áreas da vida das pessoas. Contudo, Jesus, em suas últimas palavras, deixou uma grande herança para os cristãos: “Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou; não vo-la dou como o mundo a dá. Não se turbe o vosso coração, nem se atemorize” (Jo 14.27).

John Stott diz que o cristão deve procurar a paz e não o conflito, pois ele é chamado para pacificar⁷⁷.

Que a graça de Deus seja sobre nós para sermos reconciliadores e generosos na busca pela paz!

Para refletir e viver

- Façamos todos os dias a nossa paz com Deus, porque o pecado é o efeito terrível que nos impede de sermos pacificadores.
- O que precisa fazer parte da nossa caminhada é a consciência de que somos os renovadores de laços entre os irmãos e amigos. Somos aqueles que lutam pela paz e harmonia na criação.
- Não podemos nos esquecer de que a paz se constitui no fruto do Espírito, como Paulo nos ensina em Gálatas 5.
- A paz é uma dádiva de Deus para a nossa vida diária.
- Somos a menina dos olhos de Deus para um propósito: glorificarmos a Deus e sermos os pacificadores do seu Reino!

- Deus nos chama todos os dias para a virtude da generosidade, amabilidade e compreensão dos outros para que assim sejamos os discípulos da paz em Cristo Jesus.

⁷² GRAHAM, Billy. O segredo da felicidade. Jesus, através das bem-aventuranças. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, s.d., p. 73.

⁷³ PIPER, John. Op. cit., p. 122.

⁷⁴ MANNING, Brennan. A sabedoria da ternura cit., p. 45.

⁷⁵ GRUN, Anselm. Fontes da força interior – Evitar o esgotamento, aproveitar as energias positivas. Petrópolis: Vozes, 2007, p. 97.

⁷⁶ MACARTHUR JR, John. Op. cit., p.163.

⁷⁷ STOTT, John. Contracultura cristã cit., p. 24.

Capítulo 10

Bem-aventurados os perseguidos por causa da justiça

Mateus 5.10-12

Em toda a história cristã, muitas pessoas foram mortas por se recusarem a fazer sacrifícios aos ídolos ou por não negarem a Cristo de forma alguma. Dentre elas, podemos citar Policarpo, o respeitado bispo de Esmirna, que depois de servir uma refeição aos guardas que o prenderam, pediu-lhes uma hora de oração e foi atendido. Orou com tal fervor que os soldados se arrependeram de tê-lo prendido. Todavia, levaram-no ao procônsul, que o pressionou dizendo: “Jura e te darei a liberdade. Blasfema contra Cristo”⁷⁸. Policarpo respondeu-lhe: “Durante oitenta e seis anos o tenho servido, e nunca me fez mal algum. Como blasfemaria eu contra o meu Rei, que me tem salvado?”⁷⁹. E assim ele foi condenado à morte na fogueira.

Policarpo lhes assegurou que se manteria imóvel na estaca, então, ao contrário do que se costumava fazer, foi apenas atado e não cravado. Ao acenderem a fogueira, as chamas lhe rodearam o corpo, como um arco, sem tocá-lo. Ordenaram ao carrasco que o traspassasse com uma espada. Com isso, jorrou tão grande quantidade de sangue que o fogo se apagou⁸⁰.

Muitos mártires foram mortos de uma maneira tão cruel que os espectadores estremeciam de horror e ficavam atônitos diante da coragem dos que as sofriam. Alguns eram obrigados a passar, com os pés já feridos, sobre espinhos, cravos, conchas afiadas, etc. Outros eram açoitados até que seus tendões e veias ficassem expostos, e depois de haverem sofrido os mais atrozes tormentos, eram mortos das maneiras mais terríveis por causa da sua fé.

Hoje não temos os mesmos sofrimentos, mas temos o modelo de vida desses mártires para enfrentarmos qualquer tipo de perseguição sempre visando a causa e a glória de Cristo.

Qual é o ensinamento de Jesus quanto a sermos perseguidos por causa do

Reino?

Vivamos de modo digno e correto e sofreremos perseguições

“Bem-aventurados os que sofrem perseguição por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus; bem-aventurados sois vós, quando vos injuriarem e perseguirem e, mentindo, disserem todo o mal contra vós por minha causa” (vv. 10-11).

Quando lemos esse texto, achamos estranho o fato de Jesus falar de perseguição imediatamente após ter falado sobre os pacificadores. Mas por mais que nos esforcemos em fazer a paz com determinadas pessoas, elas se recusarão a viver em paz conosco.

A verdade é que nem todas as tentativas de reconciliação têm sucesso. E também devemos saber que quanto mais quisermos viver de maneira honesta e sincera o Reino de Deus, as pessoas irão nos injuriar e nos perseguir em alguma medida. Não por causa de nossas fraquezas ou dos nossos próprios erros, mas por causa da justiça e por Jesus. Muitos nos perseguirão porque rejeitam o Cristo que procuramos seguir. Como afirma John Stott: “A perseguição é simplesmente o conflito entre dois sistemas de valores irreconciliáveis”⁸¹.

Não há palavra mais apropriada para aqueles que possuem as bem-aventuranças do que a perseguição, porque o mundo não pode se relacionar com o humilde de espírito. Quem não possui essa virtude incomoda-se com aquele que a possui.

O cristão sofre perseguição no trabalho porque ele luta para que o bem do grupo seja o primordial enquanto a maioria quer o status individual. Então o cristão sofre discriminação e é considerado bobo.

O mundo vive a estupidez do orgulho e no estado de concretização do ego, mas o cristão vive a realidade da morte do ego todos os dias. O mundo não tolera quando choramos por causa dos nossos pecados porque ignora o estado de pecado diante de Deus e está convencido de que está tudo em perfeita ordem. Isso gera perseguição porque não nos conformamos com o estado da nossa natureza. Queremos fugir do pecado e daquilo que ofende o caráter de Deus.

O mundo não tolera quando somos mansos, quando abrimos mão de nós mesmos e do nosso temperamento para buscar harmonia nos relacionamentos. O mundo honra o orgulho e a indiferença.

O mundo não tolera quando somos misericordiosos porque ele vive em

função da riqueza e do benefício próprio. E quando surgem pessoas querendo abrir mão do próprio conforto, que querem buscar o perdão, o mundo as persegue porque não é mais algo normal na civilização.

E o que é perseguição?

Perseguição consiste num conjunto de ações repressivas realizadas por um grupo específico sobre outro, por motivos religiosos, culturais, políticos ou étnicos. O cenário mais comum consiste na opressão de um grupo majoritário sobre uma minoria, já que o inverso é, na maior parte dos casos, muito improvável. Alguns autores consideram o apartheid na África do Sul como uma exceção, ainda que, rigorosamente, o termo que melhor se aplique a esta realidade seja discriminação.

A perseguição implica, geralmente, a proibição oficial de determinadas ideologias e/ou crenças por parte da maioria, de modo a não permitir o desenvolvimento do grupo minoritário, que pode ser considerado perigoso, subversivo, violento ou capaz de obter poder e, assim, ameaçar o status quo. Por vezes, elementos da maioria perseguidora (mesmo que não concorde com a perseguição) são alvo de represálias por parte da minoria, o que origina um círculo vicioso gerador de violência e serve como justificação para os atos errados da maioria⁸².

Então podemos entender que os que sofrem ações repressivas, os que sofrem opressão de um grupo por causa da justiça de Deus são felizes. Estes são realizados pela graça de Deus. É interessante o que Paulo nos afirma em 2 Timóteo 3.12: “E também todos os que piamente querem viver em Cristo Jesus padecerão perseguições”. Isso é perfeitamente evidente porque quando valorizamos os princípios do Reino de Deus, nadamos contra a correnteza. Não somos bem-aventurados por defendermos uma doutrina, não somos bem-aventurados por defendermos um método de igreja ou de uma comunidade. Somos bem-aventurados por defendermos a causa do Reino de Deus, por defendermos com a nossa própria vida a justiça e o caráter de Deus. Então, se andamos de maneira honesta, defendemos o Reino e a justiça de Deus. Quando amamos os inimigos, defendemos o Reino e a justiça de Deus. E saibamos que, com toda certeza, sofreremos perseguições.

Foi o que aconteceu com Blandina, uma mulher que viveu de maneira digna do evangelho do nosso Senhor durante o segundo século, na França. Por confessar o Reino e defender a justiça de Deus, ela foi suspensa num poste e ficou exposta como alimento para as feras. Vendo-a suspensa nessa espécie de cruz e ouvindo-a orar em voz alta, os combatentes sentiam crescer sua

coragem.

No meio de seu combate, eles viam com seus olhos, através de sua irmã, aquele que foi crucificado por eles, a fim de mostrar aos seus fiéis que todos aqueles que sofrem para glorificar o Cristo conservam sempre a união com o Deus vivo.

A bem-aventurada Blandina, depois dos golpes, depois das feras, depois da grelha, foi colocada dentro de uma rede e exposta diante de um touro. Ela foi atirada muitas vezes ao ar por esse animal, mas não percebia mais o que lhe acontecia, absorvida pela esperança e expectativa de sua fé em Cristo. Ela também foi degolada, e os próprios pagãos reconheceram que entre eles jamais uma mulher tinha suportado tantos tormentos.

Todos os torturadores ficaram perplexos com a sua resistência. Eles se revezavam da manhã até a noite e ficaram abismados ao verem Blandina ainda respirar diante de tanta tortura⁸³. Isso é ser perseguido por amor à justiça de Deus e com certeza ser um bemaventurado diante d'Ele.

A perseguição gera perseverança e crescimento em nós. Tiago nos ensina sobre isso sabendo da situação dura daquelas pessoas que seguiam a Cristo no primeiro século. A provação produz em nós dependência, fé e também perseverança. Tiago diz: "... sabendo que a provação da vossa fé, uma vez confirmada, produz a perseverança" (1.3 – ARA). O que é isso?

É a paciência, é a resistência fiel e constante. É ter uma postura firme diante das crises, tribulações e sofrimentos da vida, sem perder a fé, sem queixas, sem perder a lealdade constante na presença do Pai. É caminhar para frente sem hesitar, é poder suportar a provação sem perder a ação de fé, é não se deixar abater.

Tiago estimula os cristãos a terem no meio da provação um resultado no coração, a perseverança, que é a rainha de todas as virtudes. E ela nos estimula a não ficarmos parados, mas agirmos no sentido de correr para Deus, tendo a consciência de que Ele está em nós e nos ajuda. Como Jeremias disse: "Mas tu estás no meio de nós, ó Senhor, e nós somos chamados pelo teu nome; não nos desampares" (14.9). A caminhada cristã com perseverança nos ajuda a ter o alvo voltado somente para o Reino de Deus.

Veja a galeria de homens de fé em Hebreus 11. Eles viveram a realidade da fé com perseverança no meio de muita perseguição. Tiago diz: "Ora, a perseverança deve ter ação completa, para que sejais perfeitos e íntegros, em nada deficientes (1.4 – ARA). A provação produz perseverança, que nos

estimula para frente. Ela nos empurra para não desistirmos. E toda essa obra que Deus nos proporciona resulta em um propósito final.

O propósito final é nos tornar absolutamente sadios e equilibrados na vida cristã. Para isso Tiago usa três termos para que tenhamos progresso espiritual segundo a graça de Deus:

- **Perfeitos:** significa estar acabado, terminado e que vai até o fim⁸⁴. Deus usa o sofrimento, as provações, as tribulações, porque nos ajudam a buscar a dependência, a vontade e o querer de Deus para a nossa vida. Logo, tudo isso gera perfeição total em nosso coração.

- **Íntegros:** significa intacto, inteiro. Deus, através das tribulações, nos faz perseverar para que não percamos a integridade diante d'Ele. Isso produz equilíbrio na nossa caminhada cristã.

- **Em nada deficientes:** aqueles que não andam no caminho da perseverança, que desanimam diante das tribulações, acabam dando vazão para o mundo e se tornam deficientes diante de Deus. Os que perseveram pela graça em nada são deficientes, mas têm uma vida sadia e equilibrada na presença do Pai. Quais são as dicas para vivermos seguros e completos em meio às perseguições por causa do Reino?

Vivamos com alegria no coração por sofrer perseguições por amor a Cristo

“Exultai e alegrai-vos, porque é grande o vosso galardão nos céus; porque assim perseguiram os profetas que foram antes de vós (v. 12).”

Como Jesus esperava que os seus discípulos reagissem diante da perseguição? Exultando-se e alegrando-se!

Não devemos nos vingar como o incrédulo faz nem ficar de mau humor como uma criança. Então como devemos agir diante das perseguições? Devemos nos regozijar como um cristão. Por quê? Porque Jesus disse que seria grande o nosso galardão nos céus.

A realidade espiritual é que podemos perder tudo aqui na Terra, mas herdaremos tudo nos céus, não como uma recompensa meritória, mas porque a promessa da recompensa é gratuita.

E também porque a perseguição é um certificado da autenticidade cristã.

Jesus disse: “... porque assim perseguiram os profetas que foram antes de vós”. Sendo perseguidos hoje, pertencemos a uma nobre sucessão, mas em hipótese alguma podemos esquecer que o motivo principal pelo qual devemos nos regozijar e nos alegrar é porque sofremos por causa d'Ele.

Por causa de nossa lealdade para com Ele e para com os seus padrões de verdade e de justiça é que sofremos, e isso gera uma alegria profunda em nosso coração. Não foi por acaso que os apóstolos aprenderam esta lição quando foram açoitados pelo Sinédrio e puderam dizer que se regozijavam pelo fato de terem sido considerados dignos de sofrer afrontas por esse Nome (At 5.41). Eles sabiam, como nós devemos saber, que os ferimentos e contusões são medalhas de honra no trono da graça de Deus. E isso gera alegria que o mundo nunca entenderá.

Bonhoeffer, que foi criado na tradição luterana, comentando a realidade dos perseguidos que se alegram em Deus, chamou-os de os extraordinários da vida cristã. Ele disse:

A cada nova bem-aventurança aprofunda-se o abismo entre os discípulos e o povo. A separação do discipulado torna-se cada vez mais evidente. Isso é particularmente óbvio na bênção dos que choram. Jesus está falando dos que não sintonizam com o mundo, os que não podem se equiparar ao mundo. Choram sobre o mundo, sua culpa, seu destino e sua sorte. Enquanto o mundo festeja, ficam à parte; enquanto o mundo chama: Goza a vida!, os discípulos choram. Sabem que o navio festivamente engalanado já faz água. O mundo sonha com o progresso, com o poder, com o futuro – os discípulos sabem do fim, do juízo e da vinda do reino dos céus para o qual o mundo não está apto. Por esta razão são os discípulos estranhos ao mundo, hóspedes indesejáveis, perturbadores que são rejeitados⁸⁵.

As perseguições por amor a Cristo geram felicidade e dependência de Deus

Tiago diz: “Meus irmãos, tende por motivo de toda alegria o passardes por várias provações” (1.2 – ARA). Em outras palavras, ele diz para a igreja considerar as provações como uma alegria autêntica e completa.

Tiago quer dizer que a provação que eles passavam gerava alegria no sentido de felicidade espiritual na presença do Pai. Mesmo com tribulações e angústias de perseguições, o povo aprenderia a depender de Deus, e isso geraria a alegria completa no coração deles. Eles sofriam a oposição da comunidade judaica por serem tachados de traidores de Moisés.

Os judaizantes diziam que eles seguiam uma heresia chamada Jesus. Eles sofriam a oposição dos oficiais romanos, pois o cristianismo nunca foi aceito

como religião legal. E, além disso, sofriam pelas tentações e provações espirituais.

Diante de tudo são exortados com amor para que entendessem que as provações provocariam a alegria no seu coração. Dietrich Bonhoeffer afirmou:

Deus dá ao homem tempos de tormenta e tribulação e oferece viagem tranquila. Deus permite que haja períodos de angústia e temores como propicia momentos de alegria⁸⁶.

É bom que comecemos a olhar o sofrimento nesta perspectiva para que aprendamos a andar mais perto do Senhor e a depender muito mais d'Ele para tudo o que fazemos na nossa vida. E com certeza a dependência na provação gerará alegria completa na presença do Pai.

Finalizando, deixo três implicações diante da vida de bemaventurança por causa da perseguição:

- O cristão é diferente de todos que não seguem a Cristo.
- O cristão é perseguido porque vive a caminhada para a causa de Cristo.
- O cristão entende o sofrimento na perspectiva da eternidade.

O cristão é diferente porque vive com o padrão do Reino de Deus. O cristão é perseguido porque vive em função das verdades de Cristo e não das suas.

A perseguição é inevitável para todos quantos são peregrinos e forasteiros neste mundo. O cristão tem uma dinâmica diferente e entende o sofrimento na perspectiva da eternidade, do céu, do dia em que Cristo virá e toda dor findará, toda perseguição cessará e não haverá mais angústia para o coração. Talvez devamos nos perguntar se estamos dispostos a pagar o preço da cruz de Cristo, porque não fomos chamados para entrar triunfantes na cidade de Deus montados num belo cavalo de guerra nem para sermos estrelas. Fomos chamados para dar a vida pelo nosso Senhor Jesus Cristo. É assim que vivemos, por isso a palavra de Jesus faz todo sentido: Bem-aventurados os que sofrem perseguição por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus. Que Deus nos dê a graça de glorificarmos o seu nome através da perseguição e do sofrimento!

Para refletir e viver

- O mundo ignora o estado de pecado diante de Deus e está convencido de que está tudo em perfeita ordem. Isso gera perseguição porque não nos

conformamos com o estado da nossa natureza. Queremos fugir do pecado e daquilo que ofende o caráter de Deus.

- Somos bem-aventurados por defendermos a causa do Reino de Deus.
- A provação produz perseverança, que nos estimula para frente. Ela nos empurra para não desistirmos. E toda essa obra que Deus nos proporciona resulta em um propósito final.
- A realidade espiritual é que podemos perder tudo aqui na Terra, mas herdaremos tudo nos céus, não como uma recompensa meritória, mas porque a promessa da recompensa é gratuita.
- O cristão é perseguido porque vive em função das verdades de Cristo e não das suas.
- Fomos chamados para dar a vida pelo nosso Senhor Jesus Cristo.

⁷⁸ FOXE, John. O Livro dos Mártires. São Paulo: Mundo Cristão, 2003, p. 29.

⁷⁹ FOXE, John. Op. cit., p. 14.

⁸⁰ Idem, p. 30.

⁸¹ STOTT, John. Contracultura cristã cit., p. 25.

⁸² Wikipédia.

⁸³ FOXE, John. Op. cit., p. 31.

⁸⁴ VOUGA, François. Comentário de Tiago. São Paulo: Loyola, 1996, p. 43.

⁸⁵ BONHOEFFER, Dietrich. Op. cit., p. 59.

⁸⁶ Idem, ibidem.

Capítulo 11

O desafio de ser um cristão do Evangelho da graça

Mateus 5.13-16

Vós sois o sal da terra; e se o sal for insípido, com que se há de salgar? Para nada mais presta senão para se lançar fora, e ser pisado pelos homens. Vós sois a luz do mundo; não se pode esconder uma cidade edificada sobre um monte; nem se acende a candeia e se coloca debaixo do alqueire, mas no velador, e dá luz a todos que estão na casa. Assim resplandeça a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai, que está nos céus.

Sinto uma responsabilidade muito grande em falar sobre esse texto, pois olho para a minha própria vida, para a realidade dos meus pecados, a realidade de estar um tanto quanto longe de viver constantemente esse texto precioso. Por isso, quero lançar um desafio, primeiramente para mim, e em segundo lugar para você, que é lutarmos por uma causa nobre na nossa vida.

Nelson Mandela passou 27 anos lutando por uma causa nobre: a liberdade civil do povo africano. Ele preferiu ficar preso, mas não abriu mão da liberdade civil do povo africano. Martin Luther King morreu por uma causa nobre, por defender os ideais dos negros americanos. Ghandi morreu por uma causa nobre, por lutar em favor da Índia.

E nós, como podemos lutar pela causa mais nobre da vida, que é o nosso Senhor Jesus Cristo? Quantos de nós estão dispostos a enfrentar o desafio de lutar pela causa nobre de sermos cristãos verdadeiros, mesmo que isso custe a nossa própria vida?

Esse texto apresenta alguns desafios de como podemos lutar pela causa nobre de Cristo: sermos cristãos do evangelho da graça.

O desafio de sermos sal da terra

“Vós sois o sal da terra.” Eu não poderia deixar de observar essa afirmação

profunda do Senhor Jesus. É uma afirmação que visa ajuntamento, agrupamento, união, relação de pessoas. É uma questão certa e absoluta para o povo de Deus. É de fato um desafio precioso para a Igreja ser uma, comunitária, ter vida em comum.

Aprendemos que as bem-aventuranças descrevem o caráter essencial dos discípulos de Jesus. Então o sal e a luz são metáforas que denotam a sua influência para o bem no mundo. A simples ideia de que os cristãos podem exercer uma influência sadia no mundo deveria nos causar um sobressalto. Como Igreja de Cristo, temos o desafio de ser uma comunidade que se expressa como sal da terra e luz do mundo. A identidade dela é assim. Jesus não disse que os seus discípulos poderiam ser sal da terra e luz do mundo, mas que eles eram.

John Stott diz algo precioso sobre essa ideia:

As metáforas nos dizem algo sobre as duas comunidades.

O mundo é evidentemente um lugar escuro, com pouca ou nenhuma luz própria, pois precisa de uma fonte de luz externa para iluminá-lo. É verdade que ele “sempre está falando sobre a sua iluminação”, mas na realidade grande parte de sua pretensa luz não passa de trevas. O mundo manifesta também uma tendência constante à deterioração. A ideia não é que o mundo seja insípido e que os cristãos o tornam menos insípido (“a ideia de que se torne o mundo mais agradável a Deus é totalmente absurda”), mas que o mundo está apodrecendo. Ele não pode impedir a sua própria deterioração. Apenas o sal, quando introduzido de fora, pode fazê-lo. A Igreja, por outro lado, foi colocada no mundo com duplo papel: como sal, para interromper, ou pelo menos retardar, o processo da corrupção social; e, como luz, para desfazer as trevas⁸⁷.

E o que é ser sal da terra?

A eficácia do sal é condicional: tem que conservar a sua salinidade. Mas, em termos precisos, ele nunca pode perder a sua salinidade. O sal (cloreto de sódio) é uma substância muito estável, resistente a quase todos os ataques, porém pode ser contaminado por impurezas, tornando-se inútil e até mesmo perigoso.

O Dr. David Turk explica que, naquele tempo, se chamava de “sal” um pó

branco (talvez apanhado à volta do Mar Morto), o qual, embora contivesse cloreto de sódio, também continha outros elementos, pois antigamente não existiam refinarias. É possível que Jesus tenha usado um provérbio conhecido dos seus dias, possivelmente um ditado romano.

O sal tem uma finalidade: salgar um alimento. O sal puro não perde seu caráter distinto, mas misturado com elementos impuros e estranhos pode perder a sua propriedade, a sua essência, e então não prestará para mais nada. Jesus disse que somos o sal da Terra, que penetra na vida humana para dar sabor. Infelizmente, não temos observado muito esta questão na nossa vida. Como cristãos, não temos dado muito sabor, mas temos nos misturado com as coisas do mundo.

Jesus disse que se o sal não salgasse, ele só serviria para uma coisa: ser lançado fora e ser pisado pelos homens. A pergunta para nós é: temos sido o bom sal que salga ou temos sido pisados pelos homens por sermos cristãos que não impactam a vida humana?

A afirmação é direta: Vós sois o sal da terra. Isso significa que, quando cada comunidade se revela tal como é, o mundo se deteriora, mas a Igreja pode retardar a sua deterioração. Como R. V. G. Tasker explicou, os discípulos são “chamados para ser um purificador moral em um mundo onde os padrões morais são baixos, instáveis, ou mesmo inexistentes”.

Para ter eficácia, o cristão precisa conservar a sua semelhança com Cristo, assim como o sal deve preservar a sua salinidade. Se os cristãos forem assimilados pelos não cristãos, deixando-se contaminar pelas impurezas do mundo, perderão a sua capacidade de influenciar. A influência dos cristãos na sociedade e sobre a sociedade depende da sua diferença e não da identidade⁸⁸.

Martyn Lloyd-Jones ressaltou:

A glória do Evangelho é que, quando a igreja é absolutamente diferente do mundo, ela invariavelmente o atrai. É então que o mundo se sente inclinado a ouvir a sua mensagem, embora talvez no princípio a odeie. Caso contrário, se nós, os cristãos, formos indistinguíveis dos não cristãos, seremos inúteis. Teremos de ser igualmente jogados fora, como o sal sem salinidade, “lançado fora” e “pisado pelos homens”⁸⁹.

O desafio de sermos luz do mundo

O que é ser luz do mundo? É ser o reflexo de Cristo na Terra. Jesus disse:

“Eu sou a luz do mundo; quem me segue não andará em trevas, mas terá a luz da vida” (Jo 8.12).

Jesus não está mais corporalmente presente na nossa história, mas está presente através de nós. Portanto, somos o reflexo d’Ele na Terra. Por isso Jesus disse aos seus discípulos: “Vós sois a luz do mundo”. Somos a luz do mundo, somos a luz que ilumina a vida humana, que está totalmente perdida e sem referenciais. Essa é uma profunda responsabilidade que o Senhor Jesus nos deu, a de sermos luzeiros seus.

Jesus mostra aos seus discípulos a importância de ser luz dizendo que ela não pode ser escondida. Não se pode esconder uma cidade edificada sobre um monte nem se acende uma candeia para colocá-la em uma vasilha.

Não podemos ser luz dentro de quatro paredes. Não podemos ser luz dentro do nosso próprio espaço. É lá fora, onde as trevas estão aumentando, onde as desesperanças estão acontecendo, diante das dores e frustrações humanas que temos que ser luz. . Mas nos disfarçamos a cada dia que passa. Alguns, com um cristianismo pobre, medíocre e raso, se tornam verdadeiras trevas e trazem escuridão em vez de luz. Alguns se escondem porque têm vergonha de mostrar seu cristianismo.

O que me impressiona na vida de Paulo é o seu caráter de Cristo, como ele foi uma verdadeira luz do mundo. Em sua presença o rei Agripa disse: “Por pouco me queres persuadir a que me faça cristão! E disse Paulo: Prouvera a Deus que, ou por pouco ou por muito, não somente tu, mas também todos quantos hoje me estão ouvindo, se tornassem tais quais eu sou...” (At 26.28-29). Por causa do verdadeiro cristianismo Paulo pôde dizer: “Sede meus imitadores, como também eu de Cristo” (1 Co 11.1).

O convite é que sejamos luz do mundo, a luz que ilumina e dá sentido para a vida humana. A luz que traz brilho para que as pessoas vejam o reflexo de Cristo através da nossa própria vida. Hoje nós podemos afirmar o mesmo? John Stott diz algo sério demais para nós:

Assim como acontece com o sal, também a afirmação referente à luz foi seguida de uma condição: Assim brilhe também a vossa luz diante dos homens. Se o sal pode perder a sua salinidade, a luz em nós pode transformar-se em trevas. Mas nós temos de permitir que a luz de Cristo dentro de nós brilhe para fora, a fim de que as pessoas a vejam. Não devemos ser como uma cidade ou vila aninhada em um vale, cujas luzes ficam ocultas, mas sim como uma cidade edificada sobre um monte, que não se pode

esconder e cujas luzes são claramente visíveis a quilômetros de distância. E mais, devemos ser como uma lâmpada acesa, como João Batista, “que ardia e alumiaava”, colocada no velador, numa posição de destaque na casa a fim de iluminar a todos que se encontram na casa, e não ficando “debaixo da gamela” ou “debaixo do balde”, onde não produz bem algum⁹⁰.

O desafio de resplandecermos como luz com boas obras que glorifiquem o Pai

“Nem se acende a candeia e se coloca debaixo do alqueire, mas no velador, e dá luz a todos que estão na casa. Assim resplandeça a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai, que está nos céus” (vv. 15-16).

Esses versículos são um desfecho que afirma a posição do cristão. Ele de fato é luz e, portanto, deve brilhar. O cristão deve ser constante como a luz da candeia, porque sem esse tipo de luz não haveria luz no mundo e nem mesmo na casa de Deus. O processo do verdadeiro cristianismo é gradativo.

Não podemos falhar para com o mundo para o qual fomos chamados a servir. No meio do mundo temos que ser o que somos: sal e luz.

Somos o sal e, por isso, devemos conservar a nossa salinidade e não podemos perder o sabor cristão. Somos a luz e, por isso, devemos deixar que a nossa luz brilhe e não devemos escondê-la de modo algum, quer seja através do pecado ou da transigência, pela preguiça ou pelo medo.

Esse é o nosso desafio para assumir a nossa responsabilidade cristã. Nós salgamos a vida insossa e iluminamos a vida que está em trevas. Brilhamos no meio das trevas e conseqüentemente isso é tido como boa obra. E tudo isso é feito de forma una, comunitária. Daí, inevitavelmente, Deus é glorificado e exaltado em nossa vida!

A glória do Senhor é manifesta através das nossas atitudes de sal e luz do mundo. É o que Paulo afirma aos coríntios: “Mas todos nós, com rosto descoberto, refletindo como um espelho a glória do Senhor, somos transformados de glória em glória na mesma imagem, como pelo Espírito do Senhor” (2 Co 3.18).

Temos esse desafio, que é complicado, árduo, difícil, que traz sofrimentos, mas não é impossível. Nós temos a força do Espírito Santo, que habita em nós e nos capacita para sermos sal da terra e luz do mundo, a fim de que os homens vejam as nossas boas obras e glorifiquem nosso Pai Celeste. Para nós

fica a advertência de tomar cuidado com os riscos que, como Igreja, corremos se não atentarmos para o desafio de lutar pela causa nobre do reino de Jesus.

O risco de perdermos o sabor e nos tornarmos trevas A função do sal é principalmente negativa: evitar a deterioração.

A função da luz é positiva: iluminar as trevas. O sal que não salga só serve para ser pisado pelos homens. Não presta para nada. E se a luz se transformar em trevas, obviamente não iluminará.

Somos o sal que protege a vida humana de apodrecer espiritualmente e somos o farol daqueles que ainda não encontraram a luz de Deus.

O risco de nos ensimesmarmos

Não podemos ser uma Igreja que vive para si mesma, que é cheia de luz, mas ninguém percebe, cheia de verdade, mas não chega ao ouvido de ninguém, cheia de conhecimento, mas ninguém sabe. Se assim for, seremos luz apagada, que produz trevas em vez de claridade para a vida humana.

John Stott disse algo importante:

Os cristãos foram colocados por Deus numa sociedade secular para retardar este processo. Deus pretende que penetremos no mundo. O sal cristão não tem nada de ficar aconchegado em elegantes e pequenas dispensas eclesiásticas; nosso papel é o de sermos “esfregados” na comunidade secular, como o sal é esfregado na carne, para impedir que apodreça. E quando a sociedade apodrece, nós, os cristãos, temos a tendência de levantar as mãos para o céu, piedosamente horrorizados, reprovando o mundo não cristão; mas não deveríamos, antes, reprovar-nos a nós mesmos? Ninguém pode acusar a carne fresca de deteriorar-se. Ela não pode fazer nada. O ponto importante é: onde está o sal?⁹¹.

Que o Senhor tenha misericórdia de nós e nos ajude a enfrentarmos esses grandes desafios!

Para refletir e viver

- Não podemos ser luz dentro de quatro paredes. Não podemos ser luz dentro do nosso próprio espaço.

- Somos o sal e, por isso, devemos conservar a nossa salinidade e não podemos perder o sabor cristão.
- Somos o sal que protege a vida humana de apodrecer espiritualmente e somos o farol daqueles que ainda não encontraram a luz de Deus.
- Não podemos ser uma Igreja que vive para si mesma. Se assim for, seremos luz apagada, que produz trevas em vez de claridade para a vida humana.
- Quando somos sal e luz, tornamo-nos seres abençoados.
- Quando somos sal e luz, o mundo é servido por gente que ama e que diz não para a podridão.
- Quando somos sal e luz, Deus é sempre glorificado.

⁸⁷ STOTT, John. *Contracultura cristã* cit., p. 28.

⁸⁸ Idem, p. 29.

⁸⁹ LLOYD-JONES, Martyn. *Op. cit.*, p. 140.

⁹⁰ STOTT, John. *Contracultura cristã* cit., p. 29-30.

⁹¹ STOTT, John. *Contracultura cristã* cit., p. 31.

C a p í t u l o 12

A excelência na vida cristã

Mateus 5.17-20

Um dia acordei pensando no céu e ouvi a canção Estrangeiros, do meu amigo Gerson Borges, cuja letra nos faz pensar seriamente no nosso papel aqui na Terra:

*Eu queria um mundo de paz
E que ninguém se sentisse só
Mas a coisa é bem diferente
De repente, lembro-me da mulher de Ló
Eu não teria saudades daqui
Subir com Cristo será melhor
Somos estrangeiros, nossa casa não é aqui
Este mundo não é nosso país
Somos forasteiros, somos viajantes
Nossa pátria é bem mais feliz
Eu queria não ver tanta dor
Que o sofrimento chegasse ao fim
Mas a coisa é bem diferente
Se eu tivesse asas como um Serafim
Eu não teria saudades daqui
Voava embora que bom pra mim.*

Essa letra nos leva a refletir que somos filhos do Eterno Deus e

cidadãos do Reino, daí a necessidade de expressarmos com a nossa própria vida os valores de um povo que serve de fato ao Deus santo e justo. Um povo que não é daqui, mas vive na excelência do Reino vive à espera do Reino como se já tivesse vindo no sentido de eternidade e aparecimento do Senhor Jesus.

Quando o nosso coração é transformado pela graça divina, vemos o mundo de uma forma diferente e somos levados a agir com a graça do evangelho, que produz verdade e retidão nas pessoas. Por meio da graça transformadora

de Deus somos capacitados a buscar uma vida de justiça não em função das forças que temos, mas pelos méritos de Cristo.

O convite de Jesus em Mateus 5.17-20 é para que sempre tenhamos retidão em nossa vida.

O que aprendemos com esse texto?

Tudo o que Deus diz, Ele faz e cumpre

“Não cuideis que vim destruir a lei ou os profetas: não vim abrogar, mas cumprir. Porque em verdade vos digo que, até que o céu e a terra passem, nem um jota ou um til se omitirá da lei, sem que tudo seja cumprido” (vv. 17-18).

Jesus falou sobre o caráter do cristão e sobre a influência que este deveria exercer no mundo. O resultado está presente no fruto das boas obras, e estas glorificam o Pai Celestial. Jesus dá então a definição das obras num aspecto muito importante, que é a justiça. E é claro que um aspecto importante dessa justiça é a obediência.

Jesus começa dizendo que os judeus não deveriam imaginar que Ele tinha vindo para revogar a lei ou os profetas (todo o Antigo Testamento ou qualquer parte dele). Na verdade, Ele veio para cumprir exatamente o que foi dito sobre ele e sua obra no Antigo Testamento. Desde o começo do seu ministério, a sua obra era fazer a vontade do Pai e cumprir todas as promessas com a sua autoridade vinda do céu. A missão de Cristo aqui na Terra é fazer conhecido o Reino de Deus através da sua própria obediência.

O texto de Isaías 49.1-7 evidencia esta realidade e confirma a palavra de Jesus de que Ele veio para cumprir a lei de Deus e não para revogá-la, demonstrando a dor do servo que não apenas sofre, mas lida com o sofrimento para cumprir um plano eterno de redenção do seu povo. Os versículos 1 e 2 dizem que Deus o chamou para ser um pregador.

Temos a boca e a Palavra de Deus através de Jesus. O texto de Lucas 4.16-20 afirma: “E, chegando a Nazaré, onde fora criado, entrou num dia de sábado, segundo o seu costume, na sinagoga, e levantou-se para ler. E foi-lhe dado o livro do profeta Isaías; e, quando abriu o livro, achou o lugar em que estava escrito: O Espírito do Senhor é sobre mim, pois que me ungiu para evangelizar os pobres. Enviou-me a curar os quebrantados do coração, a pregar liberdade aos cativos, e restauração da vista aos cegos, a pôr em liberdade os oprimidos, a anunciar o ano aceitável do Senhor. E, cerrando o

livro, e tornando-o a dar ao ministro, assentou-se; e os olhos de todos na sinagoga estavam fitos nele”. Esse texto refere-se a Isaías 61.

O texto de João 17.1-5 afirma: “Jesus falou assim e, levantando seus olhos ao céu, disse: Pai, é chegada a hora; glorifica a teu Filho, para que também o teu Filho te glorifique a ti; assim como lhe deste poder sobre toda a carne, para que dê a vida eterna a todos quantos lhe deste. E a vida eterna é esta: que te conheçam, a ti só, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste. Eu glorifiqueite na terra, tendo consumado a obra que me deste a fazer. E agora glorifica-me tu, ó Pai, junto de ti mesmo, com aquela glória que tinha contigo antes que o mundo existisse”.

Os textos de Isaías 52.13 a 53.1-3 falam do chamado do servo de Deus, que é um convite para o sofrimento e a morte. O ministério de Jesus entra no submundo do sofrimento porque em primeiro lugar Ele sofre e entra no sofrimento dos outros. E quando vemos os textos do Novo Testamento, percebemos que o servo foi humilhado, desprezado e cumpriu toda a palavra dita a seu respeito.

O texto de Isaías 53.3-5 diz: “Era desprezado, e o mais rejeitado entre os homens, homem de dores, e experimentado nos trabalhos; e, como um de quem os homens escondiam o rosto, era desprezado, e não fizemos dele caso algum. Verdadeiramente ele tomou sobre si as nossas enfermidades, e as nossas dores levou sobre si; e nós o reputávamos por aflito, ferido de Deus, e oprimido. Mas ele foi ferido por causa das nossas transgressões, e moído por causa das nossas iniquidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e pelas suas pisaduras fomos sarados”.

O texto de Mateus 27.29-37 mostra o cumprimento de tudo isso: E, tecendo uma coroa de espinhos, puseram-lha na cabeça, e em sua mão direita uma cana; e, ajoelhando diante dele, o escarneciam, dizendo: Salve, Rei dos judeus. E, cuspiendo nele, tiraram-lhe a cana, e batiam-lhe com ela na cabeça. E, depois de o haverem escarnecido, tiraram-lhe a capa, vestiram-lhe as suas vestes e o levaram para ser crucificado. E, quando saíam, encontraram um homem cireneu, chamado Simão, a quem constrangeram a levar a sua cruz. E, chegando ao lugar chamado Gólgota, que se diz: Lugar da Caveira, deram-lhe a beber vinagre misturado com fel; mas ele, provando-o, não quis beber. E, havendo-o crucificado, repartiram as suas vestes, lançando sortes, para que se cumprisse o que foi dito pelo profeta: Repartiram entre si as minhas vestes, e sobre a minha túnica lançaram sortes. E, assentados, o guardavam ali. E por cima da sua cabeça puseram escrita a sua acusação: ESTE É JESUS, O REI

DOS JUDEUS”.

Jesus não veio para questionar a autoridade da lei de Moisés, mas para testificar que tudo o que foi dito no Antigo Testamento sobre Ele se cumpriu. John Stott diz que “os escribas submetiam-se à lei, porque eram mestres da lei. Dedicavam-se à sua interpretação e declaravam não haver qualquer outra autoridade além daquela que citavam. Mas, com Jesus, a coisa não era tão clara assim. Ele falava com autoridade própria. Gostava de usar uma fórmula jamais usada por qualquer profeta antigo ou escriba contemporâneo. Ele apresentava alguns de seus mais impressionantes pronunciamentos com a palavra: Em verdade digo - falando no seu próprio nome e autoridade”⁹². Diante de todas essas afirmações, surge uma pergunta para nós: o que isso tem a ver com a nossa vida hoje?

Servimos ao Deus fiel e que jamais mente

O verbo traduzido por “cumprir” (plērōsai) significa literalmente “encher” e indica que as palavras de Cristo não eram uma revogação daquelas primeiras, mas uma exposição e o cumprimento delas⁹³.

Deus, em Jesus Cristo, cumpre a promessa feita sobre Ele. Deus é fiel não a nós, mas à sua Palavra, para cumpri-la. Ele diz e faz. Ele diz e cumpre aquilo que disse.

Jeremias diz: “E disse-me o Senhor: Viste bem; porque eu velo sobre a minha palavra para cumpri-la” (Jr 1.12).

Mesmo sendo uma promessa de dor e de cruz, Deus cumpre a sua palavra

“Todos nós andávamos desgarrados como ovelhas; cada um se desviava pelo seu caminho; mas o Senhor fez cair sobre ele a iniquidade de nós todos. Ele foi oprimido e afligido, mas não abriu a sua boca; como um cordeiro foi levado ao matadouro, e como a ovelha muda perante os seus tosquiadores, assim ele não abriu a sua boca. Da opressão e do juízo foi tirado; e quem contará o tempo da sua vida? Porquanto foi cortado da terra dos vivos; pela transgressão do meu povo ele foi atingido. E puseram a sua sepultura com os ímpios, e com o rico na sua morte; ainda que nunca cometeu injustiça, nem houve engano na sua boca. Todavia, ao Senhor agradou moê-lo, fazendo-o enfermar; quando a sua alma se puser por expiação do pecado, verá a sua posteridade, prolongará os seus dias; e o bom prazer do Senhor prosperará na sua mão” (Is 53.6-10).

Jesus foi oprimido, afligido e humilhado da maneira mais cruel. E Ele passou por tudo isso porque veio para cumprir a Palavra de Deus a seu respeito. O clímax para cumprir essa Palavra foi a sua morte na cruz, na qual todo o sistema cerimonial do Antigo Testamento cumpriu-se perfeitamente.

“Porque em verdade vos digo que, até que o céu e a terra passem, nem um jota ou um til se omitirá da lei, sem que tudo seja cumprido” (v. 18). Agora Jesus faz referência apenas “à lei” e não “à lei e aos profetas”⁹⁴.

O que aprendemos no texto?

Como discípulos de Cristo, devemos andar com a excelência do Reino

“Qualquer, pois, que violar um destes mandamentos, por menor que seja, e assim ensinar aos homens, será chamado o menor no reino dos céus; aquele, porém, que os cumprir e ensinar será chamado grande no reino dos céus. Porque vos digo que, se a vossa justiça não exceder a dos escribas e fariseus, de modo nenhum entrareis no reino dos céus” (vv. 19-20).

A palavra não é de Mateus, não é de Paulo, não é de Moisés, mas do próprio Jesus. Ele traz advertências sérias demais para nós.

Não podemos violar nenhum dos mandamentos. Se violarmos, seremos considerados mínimos no Reino dos céus

Isso é muito sério, porque quando mentimos violamos a Palavra de Deus, que nos diz que não devemos mentir porque já nos despimos do velho homem. Não podemos deixar de considerar novamente o sentido do verbo “cumprir” quando se trata do nosso Mestre. Além de significar literalmente “encher”, dá também o sentido de prestar plena obediência, até as últimas consequências⁹⁵.

Que implicações isso traz para a nossa vida cristã?

Somos convidados a praticar a Palavra até as últimas consequências

Obediência aos mandamentos não é uma opção para a vida espiritual, mas uma condição para não sermos reprovados diante daquele que nos ama. Por isso, a Bíblia diz que não podemos olhar para trás quando colocamos a mão no arado e que devemos nos apresentar como obreiros aprovados diante de Deus.

Deus nos convida a honrá-lo por amor e obediência até a morte. Até mesmo se tivermos que perder tudo. Não importa, conquanto que lhe obedeçamos.

A nossa vida é um reflexo de Cristo

Jesus disse que somos d'Ele e vivemos para Ele. Também disse que estaria conosco todos os dias e que seríamos seus embaixadores como pregadores do Reino aqui na Terra. Então, tudo o que fazemos reflete seu caráter e sua vida. Se não fizermos isso, seremos considerados como mínimos no Reino.

A nossa vida não é para nós mesmos, e este é um problema sério no meio cristão hoje. Como diz o escritor Ricardo Barbosa:

A irrelevância de Deus para a vida moderna é intensificada pela cultura tecnocrática. Temos técnicas para tudo: para ter um matrimônio perfeito, criar filhos felizes e obedientes, obter plena satisfação sexual no casamento, passos para uma oração eficaz, como conseguir a plenitude do Espírito Santo e muitos outros “como fazer” que entopem as prateleiras das livrarias e o cardápio dos congressos. A sociedade moderna vem criando os métodos e as técnicas que reduzem nossa necessidade de Deus, a dependência dele e a relevância da comunhão com ele. Chamamos uma boa música de adoração, um convívio agradável de comunhão, uma moral sadia de santificação, assiduidade nos programas da igreja de compromisso com o Reino de Deus⁹⁶.

Não podemos perder a noção de que a nossa adoração é para o Senhor e nela refletimos o caráter da Trindade. Fomos criados para adorar a Deus e refletir sua imagem. Isso nos ajuda a rever nossa própria identidade na presença do Senhor.

A nossa vida é para a excelência visando a glória de Cristo Jesus disse que se observássemos e ensinássemos a lei seríamos considerados grandes no Reino dos céus. Ele nos adverte sobre algo muito importante: “Porque vos digo que, se a vossa justiça não exceder a dos escribas e fariseus, de modo nenhum entrareis no reino dos céus” (v. 20). Ser grande na verdade não é para nós mesmos. É para o Reino. Ser grande é ter uma vida de excelência no sentido de fazer a vontade de Deus, de cumprir aquilo que está na lei. E realizando isso glorificamos o Senhor do Reino.

Ganhamos aplausos, mas no céu. E o céu é o lugar daqueles que realizam a vontade do Eterno Deus. Por isso, a nossa justiça, ou seja, os atos corretos

que glorificam a Deus, precisam exceder em muito a dos escribas e fariseus, do contrário jamais entraremos no Reino dos céus. O propósito de Deus na sua graça é que pratiquemos a justiça da lei. E que lei é esta?

É a lei da santidade bíblica. A santidade nas Escrituras é cumprir a lei. E cumprir a lei é ser semelhante a Cristo no sentido de obedecer a todos os preceitos de Deus. É quando olhamos seriamente para o texto de Mateus 22.37-40: “E Jesus disse-lhe: Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento. Este é o primeiro e grande mandamento. E o segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Destes dois mandamentos dependem toda a lei e os profetas”.

Jesus nos convida a exceder em muito a justiça dos escribas e fariseus no sentido de observar esses itens não só na teoria. Por quê?

Os escribas e fariseus eram famosos por sua justiça. Eles tinham calculado que a lei contém 248 mandamentos e 365 proibições e desejavam obedecer a todos. Então vem uma pergunta à nossa mente: como pode, então, a justiça cristã verdadeiramente exceder a justiça farisaica? Esta declaração do nosso Senhor deve ter deixado perplexos os seus primeiros ouvintes e também nos deixa perplexos.

Bem, o fato é que a justiça do cristão ultrapassa de longe a justiça dos fariseus, em espécie mais do que em grau. E isso não é uma questão de os cristãos conseguirem obedecer a 248 mandamentos enquanto os melhores fariseus só conseguiram fazer 230 pontos.

A justiça do cristão é maior do que a justiça dos fariseus porque é mais profunda, porque é uma justiça do coração e da graça de Deus. Quando olhamos para a vida dos fariseus, percebemos que eles se contentavam com a obediência externa e formal. Pensavam numa conformidade rígida à letra da lei. Quando Jesus fala sobre exceder isso, Ele nos ensina que as exigências de Deus são muito mais radicais.

A justiça que lhe agrada é uma justiça interna, da mente e de motivação. É aquela que tem a ver com a nossa página interna. É a justiça que não é nossa, mas aquela que é mediante o sangue da cruz. Não é uma justiça humana, que é manchada pelo pecado, mas a justiça divina em nós para que amemos o Senhor de todo o coração e o nosso próximo com a nós mesmos. É a nova justiça do coração que o profeta Isaías tinha previsto como uma das bênçãos

da vinda do Messias (Is 61.1-3).

Afinal de contas, o que os escribas e fariseus faziam com a lei?

A fim de tornar a obediência mais fácil de praticar, eles restringiam os mandamentos e esticavam as permissões da lei. Tornavam as exigências da lei menos exigentes e as permissões da lei mais permissivas. O que Jesus fez diante disso?

Ele inverteu as duas tendências. Ele disse que seriam aceitas todas as implicações dos mandamentos de Deus sem a imposição de quaisquer limites artificiais. O que Ele trabalhava era a fonte de cada um. Era o coração e a página interna que importavam diante de Deus e não a visão artificial do cumprimento da lei como cerimonial. Exatamente por isso Jesus usa o termo exceder, ou seja, ultrapassar, ir além de, vencer.

O convite de Jesus é para superarmos a visão rasa dos escribas e fariseus e vivermos a realidade da excelência de Deus. A realidade do amor a Ele sobre todas as coisas e do amor ao nosso próximo como o próprio Deus nos ama. Não é para fazermos como os fariseus, que eram zelosos da fé ortodoxa, mas gradualmente passaram da fé para uma religião constituída de formalidades e cerimônias. Então, eles olhavam mais para o lavar as mãos do que para o amor para com uma pessoa carente.

Um exemplo é Simão, o fariseu. Ele recebeu Jesus em sua casa, mas era um péssimo observador da realidade espiritual e um crítico implacável. Ele não conseguia perceber a adoradora naquela pecadora desprezível porque os seus olhos, poluídos de si mesmo, só viam as coisas concernentes aos seus preconceitos.

A ótica religiosa dos fariseus está limitada à casca, pois nunca enxerga o coração⁹⁷. Jesus deixa claro que no Reino não há espaço para este tipo de gente, que jamais entrará no Reino porque tem uma justiça humana que o carrega e não a justiça em Cristo Jesus, que nos convida para uma vida de excelência.

Para vivermos esta vida de excelência, como diz Brennan Manning, “precisamos de uma transfusão de origem divina. O coração do Mestre bate por nós, não contra nós. Ele sempre arrancará o verde falsificado e a esterilidade de nossa hipocrisia”⁹⁸.

Que a graça do Senhor seja sobre nós para vivermos esta vida de excelência no Reino de Deus!

Para refletir e viver

- Obediência aos mandamentos não é uma opção para a vida espiritual, mas uma condição para não sermos reprovados diante daquele que nos ama.
- Não podemos perder a noção de que a nossa adoração é para o Senhor e nela refletimos o caráter da Trindade. Fomos criados para adorar a Deus e refletir sua imagem. Isso nos ajuda a rever nossa própria identidade na presença do Senhor.
- Quando excedemos a justiça farisaica, tornamo-nos cidadãos do Reino divino de coração e alma.
- Quando excedemos a justiça farisaica, vivemos com a graça do céu na Terra.
- Quando excedemos a justiça farisaica, vivemos mediante o sangue do Cordeiro, que nos faz santos em cada passo da nossa existência.
- O convite de Jesus é para superarmos a visão rasa dos escribas e fariseus e vivermos a realidade da excelência de Deus. A realidade do amor a Ele sobre todas as coisas e do amor ao nosso próximo como o próprio Deus nos ama.

⁹² STOTT, John. *Contracultura cristã* cit., p. 33-34.

⁹³ Idem, p. 34.

⁹⁴ Idem, p. 35.

⁹⁵ LLOYD-JONES, Martyn. Op. cit., p. 174.

⁹⁶ BARBOSA, Ricardo. *Conversas no caminho*. Curitiba: Encontro, 2008, p. 39.

⁹⁷ PARANAGUÁ, Glenio Fonseca. *A festa do contentamento - A videira verdadeira*. Londrina: Ide, 2007, p. 94.

⁹⁸ MANNING, Brennan. *O obstinado amor de Deus*. São Paulo: Mundo Cristão, 2007, p. 7.

Capítulo 13

Praticando a justiça na vida diária

Mateus 5.21-42

John C. Maxwell diz que “o caráter nos permite fazer o que é certo mesmo quando parece difícil. A perspectiva nos permite entender o que deve acontecer para que um objetivo seja atendido. A coragem nos permite tomar iniciativa e correr riscos para andar na direção de um objetivo que valha a pena. A consideração nos permite atrair e dar poderes aos outros para se juntarem a nós na causa”⁹⁹.

Creio que é o nosso caráter que nos leva a praticar o Sermão do Monte proclamado pelo nosso Senhor Jesus. Sozinhos não conseguimos ser fiéis, verdadeiros nas atitudes, sem espírito de vingança e com um coração puro. Diante dessa realidade, vejamos as dicas de Jesus sobre a prática da justiça na vida diária.

Cuidado: O nosso pecado provém das atitudes do coração

Ouvistes que foi dito aos antigos: Não matarás; mas qualquer que matar será réu de juízo. Eu, porém, vos digo que qualquer que, sem motivo, se encolerizar contra seu irmão, será réu de juízo; e qualquer que disser a seu irmão: Raca, será réu do sinédrio; e qualquer que lhe disser: Louco, será réu do fogo do inferno. Portanto, se trouxeres a tua oferta ao altar, e aí te lembrares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa ali diante do altar a tua oferta, e vai reconciliar-te primeiro com teu irmão e, depois, vem e apresenta a tua oferta. Concilia-te depressa com o teu adversário, enquanto estás no caminho com ele, para que não aconteça que o adversário te entregue ao juiz, e o juiz te entregue ao oficial, e te encerrem na prisão. Em verdade te digo que de maneira nenhuma sairás dali enquanto não pagares o último ceitil (vv. 21-26).

Aqui Jesus apresenta a solução de seis leis importantes do Antigo Testamento. Ele as interpreta para o povo à luz da vida nova que veio trazer aos seus eleitos. Vale perceber que o nosso Mestre fez uma alteração fundamental sem mudar o padrão e o conteúdo que o Pai Eterno determinou. Jesus tratou das atitudes e intenções do coração, não apenas das ações

externas. Os fariseus diziam que a justiça consistia em realizar determinadas ações, mas Jesus afirma que o cerne da justiça são as atitudes do coração. O cerne da justiça é perceber como agimos internamente.

Ele ensina que o mesmo se aplica ao pecado, porque os fariseus tinham uma grande e terrível lista de ações exteriores consideradas pecado, mas Jesus explicou que o pecado provém das atitudes do coração. A maldade vem do coração, os intentos de falsidade procedem do íntimo do nosso coração.

Então o Senhor Jesus diz que a nossa ira sem motivo é homicídio no coração, que a nossa lascívia é adultério no coração.

Jesus faz menção ao homicídio que é tratado em Êxodo 20.13. Ele não diz que a ira conduz ao homicídio, mas que a ira é uma forma de homicídio.

Quando nos iramos contra os nossos irmãos de maneira má, matamos o nosso próximo no coração. Jesus refere-se aqui a uma ira pecaminosa contra as pessoas.

Warren Wiersbe diz que “a palavra que usa em Mateus 5.22 significa “ira cultivada, malignidade alimentada no ser interior”. Jesus descreve uma experiência pecaminosa constituída de vários estágios”¹⁰⁰:

Warren Wiersbe diz que “primeiro, a manifestação de uma ira sem motivo. Depois, a explosão dessa ira em palavras, que põe mais lenha na fogueira e, por fim, leva à condenação: Seu tolo, seu rebelde obstinado! A ira pecaminosa é insensata, pois nos faz destruir em vez de edificar. Tira nossa liberdade e nos faz prisioneiros. Odiar alguém é cometer homicídio no coração” (1 Jo 3.15)¹⁰¹.

A verdade é que os sentimentos pecaminosos não servem de desculpa para ações pecaminosas que realizamos nas relações humanas. O que precisamos avaliar e entender é que a ira que nos leva a pecar atrapalha a nossa comunhão com Deus e com o nosso próximo.

É preciso tomar muito cuidado com as nossas atitudes. Precisamos pedir, como o salmista Davi, para o Eterno sondar o nosso coração e ver aquilo que é mal e para Ele nos conduzir no caminho eterno, que nos leva para a prática de uma justiça séria e que combina com os ensinamentos das Escrituras Sagradas.

A ira deve ser encarada como um pecado que ofende o nosso Criador, ofende as pessoas que nos cercam e leva a nossa vida para um desgaste profundo em todas as áreas. Um aspecto do fruto do Espírito Santo no texto de Gálatas 5.22 é que devemos ter domínio próprio nas relações pessoais. Quando temos esse fruto, olhamos para as pessoas com graça e mesmo que sejamos cutucados não damos vazão à ira.

Jesus fala das atitudes do coração que atrapalham profundamente a nossa relação com o irmão. Como devemos tomar cuidado para não chamar o nosso irmão de louco e o cuidado de perdoá-lo pela graça como somos perdoados por Deus todos os dias. Quando chamamos o nosso próximo de louco, ofendemos o criador dele.

Ser cristão não é algo fácil, pois exige de nós renúncia e uma caminhada na contramão, porque todos dizem para darmos vazão para as provocações, não perdoarmos os que nos ofendem, e Jesus ensina que devemos fazer o contrário.

O nosso coração apela para as atitudes cruéis, então o Senhor nos ensina a vencer a maldade e mostrar atitudes que transformam a nossa relação de tal forma que não chamamos o nosso próximo de louco, perdoamos e tratamos as pessoas vencendo a ira e qualquer mal que nos impeça de nos relacionar de maneira amável.

Cuidado: O adultério acontece no coração através do simples olhar

“Ouvistes que foi dito aos antigos: Não cometerás adultério. Eu, porém, vos digo, que qualquer que atentar numa mulher para a cobiçar, já em seu coração cometeu adultério com ela. Portanto, se o teu olho direito te escandalizar, arranca-o e atira-o para longe de ti; pois te é melhor que se perca um dos teus membros do que seja todo o teu corpo lançado no inferno. E, se a tua mão direita te escandalizar, corta-a e atira-a para longe de ti, porque te é melhor que um dos teus membros se perca do que seja todo o teu corpo lançado no inferno” (vv. 27-29).

Jesus assevera a pureza da lei de Deus (Êx 20.14). Ele explica que a intenção dessa lei é revelar a santidade do sexo e a pecaminosidade do coração humano. A Bíblia ensina o propósito da Trindade nessa questão importante. Algo que precisamos entender é que Deus não estabeleceu regras para o sexo porque deseja nos controlar, mas porque deseja nos abençoar. Devemos perceber que a impureza sexual nasce dos desejos do coração; o problema está no nosso íntimo. Jesus nos adverte que uma pessoa pode cometer adultério pelo fato consumado, mas a chama do adultério está no pensamento. Então, quando olhamos uma, duas vezes para uma mulher com desejos impuros, já cometemos adultério. Isso é algo muito sério porque nossa mente é incontrolável nos desejos.

Warren Wiersbe diz que “o desejo e a prática não são idênticos, mas, em termos espirituais, são equivalentes. O olhar que Jesus menciona não é

apenas casual e de relance; antes, é um olhar fixo e demorado com propósitos lascivos. É possível um homem olhar de relance para uma mulher, constatar que ela é linda, mas não ter pensamentos lascivos depois disso. O homem que Jesus descreve olha para a mulher com o propósito de alimentar seus apetites sexuais interiores, como um substituto para o ato sexual em si. Não é uma situação accidental, mas um ato planejado” ¹⁰².

Essa é uma área em que devemos tomar o máximo de cuidado. Somente na pureza dos desejos do coração e pela disciplina do corpo conseguimos, na graça do Eterno, vencer as tentações e provas nessa questão.

Essa é a única área em que não conseguimos resistir sozinhos. A sugestão de Jesus de arrancar um olho ou uma mão tem a ver com uma cirurgia espiritual, pois os pecados do corpo podem destruir a nossa espiritualidade.

Que o Eterno nos dê graça para termos um olhar santo diante das pessoas que estão ao nosso redor.

Cuidado: O divórcio traz consequências terríveis “Também foi dito:

Qualquer que deixar sua mulher, dê-lhe carta de desquite. Eu, porém, vos digo que qualquer que repudiar sua mulher, a não ser por causa de prostituição, faz que ela cometa adultério, e qualquer que casar com a repudiada comete adultério “(vv. 31-32).

O divórcio é um aspecto que Jesus trabalha levando em consideração o nosso padrão de fidelidade no casamento. Ele precisa ser superior ao que é meramente visível. O propósito de Jesus ao pregar esse sermão é nos tornar bem-aventurados no sentido de olhar seriamente para essa área e tomar muito cuidado.

A Bíblia nos ensina que no princípio Deus fez o homem e a mulher para que se tornassem uma só carne. O desejo do Eterno Deus é que eles formassem um só organismo, tivessem uma só fé, sentimento e coração na presença d’Ele. Então, quando se juntassem, obviamente formariam um todo e se combinariam não apenas na visão sexual, mas em todas as áreas.

Nosso Senhor ensina que o casamento deve durar a vida inteira, porque o plano de Deus sempre foi que o homem e a mulher se comprometessem a viver em amor um para com o outro por toda a vida. Deus deseja que o casamento dure para sempre, até que a morte ou a segunda vinda de Jesus separe o casal.

A única possibilidade de haver separação do casal é o adultério. Do contrário, não é possível. Amar tem a ver com atitudes de fidelidade e compromisso na

relação a dois. Tem a ver com uma promessa que fazemos no dia do casamento diante do Eterno Deus, da família de ambos, dos amigos e da igreja.

A promessa é de ter um comportamento e atitudes que honram o matrimônio para sempre. Não é o para sempre dos filmes de Hollywood e das novelas globais. É o para sempre divino, na presença divina.

Precisamos ter esta compreensão: o adultério é uma cobiça daquilo que não nos pertence e destrói a nossa moral, a nossa conduta como maridos e mulheres.

É preciso tomar cuidado com o nosso olhar. Não podemos vacilar e dar vazão para as tentações. Temos que imitar José do Egito, que respeitou a mulher de Potifar mesmo ela tendo desrespeitado seu esposo. José fugiu para não cometer aquele mal, destruindo sua vida e da família de Potifar.

O plano do Eterno Deus para o nosso casamento é perfeito, maravilhoso e profundo, por isso não podemos estragar esse plano original e dinâmico.

Temos que respeitar os nossos casamentos e preservar a santidade, a honestidade e a pureza.

Antes de pensarmos em cometer adultério devemos pensar no temor a Deus, na família, nos filhos, o quanto isso afetará a mente, as emoções e a espiritualidade deles. A igreja e os nossos amigos também sofrem com isso.

A advertência do nosso Mestre é séria e não podemos deixar de cuidar da nossa família na presença do Eterno. Amemos como mandamento e honremos o nosso leito imaculado, como afirma o escritor de Hebreus.

Cuidado: Os juramentos humanos comprometem o caráter

“Outrossim, ouvistes que foi dito aos antigos: Não perjurarás, mas cumprirás os teus juramentos ao Senhor. Eu, porém, vos digo que de maneira nenhuma jureis; nem pelo céu, porque é o trono de Deus; nem pela terra, porque é o escabelo de seus pés; nem por Jerusalém, porque é a cidade do grande Rei; nem jurarás pela tua cabeça, porque não podes tornar um cabelo branco ou preto Seja, porém, o vosso falar: Sim, sim; Não, não; porque o que passa disto é de procedência maligna” (vv. 33-37).

Havia um problema sério no meio dos judeus quanto aos juramentos. Eles juravam para tudo, e isso se transformou no pecado de usar juramentos para reforçar a veracidade de uma declaração. Os fariseus usavam vários tipos de artifício para esquivar-se da verdade, e o juramento era um deles. É claro que eles evitavam usar o nome santo de Deus, mas empregavam aproximações,

como a cidade de Jerusalém, céu, terra ou alguma parte do corpo. Jesus, conhecendo o coração deles no mais profundo, mostrou-lhes que não havia motivos para autenticar as suas declarações com juramentos. Ele ensinou que nossas conversas devem ser tão honestas e nosso caráter tão verdadeiro que não há necessidade de usar qualquer outro recurso para que as pessoas acreditem em nós. As nossas palavras dependem do nosso caráter, e juramentos não são capazes de validar a nossa palavra. A palavra de Jesus é: “Seja o seu sim, sim, e o seu não, não; o que passar disso vem do Maligno”. Uma palavra dita pelo cristão é básica e suficiente. Não precisamos de métodos e juramentos para dizer algo sobre o que faremos, como agiremos, ou um valor que emprestamos ou tomamos emprestado. Vale apenas a nossa palavra e ponto final. No passado a palavra era algo fundamental. Hoje as pessoas juram amor no casamento e mentem, falham, traem. Dizem que pagarão as dívidas e não pagam e ainda mostram que são cristãos. Essa fala de Jesus tem a ver com a nossa conduta, caráter, moral, compromisso com a nossa palavra. Isso dignifica a pessoa. A fala de Jesus tem a ver com os nossos votos diante do Eterno Deus, o nosso compromisso que fazemos com Ele. Tudo o que falamos é algo sério e será cobrado de nós. É preciso tomar cuidado com o uso indevido do nome do Senhor Deus, com os nossos votos. A palavra de Jesus é que tudo o que dissermos e não houver firmeza e honestidade é do mal, é inconveniente, é desastroso.

Cuidado: a vingança azeda a nossa alma “Ouvistes que foi dito: Olho por olho, e dente por dente. Eu, porém, vos digo que não resistais ao mal; mas, se qualquer te bater na face direita, oferece-lhe também a outra; e, ao que quiser pleitear contigo, e tirar-te a túnica, larga-lhe também a capa; e, se qualquer te obrigar a caminhar uma milha, vai com ele duas. Dá a quem te pedir, e não te desvies daquele que quiser que lhe emprestes” (vv. 38-42).

Warren Wiersbe diz que “a lei original era justa, pois impedia que as pessoas obrigassem o transgressor a pagar um preço maior do que o merecido por sua ofensa e também evitava a retaliação. Jesus sofre a perda, em vez de causar sofrimento a outros. É evidente que ele aplica esse princípio a ofensas pessoais, não em nível coletivo ou nacional”¹⁰³.

Vale lembrar que as prescrições do Antigo Testamento não são expostas para encorajar a vingança. É um engano. Então Jesus não anula o que foi dito para

o cuidado da justiça da nação de Israel como uma fórmula de punição. Jesus dá uma dimensão séria para que as pessoas não usem a lei de talião.

Vale lembrar que os primeiros indícios da lei de talião foram encontrados no Código de Hamurabi, em 1780 a.C., no reino da Babilônia. Essa lei evita que as pessoas façam justiça e de forma desproporcional, introduzindo um início de ordem na sociedade, quanto ao tratamento de crimes e delitos, com o princípio olho por olho, dente por dente.

A palavra de Jesus quanto à lei de talião é que não podemos agir do mesmo jeito que agem conosco. A pessoa que busca a vingança causa apenas mais sofrimento para ela mesma. O resultado é desavença, separação, divisão, intrigas e conflitos. A proposta de Jesus é darmos a outra face para aquele que nos fere. Isso requer uma atitude de amor e graça para com o próximo. Podemos ser feridos e humilhados, mas a nossa atitude é de alguém que não se azeda na alma, alguém que não adoece por dentro.

Penso que é assim que Deus nos olha na cruz do Calvário. Nós o ofendemos, demos um tapa na face do Criador, mas Ele dá a outra face no sentido de graça especial e nos ama apesar de nós.

Só conseguimos dar a outra face, caminhar três mil metros “duas milhas” quando olhamos para o próximo da mesma maneira que Jesus nos olha na cruz. É interessante que o tapa, que é doloroso, tem a ver com o insulto que as pessoas nos fazem. No grego o verbo “ferir” remete à ideia de um tapa violento. Alguns comentaristas traduzem como um golpe que gera muita dor. O insulto realmente gera dor interna, gera mágoa. E se isso aumentar, azeda a nossa alma, faz-nos perder o sono, cria ódio, rancor, faz-nos fechar o coração para aquele que nos feriu.

Então a dica de Jesus é séria demais. Devemos dar a outra face no sentido de caminhar mais na prática do perdão. E o caminhar a segunda milha dá a ideia de ajudar o próximo duas vezes, porque o cristão age de maneira diferente e olha para o seu próximo, mesmo que ele não mereça, com graça e compaixão.

A proposta de Jesus para nós é que abramos mão dos nossos direitos em favor do próximo. Que o Eterno derrame graça sobre nós para que coloquemos os princípios do Sermão do Monte em prática na nossa vida espiritual.

Para refletir e viver

- A ira deve ser encarada como um pecado que ofende o nosso Criador,

ofende as pessoas que nos cercam e leva a nossa vida para um desgaste profundo em todas as áreas.

- Jesus fala das atitudes do coração que atrapalham profundamente a nossa relação com o irmão.
- Somente na pureza dos desejos do coração e pela disciplina do corpo conseguimos, na graça do Eterno, vencer as tentações e provas da vida.
- O plano do Eterno Deus para o nosso casamento é perfeito, maravilhoso e profundo, por isso não podemos estragar esse plano original e dinâmico.
- Antes de pensarmos em cometer adultério devemos pensar no temor a Deus, na família, nos filhos, o quanto isso afetará a mente, as emoções e a espiritualidade deles.
- Uma palavra dita pelo cristão é básica e suficiente. Não precisamos de métodos, juramentos para dizer algo sobre o que faremos ou como agiremos.
- A fala de Jesus tem a ver com os nossos votos diante do Eterno Deus, o nosso compromisso que fazemos com Ele.
- A pessoa que busca a vingança causa apenas mais sofrimento para ela mesma. O resultado é desavença, separação, divisão, intrigas e conflitos.
- Só conseguimos dar a outra face, caminhar três mil metros quando olhamos para o próximo da mesma maneira que Jesus nos olha na cruz.
- Devemos dar a outra face no sentido de caminhar mais na prática do perdão.
- A proposta de Jesus para nós é que abramos mão dos nossos direitos em favor do próximo.

⁹⁹ MAXWELL, John C. Minutos de liderança. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2008.

¹⁰⁰ WIERSBE, Warren W. Op. cit., p. 26.

¹⁰² WIERSBE, Warren W. Op. cit., p. 26.

¹⁰³ WIERSBE, Warren W. Op. cit., p. 27.

Capítulo 14

A lei do amor para com o próximo

Mateus 5.43-48

Somente quando abrimos o coração para o amor é que podemos conviver com o vizinho terrível, com o chefe que nos persegue, com o fulano maldoso da faculdade. Quando temos um coração hospitaleiro, matamos a hostilidade e abrimos espaço para a oração até por aqueles que nos odeiam e nos perseguem¹⁰⁴. É esta tarefa árdua, difícil e dura que Jesus traz para aqueles que são seus discípulos, filhos do Pai Celestial.

Eu creio que todo o Sermão do Monte é o ponto mais difícil para vivermos, pois olho para a nossa maneira absurda de ser individualistas, enquanto o Senhor nos ensina a dar a quem pedir e a não desviarmos daquele que quer que lhe emprestemos (Mt 5.42).

Também olho para a realidade do nosso orgulho em querer aquilo que é benefício somente para nós mesmos, enquanto o Senhor Jesus nos ensina a andar com o nosso próximo não uma, mas duas milhas. O Senhor Jesus nos ensina a dar não apenas o vestido, mas também a capa para o nosso próximo (Mt 5.40-41). E o exemplo é dado por aquele que é o modelo perfeito da prática do amor para com o próximo. Assim, como seus discípulos devemos despertar a nossa atenção para as seguintes questões.

Devemos amar o nosso próximo e orar por ele, mesmo que seja nosso inimigo

Ouvistes que foi dito: Amarás o teu próximo, e odiarás o teu inimigo (v. 43). No contexto Jesus apresenta a sexta e última ilustração sobre o verdadeiro sentido espiritual da lei, em contraste com a interpretação errônea dos intérpretes judeus: a lei do amor. O mandamento que fala acerca do amor ao próximo é uma citação de Levítico 19.18, e por haver uma citação específica “aos filhos do teu povo”, os escribas e fariseus acrescentaram o seguinte: odiarás o teu inimigo.

Então Jesus faz a citação daquilo que se tornou uma tradição popular entre eles para ensinar aos seus discípulos que eles deveriam agir diferentemente.

Para os fariseus e escribas, praticar o amor entre eles era muito fácil, mas quanto aos inimigos, era ódio total. E Jesus faz o contraste com a perspectiva do amor dos fariseus e escribas e lança a verdadeira perspectiva espiritual do amor dizendo: “Eu, porém, vos digo: Amai a vossos inimigos... e orai pelos que vos maltratam e vos perseguem...” (v. 44).

Já não era mais a tradição popular que falava, mas aquele que praticou todas essas coisas quando esteve na Terra. O Senhor Jesus ensinou aos seus discípulos que eles deveriam ser misericordiosos, mansos, pacificadores, deveriam alegrar-se por serem perseguidos, pois seria grande o galardão nos céus (Mt 5.1-8).

Eles seriam mansos e misericordiosos quando afrontados e não revidassem (Mt 5.39). Com isso, estariam demonstrando amor ao próximo. Eles seriam bem-aventurados mesmo quando perseguidos e orassem pelos perseguidores. Assim eles amariam o seu próximo.

Isso deve acontecer conosco também, pois não podemos esquecer que o nosso Senhor Jesus deu o próprio exemplo de amor para com os seus inimigos. Ele amou os seus algozes. Ele amou aqueles que o humilharam dizendo ao Pai: “Perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem”.

Precisamos atentar para isso, pois temos falhado diante do Senhor. E da mesma forma que o fariseu, temos a grande facilidade de amar aqueles que são do nosso afeto, e ainda assim quando não procedem mal conosco.

Quando as pessoas nos tratam muito bem, então retribuímos com o bem, mas quando é o contrário, retribuímos da mesma forma.

Hoje há cristãos que estão se destruindo por causa de questões bobas, vãs e banais, justamente por não observarem esse ensino do Senhor Jesus. Sejamos francos e reconheçamos que temos dificuldades enormes no nosso interior de amar os inimigos, de bendizer os que nos maldizem.

Temos ainda mais dificuldades para orar pelos que nos perseguem, porém o Senhor Jesus nos ensina a fazer isso sempre. Em 1 Timóteo 2.1 Paulo disse: “Admoesto-te, pois, antes de tudo, que se façam deprecações, orações, intercessões e ações de graças, por todos os homens”.

Quando Jesus diz para amarmos o nosso inimigo e orar pelos que nos perseguem, isso quer dizer acolher o próximo, pois quando acolhemos os que nos perseguem, eliminamos a hostilidade do coração, abraçamos a hospitalidade e conseguimos ter um coração pronto para interceder pelos que nos perseguem.

Amar os inimigos à luz da palavra de Jesus é também não detestá-los, mas

aprender com o Senhor a interceder por eles, mesmo quando zombam de nós. Esta é uma ordem de Deus para o seu povo. Paulo, em 2 Tessalonicenses 3.13, fala sobre isso: “E vós, irmãos, não vos canseis de fazer o bem”. Esta palavra de Jesus não é muito simples de receber, pois somos hostis demais quando lidamos com pessoas que nos machucam, por isso temos dificuldades para orar por elas e sermos hospitaleiros. Mas quando não temos um coração inchado e intolerante diante de Deus, dispomo-nos por sua graça para a vocação de orar pelos que nos perseguem e amarmos os nossos inimigos.

Como discípulos, devemos amar como o Pai Celeste

“Eu, porém, vos digo: Amai a vossos inimigos, bendizeis os que vos maldizem, fazei bem aos que vos odeiam, e orai pelos que vos maltratam e vos perseguem; para que sejais filhos do vosso Pai que está nos céus” (v. 44). O texto nos mostra que aqueles que fazem o bem, amam e oram pelos inimigos são considerados filhos do Pai Celeste, demonstrando a natureza que os filhos de Deus devem desenvolver. A característica mais dominante dos filhos é a imitação do Pai, pois o Pai mostrase bondoso tanto para com aqueles que são seus filhos como para com aqueles que são suas criaturas. Para estes, Deus também dá a chuva e o sol da mesma forma que dá aos seus filhos, mostrando assim a sua graça comum. Este é o amor que não discrimina, mas derrama-se sobre amigos e inimigos. E na vida do Senhor Jesus foi sempre assim, um amor de autonegação, de autodoação. Ele agiu com amor para com a mulher samaritana perdoando os seus pecados; agiu com amor para com o gadareno, a quem todos repudiavam e de quem tinham medo; agiu com amor para com a mulher adúltera; agiu com amor para com a mulher cananeia, por isso o Senhor Jesus disse: “... o Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir, e para dar a sua vida em resgate de muitos” (Mt 20.28).

O amor de Deus reflete na vida dos bons e dos maus. Da mesma forma, devemos imitar o nosso Pai Celeste amando o nosso inimigo também. É claro que não seremos jamais iguais ao Pai em amor, pois Ele ama a sua criação apesar de ela ser caída. Ele ama incondicionalmente os seus eleitos e cuida da criação num sentido geral com a sua graça comum. Mas, como seus servos, Ele coloca em nós disposição para pregarmos com a nossa vida o amor verdadeiro para com os homens.

Então, se o seu vizinho é um desastre, ore por ele e peça a misericórdia do

Senhor sobre a vida dele. Se no seu trabalho há pessoas que desprezam você por ser um servo de Deus, não seja hostil, mas hospitaleiro, entregando a sua causa para o Senhor. Assim, com certeza você será misericordioso com esse tipo de pessoa.

Como discípulos de Jesus, devemos fazer duas coisas:

1. Exceder o amor dos publicanos

“Pois, se amardes os que vos amam, que galardão tereis? Não fazem os publicanos também o mesmo? E, se saudardes unicamente os vossos irmãos, que fazeis de mais? Não fazem os publicanos também assim?” (vv. 46-47).

Os publicanos, por serem cobradores de impostos para o império romano, eram repudiados pela maioria dos judeus, mas entre eles havia uma amizade, ou seja, tinham consideração um com o outro. Jesus ensinou aos seus discípulos que eles deveriam ser superiores aos publicanos na demonstração de amor.

Jesus mostrou que a saudação aos irmãos judeus era fácil demais, pois faziam isso só entre eles e não para os gentios, porque a saudação indicava fraternidade e amizade. Jesus mostrou aos seus discípulos que os gentios também se saudavam.

É interessante que os judeus praticavam todos os rituais da lei, porém faziam isso apenas de forma exterior. Um fariseu era capaz de traçar de cor e salteado no mapa os caminhos percorridos pelo Senhor Jesus, mas nunca teve a coragem de penetrar nesses caminhos.

Jesus estava ciente do legalismo daqueles homens, que se apegavam muito à lei cerimonial, mas não ao essencial da lei, que era o amor ao próximo. Foi exatamente por isso que Jesus disse a eles: “Mas ai de vós, fariseus, que dizimais a hortelã, e a arruda, e toda a hortalça, e desprezais o juízo e o amor de Deus. Importava fazer estas coisas, e não deixar as outras” (Lc 11.42).

Não podemos esquecer que devemos praticar esse amor ensinado pelo Senhor, pois a Palavra diz: “E se amardes aos que vos amam, que recompensa tereis? Também os pecadores amam aos que os amam. (...) Sede, pois, misericordiosos, como também vosso Pai é misericordioso” (Lc

6.32, 36).

2. Seguir o exemplo de perfeição do Pai

“Sede vós, pois perfeitos, como é perfeito o vosso Pai que está nos céus” (v. 48).

Jesus mostrou que a perfeição exigida é uma ordem, pois o verbo está no imperativo. No entanto, isso não significa ser perfeito como o Senhor é na essência, mesmo porque Jesus ensinou que, quando fazemos o que nos mandam, devemos reconhecer que ainda assim somos servos inúteis, porque fizemos somente o que deveríamos fazer (Lc 17.10).

A ideia aqui é estar completamente desenvolvido; estar totalmente realizado, inteiro, completo; ter uma elevada excelência, uma elevada eficiência. O homem regenerado pelo Espírito começa a andar neste processo de perfeição, começa a imitar a santidade e o amor do Pai Celeste.

É claro que ele nunca será perfeito como o Senhor Jesus é, santo, imaculado, puro e justo, mas receberá, através da ação do Espírito Santo, a perfeição ensinada pelo Senhor: “Um novo mandamento vos dou: Que vos ameis uns aos outros; como eu vos amei a vós, que também vós uns aos outros vos ameis. Nisto todos conhecerão que vós sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros. (...) O meu mandamento é este: Que vos ameis uns aos outros, assim como eu vos amei (Jo 13.34,35; 15.12).

Devemos atentar para esse discipulado da prática do amor. Essa é a verdadeira perfeição, a verdadeira lei do amor. Devemos entender que não é o legalismo que deve ser praticado, mas o mais profundo da lei espiritual, o amor.

Quando estamos completamente desenvolvidos, dotados, podemos praticar esse amor ensinado pelo Senhor. Quando temos elevada excelência, podemos seguir o exemplo da perfeição do nosso Pai.

Precisamos atentar para essas questões acerca da prática do amor para com o próximo. Como servos do Senhor, temos que enfatizar a necessidade de haver uma mudança na vida, que é feita pelo Espírito Santo, pois sem uma regeneração no coração é impossível:

- Amar o nosso inimigo e orar por ele;
- Bendizer os maldizentes;
- Fazer bem aos que nos odeiam;
- Seguir o exemplo da perfeição do Pai Celeste.

Praticando essas coisas seremos testemunhas do Senhor Jesus, como o apóstolo Paulo disse: “De sorte que somos embaixadores da parte de Cristo, como se Deus por nós rogasse” (2 Co 5.20). E como embaixadores de Cristo pesa sobre nós a responsabilidade de sermos discípulos verdadeiros d’Ele, mostrando à sociedade corrompida o verdadeiro amor.

Que a graça do Senhor Deus seja sobre nós!

Para refletir e viver

- Quando acolhemos os que nos perseguem, eliminamos a hostilidade do coração, abraçamos a hospitalidade e conseguimos ter um coração pronto para interceder pelos que nos perseguem.
- Amar os inimigos à luz da Palavra de Jesus é também não detestá-los, mas aprender com o Senhor a interceder por eles, mesmo quando zombam de nós.
- O amor de Deus reflete na vida dos bons e dos maus. Da mesma forma, devemos imitar o nosso Pai Celeste amando o nosso inimigo também.
- O homem regenerado pelo Espírito começa a andar neste processo de perfeição, começa a imitar a santidade e o amor do Pai Celeste.

¹⁰⁴ NOUWEN, Henri. Crescer – Os três movimentos da vida espiritual. São Paulo: Paulinas, 2000, p. 150.

C a p í t u l o 15

O segredo protege do orgulho e do reconhecimento público

Mateus 6.1-8

A nossa agenda está sempre cheia de tarefas e parece que sempre temos algo para fazer. É raro o momento em que estamos livres. Além disso, nós gostamos de conhecer muitas pessoas, pois elas mostram a nossa importância. Quando estamos do lado de pessoas importantes, sentimo-nos o máximo. A nossa compulsão se manifesta no medo oculto de fracassarmos, no medo de nossa individualidade não ser notada, não ser reconhecida pelos outros¹⁰⁵.

Hoje temos resposta para tudo e nem há muita necessidade de oração nem de uma vida piedosa. O narcisismo vem crescendo e ganhando um espaço enorme. Tudo gira em torno do sucesso próprio, da autorrealização e da conquista individual. Desenvolvemos programas que atendam à demanda do narcisismo. Até as crianças estão influenciadas por esta visão. Temos igrejas com estruturas excelentes, mas não passam de um conjunto de técnicas para eventos e não para um coração voltado para a dependência profunda de Deus. E qual é o resultado disso?

Passamos a ter uma igreja com visão rasa e sem vida no Reino de Deus. Os eventos da nossa vida precisam ser pessoais. Aquilo que proclamamos tem sido uma experiência de fé.

Há uma desconexão entre aquilo que falamos e vivemos. Às vezes nos vemos como profissionais da fé que cumprem algum requisito que as pessoas esperam de nós. A própria vida nos habilita para realizar as tarefas no Reino de Deus, mas, na prática, nos afastamos daquilo que somos e colocamos uma máscara. A nossa experiência deixa de ser algo relevante e passa a ser algo farsante. A grande verdade é que nos esforçamos e nos preparamos para que sejamos reconhecidos, elogiados e lembrados pelos outros.

Jamais alguém sobrevive sem ser elogiado e lembrado por alguma coisa. Seja

uma palavra bonita, um gesto, uma ação nobre, um livro que se escreve, uma doação que se faz, uma boa oração, uma boa voz. Em tudo precisamos ser reconhecidos pelos outros.

Jesus agora trabalha a necessidade de as pessoas serem reconhecidas e para isso usa a figura dos fariseus, pois eles gostavam do reconhecimento.

Naquele tempo eles constituíam o sinal de um homem piedoso e religioso. Pregavam uma capa de religiosidade, porém só em função de serem vistos pelos homens e não por Deus. E o erro consistia nisto: eles tinham uma religião exterior, mas no coração não havia nenhuma humildade, nenhuma entrega com dependência diante do Pai. Era uma religião de dedicação a eles mesmos, não a Deus de maneira sincera e verdadeira¹⁰⁶.

Vejamos o que podemos aprender para entrar no secreto do quarto, a fim de não praticarmos uma religiosidade superficial, mas verdadeira na presença do Pai. Como podemos buscar uma vida religiosa como igreja de maneira verdadeira, sem envolvimento com o reconhecimento público?

Experimentando o caminho do reconhecimento secreto diante de Deus Pai

“Guardai-vos de fazer a vossa esmola diante dos homens, para serdes vistos por eles; aliás, não tereis galardão junto de vosso Pai, que está nos céus. Quando, pois, deres esmola, não faças tocar trombeta diante de ti, como fazem os hipócritas nas sinagogas e nas ruas, para serem glorificados pelos homens. Em verdade vos digo que já receberam o seu galardão. Mas, quando tu deres esmola, não saiba a tua mão esquerda o que faz a tua direita; para que a tua esmola seja dada em secreto; e teu Pai, que vê em secreto, ele mesmo te recompensará publicamente”(vv. 1-4).

É interessante que Jesus não nega a realidade do reconhecimento, mas nos dá mecanismos para não nos tornarmos reféns do reconhecimento público, dos elogios, da admiração. O remédio, o mecanismo espiritual é o caminho do secreto. É a experiência de provar de um reconhecimento secreto da parte de Deus Pai. Antes do público recebemos um reconhecimento que não nos causa soberba.

Jesus adverte os seus discípulos quanto ao exceder a justiça diante dos homens com o propósito de serem notados. Para os que fazem isso não há galardão diante do Pai. Por isso Jesus propõe um caminho simples, que é a

experiência do secreto. Ele propõe o reconhecimento daquele que não nos permite ser escravos do nosso próprio orgulho, como acontecia na vida dos fariseus.

Jesus diz para darmos esmolas sem tocar a trombeta e sem alarde. Os hipócritas é que faziam assim; diziam que davam ofertas, esmolas, díizimo para serem reconhecidos pelos outros. E para eles Jesus afirma que já havia a recompensa. Era a condenação, era a separação de Deus Pai. Jesus diz para os seus discípulos que a mão esquerda não deve saber o que fez a direita para que a esmola fique oculta, e o Pai, que está em secreto conosco, nos recompensará.

Quando vivemos em função do reconhecimento público, nunca seremos pessoas seguras. Seremos sempre dependentes do reconhecimento humano. Só que Jesus propõe um reconhecimento mais profundo do que o público. É aquele que vem de cima: Este é o meu filho amado, em que eu tenho prazer. Entra no gozo do teu Senhor.

No entanto, quando estamos no momento secreto, às vezes fazemos isso pensando na esfera pública. Nós somos assim mesmo! Precisamos de alguma recompensa, precisamos de fato ser notados pelas pessoas. E para enfrentarmos o desejo de ser reconhecido em público precisamos dos lugares secretos para sermos reconhecidos e recompensados pelo nosso Pai Celeste. Jesus não precisou ser reconhecido pelos homens. Ele tinha uma identidade da parte do Pai: Este é o meu filho amado, em que eu tenho prazer. Esta declaração era a identidade de Cristo. Nada do seu reconhecimento vinha d'Ele mesmo, e sim do Pai. Isso deu liberdade para Ele não precisar ser escravo de elogios e da admiração dos homens. E assim Ele foi para o caminho do Calvário, sempre vivendo em função dessa afirmação que vinha do Pai. Precisamos experimentar o caminho do reconhecimento secreto de Deus, não dos homens.

Como podemos buscar uma vida religiosa como Igreja de maneira verdadeira, sem envolvimento com o reconhecimento público?

Precisamos voltar o coração para o secreto do quarto e lá cultivarmos o Pai

“E, quando orares, não sejas como os hipócritas; pois se comprazem em orar em pé nas sinagogas, e às esquinas das ruas, para serem vistos pelos homens. Em verdade vos digo que já receberam o seu galardão. Mas tu, quando orares, entra no teu aposento e, fechando a tua porta, ora a teu Pai que está

em secreto; e teu Pai, que vê em secreto, te recompensará publicamente. E, orando, não useis de vãs repetições, como os gentios, que pensam que por muito falarem serão ouvidos. Não vos assemelheis, pois, a eles; porque vosso Pai sabe o que vos é necessário, antes de vós lho pedirdes” (vv. 5-8).

Jesus sabia muito bem que as esmolas que damos, os jejuns que praticamos e as orações que fazemos têm, quase sempre, uma finalidade secreta, a de sermos vistos, notados pelos homens. Afinal, que reconhecimento nós teríamos se ninguém ouvisse as nossas orações, as nossas ações de misericórdia?

Exatamente por causa do risco de querermos ser vistos, reconhecidos pelos homens, Jesus lança a saída para nós. É a de entrarmos para o universo público depois de passarmos pelo universo secreto. E a proposta de Jesus é o secreto do nosso quarto. Portanto, quem não sabe orar em secreto, com a porta fechada, não aprenderá a contemplar Deus quando estiver nos lugares públicos¹⁰⁷. A espiritualidade secreta do quarto nos habilita para uma espiritualidade verdadeira em público. Esse caminho nos priva, nos livra da hipocrisia dos fariseus. Se você e eu buscamos somente os lugares públicos porque não suportamos o lugar secreto, seremos pessoas sempre solitárias, sem relacionamento com o Pai.

O quarto é um lugar pessoal e não simplesmente um lugar fechado. O secreto do quarto é aquilo que tem a ver com o que acontecerá quando sairmos dele. Portanto, a intimidade no secreto do quarto nos leva para uma singularidade na relação com Deus e com o nosso próximo. Leva-nos para uma verdadeira comunhão com a Trindade e com o povo chamado Igreja.

O secreto nos priva de buscar lugares onde Deus está. Deus está no nosso coração e, por isso, precisamos do secreto para ouvir a sua voz. O secreto é um caminho para a liberdade no público, pois no secreto é Deus quem me ouve, que conhece os segredos do meu coração e as motivações mais escondidas da minha alma.

É no secreto do quarto que Deus me aprova, me reconhece e me dá a medida certa do valor que tenho. Então, no público eu não sou iludido pela admiração que corrompe o meu coração. O caminho para uma espiritualidade sadia no público começa quando fechamos a porta do quarto e oramos sabendo que a comunhão com o Pai é real, que a intimidade com Ele é verdadeira, que a oração é ouvida e a alma é nutrida na presença do Pai¹⁰⁸.

Neste mundo tão agitado, em que as pessoas cuidam do corpo para se mostrarem bonitas, em que se valoriza mais o ter do que ser, precisamos

urgentemente do silêncio da alma no secreto do quarto. O silêncio na presença do Pai é o elemento essencial da espiritualidade¹⁰⁹.

Este momento de solidão no quarto é a fornalha da nossa transformação. Sem silêncio, sem solidão no secreto do quarto, seremos vítimas da nossa sociedade e continuaremos a nos enredar em ilusões do falso eu¹¹⁰.

A Palavra de Jesus aos seus discípulos, a proposta para eles não se envolverem com a hipocrisia, com a falsidade, que nos conduz a um reconhecimento público, é: entra no secreto do quarto. Lá eles seriam recompensados. Jesus afirma que o Pai sabe daquilo que necessitamos antes de pedirmos. Ele nos ensina que devemos substituir o nosso ponto de gravidade, relocalizar o centro de nossa atenção. Ele quer que mudemos as nossas prioridades, quer que deixemos as “muitas coisas” pela “única coisa necessária”.

Ele quer que vivamos n’Ele, mas firmemente arraigados no centro de todas as coisas, que é a comunhão completa com o Pai, o Filho e o Espírito Santo, no secreto, onde nos encontramos com o Deus presente, o Deus Emanuel.

Não se chega a Deus pensando, mas orando. Pensar corretamente em Deus não nos leva aonde queremos ir. Mas pensar errado pode nos confundir consideravelmente. A tarefa do teólogo não é a de ensinar sobre Deus, mas nos ajudar a orar ao Pai – orar ao Deus revelado em Jesus Cristo segundo a Bíblia e não apenas nos arrastar devotamente ao redor da nossa imaginação idólatra¹¹¹.

No tocante à oração, o mais importante que podemos fazer começa na imaginação: entender o dia como um ritual em que entramos, reagimos e do qual participamos conforme a vontade de Deus. Não é arranjar um tempo para Deus – aliás, como isso parece condescendente¹¹²!

Não há nada mais pessoal do que a experiência da oração, que é a impressão digital do nosso estado real diante de Deus. A oração revela o que de fato somos diante de Deus. Precisamos usar a oração não como agenda, e sim como meio de relacionamento com Deus.

Termino esta reflexão citando Eugene Peterson:

Oração não é o que você faz de joelhos; é o que você vive. Seus joelhos podem funcionar como apoio no momento das suas orações, mas nossa intenção, sempre, é que a nossa vida seja a nossa oração¹¹³.

Que a graça do nosso Senhor caia sobre nós para que experimentemos este

momento de comunhão e de entrada no nosso quarto para que ouçamos a voz do Senhor dizendo: Este é o meu filho amado, em que eu tenho prazer.

Para refletir e viver

- A espiritualidade secreta do quarto nos habilita para uma espiritualidade verdadeira em público.
- O quarto é um lugar pessoal e não simplesmente um lugar fechado. O secreto do quarto é aquilo que tem a ver com o que acontecerá quando sairmos dele.
- O silêncio na presença do Pai é o elemento essencial da espiritualidade.
- A tarefa do teólogo não é a de ensinar sobre Deus, mas nos ajudar a orar ao Pai – orar ao Deus revelado em Jesus Cristo segundo a Bíblia e não apenas nos arrastar devotamente ao redor da nossa imaginação idólatra.
- Não há nada mais pessoal do que a experiência da oração, que é a impressão digital do nosso estado real diante de Deus.

¹⁰⁵ NOUWEN, Henri. *A espiritualidade do deserto e o ministério contemporâneo*. São Paulo: Loyola, 2000, p. 23.

¹⁰⁶ FABRIS, Rinaldo; BARBAGLIO, Giuseppe; MAGGIONI, Bruno. *Op. cit.*, p. 128.

¹⁰⁷ *Revista Ultimato*, março de 2001, p. 32.

¹⁰⁸ *Revista Ultimato*, março de 2001, p. 33.

¹⁰⁹ NOUWEN, Henri. *A espiritualidade do deserto...* *cit.*, p. 13.

¹¹⁰ *Idem*, p. 23.

¹¹¹ PETERSON, Eugene. *Diálogos de sabedoria*. São Paulo: Vida, 2007, p. 61.

¹¹² *Idem*, p. 83.

¹¹³ *Idem*, p. 113.

C a p í t u l o 16

Aprendendo a orar ao Pai

Mateus 6.9-13

Soren Kierkegaard expressou-se assim: “A oração não muda a Deus, mas sim àquele que ora”.

É muito óbvio que eu e vocês devemos orar pelas circunstâncias adversas da nossa vida, pelos enfermos, pelos necessitados e por todos os problemas. No entanto, a afirmação de Kierkegaard revela outro lado da oração que nós não estamos acostumados a viver, pois quando pensamos em oração, logo vem à mente a ideia de que ela é um instrumento de transformação das realidades externas a nós e não um instrumento transformador de nós mesmos e da nossa própria vontade¹¹⁴.

Vivemos influenciados pela pregação das igrejas neopentecostais acerca do poder da oração, do que podemos fazer com ela. Só que a realidade ensinada pelo Senhor Jesus sobre oração é diferente. Vejamos o que podemos aprender com o tipo de oração ensinada pelo nosso Senhor Jesus Cristo.

Aprendamos a orar pedindo a vontade de Deus para a nossa vida

“Portanto, vós orareis assim: Pai nosso, que estás nos céus, santificado seja o teu nome. Venha o teu reino, seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu” (vv. 9-10).

O texto paralelo de Lucas 11.1 afirma que Jesus estava em certo lugar orando. Quando acabou, um dos seus discípulos lhe disse: “Senhor, ensina-nos a orar, como também João ensinou aos seus discípulos”. E Jesus lhes disse: “Quando orardes, dizei...”. Então começa a afirmar estas palavras que estão registradas em Mateus 6. Quando os discípulos fizeram esse pedido, é porque, de fato, eles não sabiam orar. E com certeza essa afirmação reflete a nossa incapacidade de orar corretamente hoje também.

Creio que nós oramos totalmente diferente da oração do Pai Nosso. O texto de Mateus diz que o Pai é santificado, Ele é santo, puro e dono de todas as coisas (6.9). O Reino é d’Ele, nós somos suas ovelhas e ele é o nosso Eterno Pai. A consequência de nos dirigirmos ao Pai como o dono da nossa vida, da nossa existência, é que nos submetemos a Ele em tudo, como Jesus diz: “Seja

feita a tua vontade, assim na terra como no céu” (v. 10).

Jesus nos ensina que devemos colocar a nossa vida diante do Pai, que é o nosso companheiro, nosso amigo, nosso Pai amoroso, aquele que sabe das nossas dores, das nossas revoltas com a situação caótica da sociedade, da nossa angústia e dos nossos padecimentos, sabe quando a nossa estrutura emocional e espiritual está abalada, porque Ele é o nosso Eterno Pai. Só que na prática não é bem assim. Poucas vezes oramos pedindo a vontade do Pai para a nossa vida. Nós oramos assim: “Ah, Senhor, eu preciso disto, daquilo, eu quero isto. Senhor, dá-me fulana de tal, dá-me isto, aquilo”.

A verdade é que não temos coração para dizer: “Senhor, faze o teu querer. Senhor, nas tuas mãos eu entrego a minha história, a minha vida afetiva, os meus sonhos, meus desejos. Senhor, ora tu mesmo em mim”.

É interessante que a Igreja primitiva aprende desde cedo a depender do Criador como o soberano, o dono de tudo, o Senhor absoluto da história da vida. Jesus ensina aos seus discípulos a orarem assim: “Pai, santificado seja o teu nome; venha o teu Reino”.

Como precisamos ser verdadeiros diante de Deus, reconhecer que não sabemos orar. E é fato que a oração começa no nosso coração quando percebemos esta realidade. Percebemos que se Deus não for santificado em nosso coração, se Ele não abrir as portas da graça, nunca entenderemos que Ele é o Senhor majestoso, glorioso e grandioso.

Creio que só na experiência do nosso quarto é que aprenderemos a orar assim. Aprenderemos a glorificar o Pai e dizer que queremos depender exclusivamente da sua vontade e desejo para o nosso coração. Aprendemos que Ele é santo e que o Reino só pode estar no coração de quem é submisso e entregue totalmente a Ele. Quando dizemos: “Pai, santificado seja o teu nome; venha o teu Reino”, estamos abrindo mão do nosso ego, da nossa vontade, dos nossos desejos e entregando tudo para aquele que é dono do nosso ser.

O próprio Senhor Jesus trilhou o caminho dessa oração de dependência do Pai para tudo. Até na hora da morte Ele buscou a direção, a vontade de seu Pai (Lc 23.46).

Orar na perspectiva de Jesus é entrar numa relação única com o Pai e experimentar o prazer de conhecer a vontade d’Ele e cumprila em nossa caminhada. Então, conhecer a vontade de Deus Pai é experimentar o seu amor, graça e bondade¹¹⁵ quando dizemos em oração: “Pai, santificado seja o teu nome; venha o teu Reino”.

Orar na perspectiva de Jesus é se desprender da própria vontade, em sujeição total à vontade de Deus Pai. A oração de dependência gera caráter semelhante ao do Pai, gera comunhão, gera atitude de serviço no Reino de Deus. Gera entrega ao seu Reino para fazermos não o que queremos, mas o que Ele quer. Essa oração gera em nós reconhecimento do nosso pecado. A consciência do nosso estado de pecado nos faz, em oração, buscar a vontade de Deus e entender que aquilo que Ele faz é o melhor. Uma oração de dependência nos faz enxergar que precisamos do pão que vem de Deus. O texto diz: “O pão nosso de cada dia nos dá hoje” (v. 11).

Para quem ora como Jesus o entendimento é que tudo vem do Pai das luzes, tudo é providência divina. Precisamos aprender a orar segundo a vontade de Deus e não segundo a nossa própria vontade.

A oração é uma matéria pertencente à teologia e à ética, tanto no pensamento quanto na ação. Ela é profundamente direcionada por aquilo que cremos e como nos comportamos. O caráter de nossas orações será marcadamente determinado pelo caráter de Deus, enquanto o conhecemos e o experimentamos. A educação emocional que temos recebido desde a infância estabelecerá a tônica de nossas atitudes com respeito a Deus. Portanto, é verdadeiro afirmar: diga-me quem é teu Deus e eu lhe direi como tu oras¹¹⁶. Hoje, quando se fala tanto sobre espiritualidade e meditação, é cada vez mais importante saber o que queremos dizer com oração cristã, ou seja, como algo diferente da oração que é inspirada por outras tradições religiosas. A oração cristã é a oração direcionada ao Pai, por intermédio do Filho, pelo Espírito Santo.

A oração é guiada pelo viver de maneira correta, assim como pelo pensamento correto. A verdadeira oração significa comportar-se de maneira digna da companhia divina. De fato, a oração expressa algo do caráter de Deus. Quando oramos, permitimos que Deus viva em nós, de modo que, no nível mais íntimo, é o Espírito de Deus que faz a oração em nós e por nosso intermédio.

François Fénelon, eclesiástico francês do século XVII, expressou esta ideia da seguinte forma: “Ensina-me a orar; ore a ti mesmo em mim”. Se com frequência experimentarmos a oração dessa forma, toda a vida será transformada. Somos modificados pela oração muito mais do que imaginamos. Não oramos para informar a Deus, como se Ele fosse ignorante quanto aos eventos da vida ou quanto ao que pensamos ou sentimos. Pelo contrário, oramos: “Seja feita a tua vontade” de modo que em nosso

companheirismo com Ele, como pessoa devotada, de fato começamos a nos tornar radicalmente diferentes.

Todo o nosso ser passa a ser moldado pela vida e pelo espírito de oração. O envolvimento real e profundo com a oração desenvolve em nós uma espiritualidade em que a nossa vida e nossas palavras tornam-se um constante testemunho da realidade de Deus.

Precisamos ser transformados na oração

“Pai nosso, que estás nos céus, santificado seja o teu nome; venha o teu reino, seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu; o pão nosso de cada dia nos dá hoje; e perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores; e não nos induzas à tentação; mas livra-nos do mal; porque teu é o reino e o poder, e a glória, para sempre. Amém” (vv. 10-13).

As palavras de Jesus são de alguém que é transformado na oração, que vive esta realidade como Filho do Pai. E nós aprendemos na experiência de Soren Kierkegaard que a oração não transforma Deus, mas nós. Quando oramos, não é a nossa vontade e desejos que estão expressos, e sim a vontade de Deus para a nossa vida. Não oramos para fazer aquilo que queremos, conforme o nosso bem querer, mas oramos para fazer a vontade de Deus. Por isso a afirmação de Soren Kierkegaard citada no início deste capítulo faz muito sentido para nós.

Imagine os projetos, os sonhos, os desejos e metas que temos, todos sendo colocados em oração para mudar a nossa vida no sentido de que eles serão executados à maneira do Eterno. Talvez Deus não dê a faculdade que você quer; você quer ser diretor na Petrobras, só que o Eterno fará de você um pastor, uma missionária. Aceitar a vontade de Deus requer coragem e transformação no nosso interior, requer humildade e dependência total do querer de Deus para a nossa vida.

Só quem tem disposição para ser transformado é que está autorizado a orar assim: seja feita a tua vontade e não a minha, o teu querer e não o meu. Talvez seja por isso que há poucas pessoas que oram em nossas igrejas. Porque muitos querem que Deus faça aquilo que eles querem, não o que Ele quer. Tanto que em algumas igrejas ouvimos as palavras “decretar”, “reivindicar”, “ordenar”, “tomar posse da bênção”, “idealizar a bênção”,

“determinar a cura” para tais e tais doenças. Assim, surge a pergunta: e se o Eterno não quiser?

A oração nos transforma e quebra o nosso coração de maneira profunda. Ela nos faz olhar para dentro de nós mesmos e vemos quão frágeis e miseráveis somos. Por isso, o próprio Senhor Jesus nos ensina a dizer: “E perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores; e não nos induzas à tentação; mas livra-nos do mal; porque teu é o reino e o poder, e a glória, para sempre. Amém”.

A oração gera transformação em nosso coração para percebermos que somos pecadores caídos e necessitados do perdão de Deus para que perdoemos o nosso próximo. Transformados, fuja da tentação; transformados, sejamos livres do mal que está próximo de nós. A oração é uma amizade que promove em nossa alma um encontro transformador e nos ajuda a descobrir a riqueza e a beleza de um relacionamento que nos liberta das prisões e limitações do mundo, para que assim experimentemos a graça de dependermos exclusivamente da vontade perfeita e agradável de Deus Pai¹¹⁷.

James M. Houston afirma algo bem profundo sobre o comentário feito por um dos primeiros pais da Igreja, Clemente de Alexandria: “Orar é estar na companhia de Deus”. Isto nos dá um novo foco sobre a oração, pois passamos a vê-la mais como um aspecto da amizade do que como uma disciplina rigorosa. A oração começa a ser mais uma questão de relacionamento e menos de desempenho¹¹⁸. Ele diz mais:

Viver sem a oração é, afinal, desacreditar em Deus e abrir mão dos mais importantes valores humanos, tais como fé, esperança e amor. Viver sem orar é fruto de ir para a cama com todas as atitudes da sociedade secular moderna. Provavelmente, o Novo Testamento duramente denominaria tais comportamentos como “impiedade”. É fácil ceder ao espírito secular quando depositamos nossa fé na tecnologia, nossa esperança no pragmatismo e nosso amor no intelecto humano¹¹⁹.

Não podemos abrir mão desse tempo em oração com o Eterno. Na oração descansamos, dependemos, amamos, encontramos deleite e refrigério para a alma. A oração é o espelho da alma, e nela vemos-nos mais claramente. Mark

Twain costumava dizer que há, pelo menos, uma coisa em favor da oração: não podemos mentir enquanto oramos. Se nossas mães pareciam dispor de radares sensoriais para rastrear todos os nossos subterfúgios quando éramos crianças, quanto mais o Deus onisciente, que conhece cada pensamento nosso!

Agostinho, um dos grandes pais da Igreja, tinha total consciência disso. Ele escreveu suas Confissões, na qual expôs sua vida pregressa de luxúria, enquanto era bispo. Para ele, ser bispo da Igreja não era um disfarce para acobertar a sua verdadeira identidade perante Deus. De fato, o que originalmente atraiu a atenção de Agostinho foi a voz de Deus, que lhe veio enquanto estava sentado em um jardim. A voz assegurou-lhe, mencionando um versículo do livro de Romanos: “Eis que eu ponho em Sião uma pedra de tropeço, e uma rocha de escândalo; e todo aquele que crer nela não será confundido” (9.33). James M. Houston afirma:

A oração principia com o coração, porque Deus deseja relacionar-se conosco em todos os níveis de nosso ser. Isto inclui sentimentos, mente, imaginação, amor, memória e nossa vontade. Deus busca nos conhecer por completo na intimidade. Eis por que a oração foca o verdadeiro cerne de nosso ser, dentro do coração¹²⁰.

Com essa visão no coração, compreendemos perfeitamente que as nossas orações jamais existem para mudar os planos de Deus, para determinar algo para Ele fazer, mas elas existem para transformarmos e convertermos os nossos caminhos e pensamentos na trajetória da vontade de Deus para que digamos estas profundas palavras em nosso coração:

Pai nosso, que estás nos céus, santificado seja o teu nome; venha o teu reino, seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu; o pão nosso de cada dia nos dá hoje; e perdoanos as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores; e não nos induzas à tentação; mas livra-nos do mal; porque teu é o reino, e o poder, e a glória, para sempre. Amém.
Que Ele nos dê graça para isso, em nome de Jesus!

Para refletir e viver

- Como precisamos ser verdadeiros diante de Deus, reconhecer que não sabemos orar. E é fato que a oração começa no nosso coração quando

percebemos esta realidade.

- Orar na perspectiva de Jesus é se desprender da própria vontade em sujeição total à vontade de Deus Pai.
- Aceitar a vontade de Deus requer coragem e transformação no nosso interior, requer humildade e dependência total do querer de Deus para a nossa vida.
- A oração nos transforma e quebra o nosso coração de maneira profunda. Ela nos faz olhar para dentro de nós mesmos e vermos quão frágeis e miseráveis somos.
- A oração gera transformação em nosso coração para percebermos que somos pecadores caídos e necessitados do perdão de Deus para que perdoemos o nosso próximo.
- Oração é uma amizade que promove em nossa alma um encontro transformador e nos ajuda a descobrir a riqueza e a beleza de um relacionamento que nos liberta das prisões e limitações do mundo.

¹¹⁴ SOUSA, Ricardo Barbosa de. Janelas para a vida. Curitiba: Encontro, 1999, p.147-148.

¹¹⁵ SOUSA, Ricardo Barbosa de. Op. cit., p. 149.

¹¹⁶ HOUSTON, James M. A oração – O caminho para quem busca a amizade com Deus. Brasília: Palavra, 2007, p. 11.

¹¹⁷ SOUSA, Ricardo Barbosa de. Op. cit., p. 150.

¹¹⁸ HOUSTON, James M. A oração... cit., p. 9.

¹¹⁹ Idem, p. 23.

¹²⁰ HOUSTON, James M. A oração... cit., p. 31.

Capítulo 17

Ajuntando tesouros na eternidade

Mateus 6.19-21

O espírito do marketing das empresas invadiu algumas igrejas. Como aquelas visam o lucro e vivem para si, estas parecem andar na mesma trajetória. Elas vivem para a realização de si mesmas. É a chamada vida narcisista, uma vida totalmente egoísta, centrada em si e para si.

Somos uma igreja que não considera a oração como uma agenda indispensável para a nossa produção espiritual. Somos uma igreja que está cheia de pessoas que secularizam a mensagem cristã, infectando-a com um espírito materialista e mundano¹²¹. Por isso, temos por vezes falhado e buscado coisas terrenas, aquilo que é corrompido, que não tem valor. Portanto, devemos atentar para a palavra de Jesus, que nos convida para o exercício da busca por algo que não se corrompe, algo que não se acaba, que é o Reino de Deus, que é o fato de amarmos e sermos amados por Ele e pelo nosso próximo.

Jesus começa a quarta seção do Sermão do Monte. Ele fala sobre a dedicação a Deus com uma vida cristã totalmente autêntica¹²², e para isso o cristão tem que deixar de lado o materialismo que tanto atrapalha a comunhão e a busca pelo Senhor Deus.

Jesus ensina que o Eterno cuida de nós e, portanto, sabe de tudo que necessitamos para a sobrevivência na terra. Vejamos o que aprendemos no texto.

Não vivamos em função das coisas materiais, e sim das celestiais

“Não ajunteis tesouros na terra, onde a traça e a ferrugem tudo consomem, e onde os ladrões minam e roubam; mas ajuntai tesouros no céu, onde nem a traça nem a ferrugem consomem, e onde os ladrões não minam nem roubam” (vv. 19-20).

A realidade ensinada pelo nosso Mestre é que podemos nos tornar prisioneiros de coisas materiais, mas devemos ser libertos e controlados pelo

Espírito de Deus. Se o coração ama as coisas materiais e coloca o lucro acima dos investimentos no céu, o único resultado possível é um trágico prejuízo. Os tesouros da Terra podem ser usados para Deus, mas se ajuntarmos riquezas para nós mesmos, perderemos esses bens – e, junto com eles, o nosso coração.

Jesus nos ensina a não vivermos correndo atrás do banco humano, pois enquanto buscarmos a fonte aqui na Terra, pereceremos, porque tudo da Terra é corruptível, desprezível e passa muito rapidamente. A palavra de Jesus é muito séria para nós.

Jesus ensina aos seus discípulos a fazerem a coisa certa, que rende juros não passageiros, mas eternos. Ele chama os seus discípulos para ajuntarem tesouro num lugar onde nada se corrompe, nada se acaba, nada é roubado. A busca terrena atrapalha a comunhão do homem com Deus e o seu crescimento profundo nas Escrituras, porque ele dedica seu tempo totalmente às questões terrenas. Conheço um rapaz que tem ganhado muito dinheiro, tem chegado à sua casa tarde da noite, tem deixado os filhos de lado e tem desprezado a sua esposa por causa da sua empresa. E eu pergunto: onde ele está ajuntando o seu tesouro?

Com certeza, é aqui na Terra, no banco humano, e logo o ladrão roubará, logo a ferrugem corromperá essa empresa, pois ela tem sido prioridade desse irmão em vez da sua esposa e filhos. Não estou afirmando que devemos deixar de lado a luta pelo trabalho, mas estou me contrapondo ao excesso e à troca de Deus pelas coisas terrenas.

Creio que devemos começar um exame cuidadoso da forma como pensamos, falamos, sentimos e agimos a cada hora, a cada dia, a cada semana, a fim de ficarmos mais conscientes da nossa caminhada na Terra. Precisamos perceber qual é a nossa busca, se é pelo tesouro celestial ou se estamos apenas com um vago sentimento interior de insatisfação com a nossa forma presente de vida e somente um desejo indefinido por “coisas espirituais”, que na verdade se traduzem num desejo de busca pelo terreno enquanto dizemos: “Não estamos muito felizes. Não estamos contentes com o rumo da nossa vida. Não temos muita alegria ou paz, mas como não sabemos como as coisas poderiam ser diferentes, acreditamos que devemos ser realistas e aceitar a vida como é e buscar ter algumas coisas a mais para alcançarmos a felicidade”.

É exatamente esta advertência que Jesus nos faz, pois a busca pelo terreno impede-nos de ativamente buscar a vida do Espírito, buscar o Reino de Deus em primeiro lugar, buscar aquilo que é eterno, que jamais se corrompe,

jamais acaba.
Que tesouro é esse?

É amar e ser amado pelo nosso Senhor e pelo nosso próximo

Uma das características mais óbvias da nossa vida diária é que estamos atarefados. Os dias são cheios de coisas para fazer, pessoas para encontrar, projetos para terminar, cartas para escrever, telefonemas e compromissos. Nossa vida, muitas vezes, parece uma mala abarrotada rebentando nas costuras.

Há um sentimento incômodo que nos avisa que há tarefas incompletas, promessas não cumpridas, propostas não realizadas. Sempre há algo mais que deveríamos ter lembrado, feito ou dito. O estranho, porém, é que é muito difícil não estar atarefado. Estar atarefado tornou-se um símbolo de status, de pessoas que buscam sempre algo da Terra para se alimentar.

Em meio a essa busca louca, precisamos buscar o tesouro do Reino de Deus, que é amar e ser amado por Ele e pelo seu povo. Para isso, não existe agenda, não existe preço, não há nada mais valioso no planeta.

Devemos pedir a graça de Deus Pai, para que o nosso tesouro seja o de amarmos ao Senhor e ser amados por Ele. O de nos doar pela causa d'Ele, o de nos envolver com as coisas d'Ele, com as questões celestiais. Paulo disse: "... buscai as coisas que são de cima, onde Cristo está assentado à destra de Deus. Pensai nas coisas que são de cima, e não nas que são da terra; porque já estais mortos, e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus" (Cl 3.1-3). Warren Wiersbe diz que "o significado de acumular tesouros no céu é usar tudo o que temos para a glória de Deus, desapego às coisas materiais da vida. Também significa medir a vida pelas verdadeiras riquezas do reino e não pelas falsas riquezas deste mundo. A riqueza não escraviza apenas o coração, mas também a mente"¹²³.

Temos que ter Cristo no centro da nossa existência como tesouro maior

"Porque onde estiver o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração" (v. 21).

Jesus não propõe aos seus discípulos uma saída das atividades do mundo, mas pede para observarem onde estará o coração deles, pois onde estiver o coração, aí também estará o tesouro. Então, ser elevado à vida divina do Pai, do Filho e do Espírito Santo não significa ser tirado do mundo. Ao contrário, aqueles que entram na vida espiritual são exatamente os que são enviados ao

mundo para continuar e concluir a obra que Jesus começou.

A vida espiritual não nos remove do mundo, mas nos leva a aprofundarmos mais nele com um cuidado precioso, o coração. Assim, quando temos Cristo como o centro do nosso coração, como tesouro maior, podemos “estar no mundo sem ser do mundo”.

Essas palavras sintetizam bem a maneira como Jesus fala sobre a vida espiritual. É uma vida na qual somos totalmente transformados pelo Espírito de amor. Mas é uma vida em que todas as coisas parecem permanecer as mesmas.

Viver uma vida espiritual não significa que devemos deixar nossa família, abandonar nosso emprego ou mudar nossa forma de trabalhar; não significa que temos que nos afastar de atividades políticas e sociais ou perder o interesse pela literatura e pela arte. Também não exige a severidade de longas horas de oração. A vida espiritual pode ser vivida de muitas formas, tantas quanto o número de pessoas na Terra.

A novidade é que nos transferimos das muitas coisas para o Reino de Deus. A novidade é que nos livramos das correrias do mundo e colocamos nosso coração na única fonte necessária e suficiente: Jesus. A novidade é que não experimentamos mais as muitas coisas pessoais e acontecimentos como motivos infundáveis de preocupação, mas começamos a experimentá-los como maneira rica e variada de comunhão no coração.

Quando temos Cristo no centro do nosso coração, Deus manifesta a sua presença em nós de maneira mais penetrante e profunda. De fato, viver uma vida espiritual requer uma mudança de coração, uma conversão das coisas terrenas para as celestiais. Ocorre uma mudança de coração: agora ele tem como centro o tesouro maior da vida humana, Jesus Cristo.

Será sempre assim na nossa vida se tivermos Cristo como nosso tesouro, como centro no coração. Será uma vida diferente, em que buscaremos as coisas do alto. Do contrário, se não tivermos Cristo como o tesouro maior, como o centro, buscaremos sempre o lixo do mundo, aquilo que perece, acaba e é roubado pelos ladrões.

Peçamos a graça de Deus Pai para que busquemos aquilo que é eterno, não aquilo que perece, porque aí teremos Cristo como tesouro maior do nosso coração.

Que a graça do Eterno caia sobre nós!

Para refletir e viver

- Somos uma igreja que não considera a oração como uma agenda indispensável para a nossa produção espiritual.
- Jesus nos ensina a não viver correndo atrás do banco humano, pois enquanto buscarmos a fonte aqui na Terra, perecemos, porque tudo da Terra é corruptível, desprezível e passa muito rapidamente.
- A vida espiritual não nos remove do mundo, mas nos leva a aprofundarmos mais nele com um cuidado precioso, o coração.
- Quando temos Cristo no centro do nosso coração, Deus manifesta a sua presença em nós de maneira mais penetrante e profunda.

¹²¹ Idem, p. 47.

¹²² CHAMPLIN, R. N. Op. cit., p. 326.

¹²³ WIERSBE, Warren W. Op. cit., p. 32.

C a p í t u l o 18

Vencendo a ansiedade

Mateus 6.25-32

O que significa viver uma vida espiritual e como se pode vivê-la? No meio da nossa vida agitada e turbulenta às vezes indagamos: qual é a nossa verdadeira vocação na vida? Como podemos ter uma mente tranquila para poder escutar a voz de Deus? Quem pode nos guiar através do labirinto interior dos nossos pensamentos, emoções e sentimentos?

Essas e muitas outras indagações semelhantes expressam um profundo desejo de viver uma vida espiritual, mas ao mesmo tempo uma grande obscuridade sobre seu significado e prática¹²⁴. Diante desta realidade, há uma passagem no Sermão do Monte que pode fazer novas todas as coisas com relação ao futuro, à nossa existência e à nossa sobrevivência, que nos ajuda a entender que a nossa meta não está nas coisas da Terra, não está neste mundo passageiro, e sim na perspectiva do eterno, do Reino de nosso Pai, está em depender tão somente da ação, da vontade e do bom prazer d’Ele.

Essa passagem nos ajuda a não nos envolvermos com as questões materiais, que têm levado os crentes a dar muito mais importância para os valores externos do que para os internos. Ela nos ajuda a perceber que temos nos distanciado das coisas de Deus, pois a busca pelas coisas da Terra faz com que invistamos menos tempo na causa do nosso Deus.

Nessa passagem Jesus apresenta cinco razões pelas quais devemos evitar a ansiedade quanto à vida física.

A vida humana é mais do que a parte física

“Por isso vos digo: Não andeis cuidadosos quanto à vossa vida, pelo que haveis de comer ou pelo que haveis de beber; nem quanto ao vosso corpo, pelo que haveis de vestir. Não é a vida mais do que o mantimento, e o corpo mais do que o vestuário?” (v. 25).

Quando começamos a nos preocupar só com estas coisas, tornamo-nos avarentos e nos esquecemos de que Deus tem o controle de tudo em suas

mãos.

O que devemos fazer é depender daquele que é o dono da vida, daquele que sustenta a nossa vida. Assim, Ele suprirá toda e qualquer necessidade, pois a Bíblia diz que ele suprirá todas as nossas necessidades em glória por Cristo Jesus (Fp 4.19).

Você quer viver uma vida espiritual tranquila? Lembremos que a nossa vida vale muito na presença de Deus Pai. Isso nos dá segurança, pois sabemos que Ele nos dará provisão para a nossa vida.

Deus cuidará dos detalhes da nossa vida “Olhai para as aves do céu, que nem semeiam, nem segam, nem ajuntam em celeiros; e vosso Pai celestial as alimenta. Não tendes vós muito mais valor do que elas?” (v. 26).

Se Deus alimenta as aves, quanto mais aqueles que são seu povo, aqueles que são seus filhos! A palavra de Jesus é que nós valemos mais do que as aves. Somos propriedade exclusiva da Trindade, portanto Ele suprirá nossas necessidades.

Você está em crise? Saiba que Deus se importa com você, Ele não o abandona. Ele olha para a sua criação com cuidado e prazer.

A ansiedade não altera as condições da vida

“E qual de vós poderá, com todos os seus cuidados, acrescentar um côvado à sua estatura?” (v. 27).

A ideia aqui não somente de medida, mas de tempo, ou seja, poderia alguém acrescentar um passo à sua vida? É claro que não, porque até o tempo da nossa vida está sob a direção do nosso Criador.

Muitas vezes não conseguimos caminhar na graça do Pai, com uma vida espiritual sadia, porque perdemos de vista a verdade de que Deus está no controle da nossa vida. É bom sabermos que todos os nossos dias estão contados na presença d’Ele. Jesus afirma que não cai um fio de cabelo da nossa cabeça se o Pai não permitir.

Você não sabe o que acontecerá amanhã? Fique na paz do Senhor, Ele sabe do que precisamos. Jesus disse aos seus discípulos: “... vosso Pai sabe o que vos é necessário, antes de vós lho pedirdes” (Mt 6.8).

Deus providenciará tudo para a vida

E, quanto ao vestuário, por que andais solícitos? Olhai para os lírios do campo, como eles crescem; não trabalham nem fiam; e eu vos digo que nem mesmo Salomão, em toda a sua glória, se vestiu como qualquer deles.

Pois, se Deus assim veste a erva do campo, que hoje existe, e amanhã é lançada no forno, não vos vestirá muito mais a vós, homens de pouca fé?

“Não andeis, pois, inquietos, dizendo: Que comeremos, ou que beberemos, ou com que nos vestiremos?” (vv. 28-31).

Se Deus prepara vestes para as flores, imagine o cuidado d’Ele para com o seu próprio povo, aquele a quem Ele ama, zela e preserva todos os dias!

Jesus mostra que a preocupação tornou-se uma parte tão integral do nosso cotidiano que uma vida sem preocupações não só parece ser impossível, mas até mesmo indesejável. Suspeitamos que ficarmos despreocupados, além de não ser realista, é perigoso.

Nossas preocupações nos motivam a trabalhar muito, a prepararmos para o futuro e a armar-nos contra pendentes ameaças. No entanto, Jesus diz: “Não andeis, pois, inquietos...”, porque o nosso Pai Celestial conhece as nossas necessidades, e com isso Ele nos ensina a dependência de Deus.

Vençamos a ansiedade pelas coisas físicas “Porque todas estas coisas os gentios procuram. De certo vosso Pai celestial bem sabe que necessitais de todas estas coisas...” (v. 32).

Jesus indica a possibilidade de uma vida sem preocupações, uma vida em que todas as coisas estão se fazendo novas. Ele mostra para os seus discípulos que comida, bebida, regalias, busca por sobrevivência são coisas para os que não dependem de Deus Pai.

Deve haver alguma diferença entre os discípulos de Jesus e os gentios, pois estes não têm esclarecimento algum, por isso se apegam tanto às coisas materiais. Os servos de Deus devem agir de modo diferente, pois Ele sabe qual é o melhor para a vida deles, para a sua sobrevivência.

Em 1979 um estudante dizia: “Vivemos num mundo de crises, chamado por alguns de século da ansiedade. As preocupações são constantes, vivemos numa época onde as incógnitas permanecem latentes em cada coração, quanto ao futuro do mundo em que vivemos, onde ninguém confia em ninguém; onde a insegurança, a dúvida, o temor, a violência, a ansiedade e a apatia imperam em cada ser humano”¹²⁵.

Hoje continuamos enfrentando as mesmas questões e, lamentavelmente, essas observações continuam atuais, apenas temos mais subsídios que contribuem para descrever com cores mais vivas o mesmo problema.

“Nos fins da Idade Média pesava na alma do povo uma tenebrosa melancolia”, constata Huizinga (1872-1945). Curiosamente – ainda que não pretendamos fazer nenhum paralelo –, os séculos anteriores à Reforma são descritos como um período de grande ansiedade, que nos persegue até hoje. Por isso Jesus mostra que devemos viver de modo diferente do mundo. Não podemos nos preocupar a ponto de perder a razão e nos esquecer de que temos um Deus que está ao nosso lado. Jesus diz que o Pai sabe daquilo que necessitamos.

Ele sabe que a mãe sonha em ver seu filho livre da bebida, sabe que o marido ora sempre pela conversão da sua esposa, que o filho deseja uma reconciliação dos seus pais. Ele sabe de todas as nossas necessidades e quer que nós as depositemos no seu altar, porque Ele tem cuidado de nós. Saibamos que o conhecimento perfeito que o Pai tem de nossas necessidades físicas garante o seu suprimento.

Não podemos ficar como loucos correndo atrás disso ou daquilo, mas devemos descansar em Deus, pois Ele sabe do que necessitamos para o sustento da nossa vida diária. Deus conhece todas as nossas necessidades melhor do que nós mesmos. A Palavra diz: “O meu Deus, segundo as suas riquezas, suprirá todas as vossas necessidades em glória, por Cristo Jesus” (Fp 4.19).

Que Ele nos dê graça para entendermos essas coisas a fim de não vivermos ansiosos, mas com o coração no centro do Reino de nosso Pai!

Para refletir e viver

- Lembremos que a nossa vida vale muito na presença de Deus Pai. Isso nos dá segurança, pois sabemos que Ele nos dará provisão para a nossa vida.
- Muitas vezes não conseguimos caminhar na graça do Pai, com uma vida espiritual sadia, porque perdemos de vista a verdade de que Deus está no controle da nossa vida.
- A palavra de Jesus é que nós valemos mais do que as aves. Somos

propriedade exclusiva da Trindade, portanto Ele suprirá nossas necessidades.

¹²⁴ NOUWEN, Henri. Espaço para Deus. Americana: Christopher Walker, 1984, p. 3.

¹²⁵ COSTA, Hermisten M. P. Um plano soberano de um Soberano Deus. São Paulo: Seminário JMC, 1996, p. 6.

C a p í t u l o 19

Vivendo na graça do Reino de Deus

Mateus 6.33-34

Thomas Merton afirmou: “A verdadeira contemplação não é um truque psicológico, mas uma graça teológica”.

Na sociedade contemporânea nosso adversário se especializa em três coisas: ruído, pressa e multidões. Se ele puder nos manter ocupados com “grandeza” e “quantidade”, descansará satisfeito. O psiquiatra C. G. Jung observou certa vez: “A pressa não é do diabo; ela é o diabo”.

Se esperamos ultrapassar as superficialidades de nossa cultura – incluindo a cultura religiosa –, devemos estar dispostos a descer aos silêncios recriadores, ao mundo interior da contemplação.

Em seus escritos, todos os mestres da meditação se esforçam por nos despertar para o fato de que o universo é muito maior do que imaginamos, que há vastas e inexploradas regiões interiores tão reais quanto o mundo físico que tão bem conhecemos. Falam das palpitantes possibilidades de nova vida e liberdade. Chamam-nos para a aventura de sermos pioneiros nesta fronteira do Espírito. Embora soe estranho aos ouvidos modernos, não deveríamos nos envergonhar de nos matricularmos como aprendizes na escola da oração contemplativa? E por que digo isso?

Porque acredito piamente que a única forma de buscarmos o Reino é dando um espaço para o nosso coração na presença de Deus. A única maneira de vencermos o ruído que nos faz surdos para a realidade do Reino dentro de nós é através da meditação nas Escrituras.

A única maneira de vencermos a pressa que nos faz pessoas ansiosas e doentes é voltar a nossa atenção para a meditação nas Escrituras. A única maneira de vencermos as multidões que querem nos levar para o materialismo e para o consumismo é voltando o nosso coração para a meditação.

As palavras de Jesus precisam ecoar na nossa mente e descer para o coração.

Só assim acharemos descanso e compreensão do Reino de Deus que está dentro de nós.

Vejamos o que Jesus nos ensina nesse texto.

Busquemos o Reino de Deus e sua justiça acima de tudo

“Mas, buscai primeiro o reino de Deus, e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas” (v. 33).

Essa busca não é uma frase de fé decorada, mas é uma expressão de vida, é experiencial. Não é uma religião sem compromisso. É ter o Reino como a prioridade maior da vida. E quando falamos em Reino de Deus, tratamos da soberania de Deus sobre todas as áreas da nossa vida. E quando falamos na justiça do Reino de Deus, voltamo-nos para o seu modo de fazer as coisas, que é diferente do nosso.

Viver no Reino é entender a realidade de Deus como o rei da nossa vida.

Viver o Reino é experimentar a prática de Deus no controle absoluto da nossa vida. Uma pergunta que surge no coração é: como viver o Reino e experimentar a prática de Deus no controle absoluto da nossa vida?

A resposta é buscar a meditação no Livro Santo. A resposta é voltar o nosso coração para a Bíblia. Precisamos viver com ela não só na mente, mas, acima de tudo, no coração. A Bíblia diz que João, ao receber a visão apocalíptica (Ap 1.10), encontrava-se em espírito no dia do Senhor. Seria o caso de ele ser treinado numa forma de ouvir e ver da qual temos nos esquecido? R. D.

Laing disse:

Vivemos num mundo secular. Há uma profecia no livro de Amós de uma época futura e que haverá fome na terra, não de pão, nem sede de água, mas de ouvir as palavras do Senhor. Esse tempo chegou. É a época presente¹²⁶.

A palavra de Jesus é um manifesto espiritual para não darmos vazão ao materialismo e voltarmos urgentemente o nosso coração para o Reino. E só nos aproximamos do Reino através das Escrituras. Como é triste perceber que não temos dado atenção para este manifesto celestial; ao contrário, a busca do Reino tem ficado sempre em último lugar. Buscamos a faculdade, o namoro, os bens materiais, a carreira, o trabalho, as pessoas (ruído, pressa e multidões) e depois pensamos em Deus.

Cuidado com o que você faz com o Reino de Deus, que exige de nós primazia. Paulo afirmava em sua vida: “Irmãos, quanto a mim, não julgo que

o haja alcançado; mas uma coisa faço, e é que, esquecendo-me das coisas que atrás ficam, e avançando para as que estão adiante de mim, prossigo para o alvo, pelo prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus. Por isso todos quantos já somos perfeitos, sintamos isto mesmo; e, se sentis alguma coisa de outra maneira, também Deus vo-lo revelará” (Fp 3.13-15).

Busquemos o Reino de Deus e teremos o acréscimo espiritual de tudo na vida

Em uma análise inicial de Mateus 6.33 poderíamos dizer que se buscarmos primeiramente o Reino de Deus e a sua justiça, as demais coisas (comer, beber, vestir, saúde, emprego etc.) serão acrescentadas. Mas analisando detalhadamente o pronome demonstrativo, a referência imediata é para o Reino de Deus e para a sua justiça.

Assim, o que é acrescentado não são “outras coisas” ou “demais coisas”, mas aquilo de maior valor, pois não existe algo mais valioso do que o Reino de Deus e a sua justiça. Isso é o que deve ser acrescentado em nossa vida. Esta é a promessa de Jesus, que é cumprida em todas as circunstâncias.

O princípio básico é Deus em primeiro lugar, daí nós teremos o remédio para a ansiedade. A felicidade diante da perspectiva do Reino de Deus é saber que as demais coisas virão por causa da providência do Reino e da justiça de Deus.

É interessante que Jesus não reage ao nosso estilo de vida cheio de preocupação dizendo que não deveríamos estar tão ocupados com afazeres terrenos. Ele não diz que o que fazemos não tem importância, valor, ou utilidade¹²⁷. A resposta de Jesus para a nossa vida cheia de preocupação é bem diferente. Ele pede que substituamos nosso ponto de gravidade, relocalizemos o centro de nossa atenção, que mudemos as nossas prioridades. Jesus quer que deixemos de nos preocupar com as “muitas coisas” e busquemos a única coisa necessária: o Reino de Deus e sua justiça.

É importante que compreendamos que Jesus não quer, de forma alguma, que deixemos nosso mundo das atividades. Antes, quer que vivamos nele, mas firmemente arraigados no centro de todas as coisas. Jesus não fala sobre uma mudança de atividades, uma mudança de contatos, ou até uma mudança de ritmo. Ele fala sobre uma mudança de coração. Essa mudança faz todas as coisas diferentes, até mesmo quando todas as coisas parecem permanecer as mesmas. A mudança é: Buscai primeiro o reino de Deus, e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas.

Jesus pede que coloquemos nosso coração no centro, onde todas as outras coisas irão se encaixar. Qual é esse centro?

Jesus o chama de Reino, o Reino do seu Pai. E este o desejo dele para o nosso coração! Que nós nos abramos para o remédio espiritual de Jesus para a nossa vida: Buscai, pois em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça e todas estas coisas serão acrescentadas.

Aprendamos a viver cada dia da nossa vida

“Não vos inquieteis, pois, pelo dia de amanhã, porque o dia de amanhã cuidará de si mesmo. Basta a cada dia o seu mal” (v. 34).

Limitar os cuidados e preocupações ao dia que se vive produz, finalmente, a eliminação total da preocupação, pois é a incerteza quanto ao futuro que gera a ansiedade e a preocupação. A palavra de Jesus é que não nos preocupemos com o dia de amanhã, pois Deus nos dará o que necessitamos, segundo a sua vontade. Quanto às dificuldades, aos males e provas da vida, deixemos com Deus, pois Ele permite essas coisas para que aprendamos a descansar mais n’Ele.

Warren Wiersbe diz que “a preocupação com o amanhã não ajuda nem o dia de hoje nem o dia de amanhã. Antes nos priva do nosso vigor no dia de hoje – o que significa que teremos ainda menos energia no dia de amanhã.

Alguém disse que a maior parte das pessoas crucifica-se entre dois ladrões: os remorsos de ontem e as preocupações de amanhã”¹²⁸.

Com esta perspectiva no nosso coração aprendemos que tudo pertence a Deus, assim não precisamos ficar buscando o ter, o ter e ter mais, porque Deus é dono de tudo e nos dá aquilo que Ele quer dar. O que precisamos fazer é buscar o seu Reino e a sua justiça, e que o dia de amanhã fique com Deus. Como Tiago diz, se Ele quiser, faremos isto ou aquilo na nossa vida. O amanhã pertence ao Eterno, o dia de hoje já tem bastante coisa para ocupar a nossa atenção e o temido infortúnio de amanhã jamais pode vir a acontecer. Como diz Carson no seu comentário de Mateus: “A graça de hoje é suficiente só para hoje e não deve ser desperdiçada com o amanhã. Se amanhã trouxer novo infortúnio, haverá nova graça para supri-lo”¹²⁹.

Que o Eterno nos ajude a confiar inteiramente na sua graça bondosa e cuidadora!

Para refletir e viver

- Viver no Reino é entender a realidade de Deus como o rei da nossa vida. Viver o Reino é experimentar a prática de Deus no controle absoluto da nossa vida.
- A única maneira de vencermos a pressa que nos torna ansiosos e doentes é voltar a nossa atenção para a meditação nas Escrituras.
- A felicidade diante da perspectiva do Reino de Deus é saber que as demais coisas virão por causa da providência do Reino e da justiça de Deus.
- Não podemos nos preocupar a ponto de perder a razão e nos esquecer de que temos um Deus que está ao nosso lado. Jesus diz que o Pai sabe daquilo que necessitamos para a nossa vida.
- Não precisamos ficar buscando o ter, o ter e ter mais, porque Deus é dono de tudo e nos dá aquilo que Ele quer dar.
- Precisamos buscar o seu Reino e a sua justiça e que o dia de amanhã fique com Deus. Como Tiago diz, se Ele quiser, faremos isto ou aquilo na nossa vida.

¹²⁶ FOSTER, Richard J. Celebração da disciplina. O caminho do crescimento espiritual. São Paulo: Vida, 2008, p. 12.

¹²⁷ NOUWEN, Henri. Espaço para Deus... cit. p. 16.

¹²⁸ WIERSBE, Warren W. Op. cit., p. 33.

¹²⁹ CARSON, D. A. O comentário de Mateus. São Paulo: Shedd Publicações, 2010, p. 223.

C a p í t u l o 20

Cuidado com o julgamento do outro

Mateus 7.1-5

Jesus continua apresentando situações práticas, nas quais o cristão deve exercer sua influência, sejam elas religiosas ou relacionais, e uma delas é quanto ao julgamento que fazemos das pessoas. Os escribas e fariseus julgavam falsamente a si mesmos, as outras pessoas e até mesmo a Jesus. Esse julgamento falso era alimentado por sua falsa justiça. Isso explica por que Jesus conclui este sermão tão importante com uma discussão sobre o ato de julgar, tratando de diversos tipos de julgamento.

É duro aceitarmos, mas essa é uma área que temos muita dificuldade. Sabemos como ninguém julgar, medir e avaliar o comportamento dos outros ao nosso redor. O duro é medirmos a nós mesmos. Por isso Jesus nos dá algumas dicas com o propósito de olharmos para nós mesmos.

Nós não somos juízes dos nossos irmãos “Não julgueis, para que não sejais julgados. Porque com o juízo com que julgardes sereis julgados, e com a medida com que tiverdes medido vos hão de medir a vos”(vv. 1-2).

O contexto das palavras de Jesus é o dos relacionamentos entre cristãos. Jesus nos ensina que o julgamento deve começar por nós mesmos. Ele não proibiu avaliar o procedimento dos nossos irmãos, pois o discernimento zeloso é um elemento da vida cristã. A ideia é que o amor cristão não é cego, e a pessoa que acredita em tudo o que ouve e aceita todos os que se dizem espirituais sofrerá grandes perdas.

Antes de julgar os outros, devemos julgar a nós mesmos, porque seremos julgados. O tempo do verbo julgar expressa julgamento definitivo, e a palavra tem o sentido de condenar. A nossa atitude para com o próximo é de misericórdia, mesmo que tenhamos aquele zelo sério nas questões que envolvem comportamentos e atitudes na comunidade. Não temos a liberdade para condenar o próximo no relacionamento com ele.

É interessante avaliar que os fariseus faziam o papel de Deus ao condenar os outros, mas não levavam em consideração que, um dia, eles mesmos seriam julgados por Deus. E a verdade é que várias vezes somos meio fariseus nas

atitudes, olhamos para as pessoas com o sentimento de condenação. Atacamos, repudiamos as pessoas como se fôssemos os santos de pedestais sem nenhum pecado. Jesus mostra que essa atitude é condenada no seu Reino.

Warren Wiersbe diz que “a passagem paralela em Lucas 6.37-38 é bastante importante. Devemos lembrar que não apenas seremos julgados por Deus no final, mas também estamos sendo julgados pelos outros no presente e recebemos deles exatamente aquilo que lhes damos. Somos julgados da forma e pela medida que julgamos, pois ceifamos o que semeamos”¹³⁰.

A dica do Mestre é que não censuremos as pessoas com o nosso modo de ver, de analisar as pessoas. Antes de condenar ou censurar, devemos olhar para nós mesmos. Vale lembrar uma palavra de Carson: “O discípulo que toma sobre si a tarefa de julgar o que o outro faz usurpa o lugar de Deus”¹³¹.

Não devemos apontar os erros dos outros, uma vez que também somos pecadores

“E por que reparas tu no argueiro que está no olho do teu irmão, e não vês a trave que está no teu olho? Ou como dirás a teu irmão: Deixa-me tirar o argueiro do teu olho, estando uma trave no teu? Hipócrita, tira primeiro a trave do teu olho, e então cuidarás em tirar o argueiro do olho do teu irmão” (vv. 3-5).

Cuidado com o julgamento do outro **181**

Todo ser humano é réu e não juiz. Quem se coloca como juiz de seu irmão está brincando de ser Deus. Jesus não nos proíbe de tirar o argueiro do olho de nosso irmão, mas é necessário tirarmos a trave do nosso também. Todo irmão que está em pecado precisa de ajuda e não de condenação. É comum cometermos esse tipo de pecado dentro das nossas comunidades. Quando não praticamos o julgamento próprio, prejudicamos a nós mesmos e aqueles a quem poderíamos instruir.

Os fariseus julgavam e criticavam os outros para exaltarem a si mesmos. A exortação de Jesus é que os cristãos devem julgar a si mesmos para ajudar a exaltar os outros.

Aquele que não encara os próprios pecados com honestidade e não os confessa torna-se cego e não pode ver claramente para ajudar seus

semelhantes. Os fariseus viam os pecados dos outros, mas não conseguiam enxergar as próprias transgressões.

Muitas vezes há uma trave no nosso olho e estamos olhando para o cisco do irmão. Jesus nos ensina que o grande objetivo de julgar a nós mesmos é para preparar-nos para servir os outros. A ajuda mútua para o crescimento na graça é uma ação nossa no Reino de Deus. Precisamos tomar cuidado com o julgamento e não sermos hipócritas no avaliar e ponderar sobre a vida dos outros.

Devemos olhar para dentro de nós mesmos e precisamos lembrar de que somente Deus conhece o coração de cada pessoa. “É possível fazer uma boa ação por motivos errados. Também é possível falhar numa tarefa e ainda assim ter motivações sinceras. É bom que saibamos sempre que só o nosso mestre é que examinará os segredos de nosso coração”¹³².

Não temos o direito de julgar nossos irmãos ou avaliar a vida deles no sentido de exortação e cuidado sem antes julgarmos a nós mesmos e olharmos para a nossa própria vida. Nós lidamos com as falhas dos nossos irmãos pedindo graça e misericórdia para que o Eterno nos dê humildade para exortá-lo no caminho, mas sempre olhando para nós mesmos e para a nossa miséria diante do Senhor.

Que o Eterno Deus nos dê a graça de sermos sinceros e não agirmos como os fariseus no sentido de censurar o nosso irmão.

Para refletir e viver

- A dica do Mestre é que não censuremos as pessoas com o nosso modo de ver, de analisar as pessoas.
- Todo ser humano é réu e não juiz. Quem se coloca como juiz de seu irmão está brincando de ser Deus.
- Quando não praticamos o julgamento próprio, prejudicamos a nós mesmos e aqueles a quem poderíamos instruir.
- Aquele que não encara os próprios pecados com honestidade e não os confessa torna-se cego e não pode ver claramente para ajudar seus semelhantes.
- Devemos olhar para dentro de nós mesmos e precisamos nos lembrar de que somente Deus conhece o coração de cada pessoa.

- É bom estarmos cientes de que só o nosso Mestre é que examinará os segredos de nosso coração
- Não podemos julgar nosso próximo ou avaliar a vida dele no sentido de exortação e cuidado sem antes julgarmos a nós mesmos e olharmos para a nossa própria vida.

¹³⁰ WIERSEBE, Warren W. Op. cit., p. 34.

¹³¹ CARSON, D. A. Op. cit., p. 224.

¹³² WIERSEBE, Warren W. Op. cit., p. 34.

C a p í t u l o 21

A oração e a prática do amor na caminhada cristã

Mateus 7.6-12

Como precisamos trabalhar com o discernimento porque não sabemos quais são os eleitos que estão nas comunidades. Somos os eleitos do Eterno, mas isso não significa que devemos nos deixar ser moldados por qualquer pessoa.

Nessa parte do texto Jesus dá dicas que são fundamentais para a nossa espiritualidade sadia. Ele nos ensina a orar com um coração dependente d'Ele. Orar sonhando com a realidade no coração. Orar crendo naquele que é o nosso Deus. Orar também com discernimento na presença do soberano Deus.

Também aprendemos a amar as pessoas como Deus nos ama.

Precisamos orar e buscar a sabedoria e a orientação de Deus

“Pedi, e dar-se-vos-á; buscai, e encontrareis; batei, e abrir-se-vos-á. Porque, aquele que pede, recebe; e, o que busca, encontra; e, ao que bate, abrir-se-lhe-á” (vv. 7-8).

Esses versículos lembram-nos do jovem rei Salomão. Ele sabia que não possuía a sabedoria necessária para julgar Israel, por isso orou a Deus, e o Senhor respondeu sua oração. O texto de 1 Reis 3.9 mostra que ele pediu sabedoria para conduzir aquele povo numeroso de Israel. A sua oração foi: “... dá um coração entendido para julgar a teu povo...”.

Devemos pedir a Deus, devemos buscar a sua vontade e bater à porta da graça divina para experimentar a vontade do Eterno. Precisamos confiar no caráter do Eterno Deus e nos momentos de oração entender que Ele é o Deus que supre as necessidades dos seus amados. Tiago diz: “E, se algum de vós tem falta de sabedoria, peça-a a Deus...” (1.5).

A oração é algo muito importante na nossa caminhada. Como diz James Houston: “Ela é guiada pelo viver de maneira correta, assim como pelo pensamento correto. A verdadeira oração significa comportar-se de maneira digna da companhia divina. De fato, a oração expressa algo do caráter de

Deus. A Bíblia nos diz que ‘Deus é amor’. Certo escritor medieval, Aelred de Rievaulx, traduziu esta expressão como ‘Deus é amizade’. Nossas orações são uma resposta à amizade e ao amor de Deus. Quando oramos, permitimos que Deus viva em nós, de modo que, ao nível mais íntimo, é o Espírito de Deus que faz a oração em nós e por nosso intermédio”¹³³.

O ato de pedir é o batimento constante da alma diante de Deus. Ele tem muito a nos conceder, no sentido espiritual, para o nosso coração. Mas o nosso grande problema é que, em geral, não temos consciência da nossa necessidade por auxílio e graça da parte do Eterno Deus. Se víssemos como somos carentes d’Ele, consideraríamos a oração como a atitude mais natural do mundo.

Jesus mostra aos seus discípulos a importância da oração. Tanto que ele enfatiza: “Pedi, e dar-se-vos-á; buscai, e encontrareis; batei, e abrir-se-vos-á”. A Bíblia diz que o desejo d’Ele é de tudo nos prover, ricamente, para a nossa satisfação (1 Tm 6.17). Como diz James Houston:

A oração principia com o coração, porque Deus deseja relacionar-se conosco em todos os níveis de nosso ser. Isso inclui sentimentos, mente, imaginação, amor, memória e nossa vontade. Deus busca nos conhecer por completo na intimidade. Eis por que a oração foca o verdadeiro cerne de nosso ser, dentro do coração¹³⁴.

Pratiquemos o amor cristão com o próximo E qual de entre vós é o homem que, pedindo-lhe pão o seu filho, lhe dará uma pedra? E, pedindo-lhe peixe, lhe dará uma

A oração e a prática do amor na caminhada cristã 185

serpente? Se vós, pois, sendo maus, sabeis dar boas coisas aos vossos filhos, quanto mais vosso Pai, que está nos céus, dará bens aos que lhe pedirem? Portanto, tudo o que vós quereis que os homens vos façam, fazei-lho também vós, porque esta é a lei e os profetas.

Aqui o Senhor confirma a doutrina do pecado original. É a manifestação do que o homem é na sua essência. E Jesus diz que mesmo nessa condição sabemos dar boas coisas aos nossos amados. Na palavra inicial percebemos a conexão entre a perfeita relação entre Deus e o homem e do homem para com seu próximo.

Jesus fala da bondade de Deus, que dá boas coisas àqueles que lhe pedirem, e exige que esse princípio seja colocado em prática como consequência lógica para aqueles que andam na presença d'Ele. Somos convidados a amar como a ei e os profetas nos ensinam. A lei diz que devemos honrar o nosso próximo, zelar pela sua vida e não cobiçar o que é dele. Devemos reconhecer essa necessidade na caminhada. E a lei de Moisés também enfatizava o cuidado com o órfão, a viúva e o estrangeiro, justamente para o povo considerar o seu próximo como criação do Eterno Deus.

Nos profetas há essa mesma preocupação. Quando abrimos as Escrituras em Zacarias 7.9, o profeta diz: “Executai juízo verdadeiro, mostrai piedade e misericórdia cada um para com seu irmão”. A realidade é que muitos eram falsos uns com os outros, pensavam mal um do outro, tinham más intenções no coração para com o próximo. Por isso veio a exortação do Senhor para que eles mostrassem misericórdia e piedade com os irmãos.

De igual modo, devemos praticar a misericórdia para com o nosso próximo. Temos que fazer o contrário da sociedade hoje. Ao invés de darmos raiva, temos que dar paciência e amor ao próximo. Ao invés de retribuir com egoísmo, temos que retribuir com humildade. Quando não há essa prática, as pessoas se destroem, se envenenam a cada dia. Elas se distanciam, se repelem, voltam-se para si mesmas.

Quando há o desejo de exercer a misericórdia ensinada pelo Santo Espírito, há companheirismo, há solidariedade, humildade, afeição, há de fato a realidade ensinada pelo apóstolo Paulo em Gálatas 6.2: “Levai as cargas uns dos outros, e assim cumprireis a lei de Cristo”. E também o que ele diz em Romanos 15.1: “... nós, que somos fortes, devemos suportar as fraquezas dos fracos, e não agradar a nós mesmos”.

Que o Eterno nos ajude a praticar essa espiritualidade sadia para que sejamos cristãos verdadeiros e conscientes da nossa missão aqui na Terra, que é anunciar o Reino de Deus através de um cristianismo com vida e significado.

Para refletir e viver

- Devemos pedir a Deus, devemos buscar a sua vontade e bater à porta da graça divina para experimentar a vontade do Eterno.
- Precisamos confiar no caráter do Eterno Deus e nos momentos de oração

entender que Ele é o Deus que supre as necessidades dos seus amados.

- O ato de pedir é o batimento constante da alma diante de Deus. Ele tem muito a nos conceder, no sentido espiritual, para o nosso coração.
- Somos convidados a amar como a lei e os profetas nos ensinam. A lei diz que devemos honrar o nosso próximo, zelar pela sua vida e não cobiçar o que é dele.
- Temos que fazer o contrário da sociedade hoje. Ao invés de darmos raiva, temos que dar paciência e amor ao próximo.

¹³³ HOUSTON, James. *A oração...* cit., p. 10-11. ¹³⁴ Idem, p. 31.

C a p í t u l o 22

Um chamado para o compromisso

Mateus 7.13-23

Uma vez que existem falsos profetas pelo mundo afora, devemos ter cuidado para não ser enganados. O maior perigo, porém, é enganar a si mesmo. Os escribas e fariseus se convenceram de que eram justos e de que os outros eram pecadores. Como diz Warren Wiersbe, “é possível conhecer a linguagem correta, acreditar intelectualmente nas doutrinas, obedecer às regras e, ainda assim, não ter a salvação. Jesus emprega duas ilustrações para nos ajudar a julgar a nós mesmos e aos outros”¹³⁵.

Vejamos o que aprendemos no texto.

Há somente uma porta que conduz à vida eterna Entrai pela porta estreita; porque larga é a porta e espaçoso o caminho que conduz à perdição, e muitos são os que entram por ela. E porque estreita é a porta, e apertado o caminho que leva à vida, e poucos há que a encontrem (vv. 13-14).

Aqui Jesus está falando do caminho para o céu e do caminho para o inferno. Muitos passam pela porta larga porque é aparentemente um caminho fácil e amplo.

Esse caminho é só para aqueles que não têm conhecimento da verdade. Esses na verdade nem querem conhecer o caminho estreito, porque o significado dele tem a ver com tribulação. O caminho estreito passa pela cruz, pela renúncia, e são poucos os que entram por ele. É sempre uma minoria que quer enfrentar os obstáculos da porta que conduz à vida eterna. Esse caminho é solitário e penoso. O caminho espaçoso é comparado com o pecado e os desejos mundanos, que nos distanciam da graça e da verdade. Então, tomar o caminho estreito é abrir mão de todas essas coisas que nos distanciam da verdade.

Qual é o caminho que queremos trilhar?

O caminho apertado nos leva à vida e o outro à perdição. Só precisamos lembrar, como diz Carson, que a perdição não é a extinção da vida física, mas a entrada para a eternidade no Hades, que quer dizer abismo profundo.

Precisamos lembrar que na hora da morte todos entraremos por uma dessas

portas. Alguns entrarão para a vida eterna em comunhão com o Criador, outros para a condenação eterna no Hades, ou isso acontecerá na vinda do Senhor Jesus.

Jesus nos mostra que o caminho estreito é pautado pela redenção que temos n'Ele. É uma jornada árdua, complicada, porque é um processo contínuo de renúncia e luta, mas é o caminho que gera paz, que nos dá sabedoria para vencer os desafios, sejam doutrinários ou espirituais. A dica é que devemos orar para que o Eterno nos dê graça todos os dias para andar nesse caminho com graça e sabedoria.

A fé verdadeira transforma a vida “Acautelai-vos, porém, dos falsos profetas, que vêm até vós vestidos como ovelhas, mas, interiormente, são lobos devoradores. Por seus frutos os conhecereis. Porventura colhem-se uvas dos espinheiros, ou figos dos abrolhos? Assim, toda a árvore boa produz bons frutos, e toda a árvore má produz frutos maus. Não pode a árvore boa dar maus frutos; nem a árvore má dar frutos bons. Toda a árvore que não dá bom fruto corta-se e lança-se no fogo. Portanto, pelos seus frutos os conhecereis” (vv. 15-20).

A ilustração mostra que a verdadeira fé em Cristo transforma a vida e produz frutos para a glória do Eterno. Jesus evidencia que o bom fruto vem de uma boa árvore, enquanto o fruto ruim vem de uma árvore ruim. A árvore que produz frutos podres será cortada e lançada no fogo. Jesus refere-se aos falsos profetas que ensinam doutrinas erradas. Esses, com toda certeza, só podem produzir falsa

O chamado para o compromisso **189**

justiça. Seus frutos são absolutamente falsos e não duram.

Jesus mostra na dinâmica do texto que somente as ações revelam o caráter. O caráter de uma vida é evidenciado pelo fruto. A comparação é que a boa árvore produz algo bom, eficaz, que gera vida, gera saúde no corpo de Cristo.

Precisamos lembrar que um bom coração, os bons frutos e uma vida santa não são atitudes vindas do homem. Na presença de Deus é que há a possibilidade de arrancar a árvore viciosa, os frutos ruins e assim o nosso coração produzir coisas boas pela graça.

É a mesma figura do salmo 1, em que Davi fala da árvore plantada junto a ribeiros, que dá seu fruto na estação apropriada. Espiritualmente falando, isso acontece conosco para que produzamos os frutos que têm a ver com a verdadeira justiça e com a santidade.

A árvore ruim causa decadência, apodrece, é corrompida. Gera frutos podres, que cheiram mal. E o significado para maus frutos refere-se ao processo de decomposição. Jesus mostra que a árvore de fruto ruim está longe de ser saudável.

O critério para se conhecer o bom fruto é infalível, tanto no reino natural como no espiritual. Jesus afirmou: “Assim, toda árvore boa produz bons frutos ruins, e toda a árvore má produz frutos maus” (Mt 7.17).

A dinâmica é a seguinte: se um homem não tem amor pelas coisas espirituais, ele é destituído de natureza espiritual. Se um homem não tem uma relação profunda com Deus, não gera frutos. O Eterno Deus nos chamou para a boa semente, para a produção de frutos da graça, frutos que dignificam a vida humana, que exaltam o Reino através da justiça, da graça e da verdade.

Jesus diz algo muito sério para a nossa prática de vida: “Portanto, pelos seus frutos os conhecereis” (v. 20). Somos conhecidos pelos frutos da Palavra de Deus. Somos conhecidos, acima de tudo, pelo que vivemos na Palavra. O fruto que Deus deseja para nós como os seus servos é expresso nos atos de justiça e de amor que trazem paz e harmonia para a sociedade. Somos convidados para sermos boas árvores que dão frutos que emanam vida, saúde e graça sempre.

Para refletir e viver

- O caminho estreito passa pela cruz, pela renúncia, e são poucos os que entram por ele. É sempre uma minoria que quer enfrentar os obstáculos da porta que conduz à vida eterna. Esse caminho é solitário e penoso.
- O caminho apertado nos leva à vida e o outro à perdição.
- Precisamos nos lembrar de que um bom coração, os bons frutos e uma vida santa não são atitudes vindas do homem.
- O Eterno Deus nos chamou para a boa semente, para a produção de frutos da graça, frutos que dignificam a vida humana.
- O fruto que Deus deseja para nós como os seus servos é expresso nos atos

de justiça e de amor que trazem paz e harmonia para a sociedade.

¹³⁵ WIERSEBE, Warren W. Op. cit., p. 36.

C a p í t u l o 23

Uma construção espiritual

Mateus 7.24-29

Hoje é raro encontrarmos um cristão maduro. As pessoas demonstram uma fé infantil, sem bases sólidas, e há escândalos terríveis envolvendo enriquecimento de pastores.

A sabedoria, que deveria ser a maior arte dos que se dizem cristãos, está em baixa. O profundo do cristianismo é quando as pessoas têm a capacidade de articular bem a teologia e a doutrina cristã. A forma mais relevante é quando os cristãos têm o verdadeiro e genuíno zelo pela Palavra de Deus, quando têm de fato uma firmeza nas convicções sobre as Escrituras.

Quando falo de zelo e convicção das Escrituras, não quero me referir a uma prática tão somente religiosa e superficial. Falo de uma maturidade cristã que tem a ver com a vida de Deus dentro de nós, com a vida que é firmada em Jesus Cristo de Nazaré, com as suas palavras, as suas ações, o seu jeito de ser e falar, a sua maneira de tratar as pessoas, a sua doçura em perdoar gente pecadora, o seu modo sábio de discutir a vida e ensinar as pessoas a como se aproximar com sinceridade do Pai.

Creio que é isso que o Mestre nos ensina nesse texto de Mateus. Precisamos dessa vida cristã sábia e tê-lo como nossa base profunda para essa vida na dependência diária d'Ele. Vejamos os princípios que Ele nos ensina.

Sejamos sábios ao ouvir as palavras de Jesus “Todo aquele, pois, que escuta estas minhas palavras, e as pratica, assemelhá-lo-ei ao homem prudente, que edificou a sua casa sobre a rocha...” (v. 24).

É em relação à prática da vontade de Deus que Jesus usa a figura de dois construtores e das duas casas. Ele mostra que aquele que ouve e pratica é um construtor sábio. O que não ouve é o construtor louco. Ele nos ensina que a casa construída sobre a rocha jamais cai diante das pressões da vida.

O homem sábio é exatamente o que ouve as palavras de Jesus e constrói a casa sobre essa rocha. Traduzindo para o nosso viver, é a construção de todas as áreas da vida numa dinâmica de dependência da nossa rocha, que é Jesus

Cristo. É a ideia trabalhada por Salomão no salmo 127. Salomão nos ensina que Deus é o grande arquiteto da nossa casa.

Quando o homem tenta edificar, por sua própria sabedoria, sua casa, certamente acabará em tragédia e ruínas. O salmista nos diz algo sério e valoroso para a realidade da família: “Se o Senhor não edificar a casa, em vão trabalham os que a edificam; se o Senhor não guardar a cidade, em vão vigia a sentinela”.

Quando se trata de construir casas (famílias), só Deus pode ser o engenheiro, o arquiteto e o construtor. Somente Ele pode edificar uma casa estável e segura. E para isso Ele nos dá a planta dessa construção, que é a sua Palavra, que deve ser ouvida e obedecida. Só Deus pode nos ajudar a construir a nossa casa. Uma casa precisa de Deus, porque sem Ele é impossível tentar consertar os defeitos e problemas existentes nela.

Calvino afirma que a vontade de Deus não é que vivamos inertes ou que cruzemos os nossos braços. É necessário aplicarmos todos os nossos talentos e vantagens que o Criador nos dá, mas com a mentalidade espiritual do sustento divino, da resposta final d’Ele para todos os passos da vida no lar¹³⁶. Para termos uma boa construção em todas as áreas – família, vida profissional, afetividade e emoções –, precisamos ouvir a voz do Eterno dentro de nós. Precisamos ouvir a Palavra de Deus e ver aquilo que Ele tem para a nossa caminhada espiritual.

A nossa base para tudo na vida é Jesus Cristo “E desceu a chuva, e correram rios, e assopraram ventos, e combateram aquela casa, e não caiu, porque estava edificada sobre a rocha. E aquele que ouve estas minhas palavras, e não as cumpre, compará-lo-ei ao homem insensato, que edificou a sua casa sobre a areia; e desceu a chuva, e correram rios, e assopraram ventos, e combateram aquela casa, e caiu, e foi grande a sua queda. E aconteceu que, concluindo Jesus este discurso, a multidão se admirou da sua doutrina; porquanto os ensinava como tendo autoridade; e não como os escribas” (vv. 27-29).

O ensino de Jesus resume-se no fato de que Ele é a nossa rocha. O texto fala das adversidades naturais, como a chuva, as enxurradas e o sopro dos ventos, que eram presentes no contexto de Israel. Havia então naquelas chuvas torrenciais a transformação de oásis secos em correntes caudalosas. A ideia aqui é que essas tempestades revelavam a qualidade das duas obras dos construtores.

A casa firmada sobre a rocha prevalecia, a que era firmada sobre a areia perecia. O ponto precioso que o Mestre quer nos ensinar é que o sábio constrói a casa, no sentido espiritual, sobre a rocha divina que é Jesus. A queda do homem imprudente foi grande, disse Jesus, porque ele não teve a capacidade de se preparar para as tempestades provocadas pelas mudanças climáticas.

Aprendemos aqui que a nossa vida cristã necessita de um alicerce, que é a Palavra de Cristo. Uma fé genuína é demonstrada pela dependência exclusiva dessa rocha que é Jesus. O nosso grande desafio no Reino de Deus é viver uma vida alicerçada sobre Cristo na prática diária.

Sempre haverá tempestades na nossa vida, seja a morte de um membro da família, a perda do emprego, da saúde. Uma doença de um amigo, um irmão. Uma crise nas emoções, um negócio que não deu certo etc. Sempre estamos sujeitos a tempestades na vida, mas a grande diferença é quem é a nossa base na vida espiritual.

Quando temos Jesus como a nossa base, quando a nossa casa espiritual é firmada, alicerçada n'Ele, nada pode nos destruir ou mesmo nos abalar. Nada pode nos derrubar. Nada pode abalar a nossa estrutura espiritual porque sabemos que Ele está conosco todos os dias, fortalecendo-nos e nos animando.

Os obstáculos da vida são enormes, as lutas são grandes, mas Jesus nos promete que se construirmos nossa casa sobre Ele, pode vir qualquer tempestade que estaremos absolutamente seguros por causa da sua graça profunda.

A espiritualidade que nasce do coração é capaz de perceber o amor e a graça de Deus nas situações mais adversas da vida. É aquela espiritualidade que abraça a cruz mesmo quando alguém se sente absolutamente só e abandonado. Essa é a dinâmica de pessoas que buscam a Deus e sabem que são pecadoras. Sabem que recebem a imerecida graça e o seu amor. Sabem também que Deus é soberano para agir livremente acima das nossas convicções e necessidades.

Termino citando um homem que teve uma experiência profunda com Deus, Blaise Pascal (1623-1662), matemático, físico e pensador cristão francês. Ele foi afligido por uma grave doença que o levou a refletir sobre seu estado de miséria. Nos últimos seis meses de vida ele pôde contemplar a presença de Deus no centro de sua existência. Podemos notar isso em suas últimas orações, quando ele dizia: Concede-me, ó Deus, que em silêncio eu adore a

maravilha que colocas à disposição da minha vida. Possa o teu cajado me confortar. Tendo eu vivido na amargura dos meus pecados enquanto tinha saúde, possa eu agora provar a doçura da tua graça através destas aflições que impuseste a mim. Mas eu confesso, ó Deus, que o meu coração é tão endurecido, tão cheio de ideias mundanas, preocupações, ansiedades e apreensões, que a saúde ou doença, conversas, livros, nem mesmo tua Santa Escritura, nem o Evangelho, nem os teus santos mistérios podem fazer alguma coisa para promover minha conversão. Certamente a filantropia, jejuns, milagres, sacramentos, nem todos os esforços, nem mesmo todas estas coisas juntas podem fazer isto. O Senhor sozinho criou minha alma, somente o Senhor pode recriá-la. Somente tu, Senhor, pode criá-la segundo tua própria imagem. Jesus Cristo meu Salvador, a expressa imagem e caráter da essência divina, imagem e semelhança que eu desejo¹³⁷.

Para refletir e viver

- A forma mais relevante é quando os cristãos têm o verdadeiro e genuíno zelo pela Palavra de Deus, quando têm de fato uma firmeza nas convicções sobre as Escrituras.
- O homem sábio é exatamente o que ouve as palavras de Jesus e constrói a casa sobre essa rocha.
- Uma fé genuína é demonstrada pela dependência exclusiva dessa rocha, que é Jesus. O nosso grande desafio no Reino de Deus é viver uma vida alicerçada sobre Cristo na prática diária.
- Sempre estamos sujeitos a tempestades na vida, mas a grande diferença é quem é a nossa base na vida espiritual.
- A espiritualidade que nasce do coração é capaz de perceber o amor e a graça de Deus nas situações mais adversas da vida.

¹³⁶ CALVINO, João. Série comentários bíblicos João Calvino - Salmos. São Paulo: Fiel, 2009, p. 374.

¹³⁷ BARBOSA, Ricardo. O caminho do coração - Ensaio sobre a Trindade e a Espiritualidade Cristã. Curitiba: Encontro, 1996, p. 49-50.

Referências bibliográficas

AGOSTINHO, Santo. Confissões. São Paulo: Paulus, 2002. BONHOEFFER, Dietrich. Tentação. São Leopoldo - RS:

Sinodal, 1983.

BRUCE, F. F. Introdução e Comentário de Romanos. São Paulo: Vida Nova, 1991.

CAMPOS, Heber Carlos. O ser de Deus e os seus atributos. São Paulo: Cep, 2000.

CALVINO, João. Comentário sobre o Livro de Efésios. São Paulo: Paracletos, 1998.

_____. Exposição de Romanos. São Paulo: Paracletos, 1997.

CHAMPLIN, R. N. Comentário sobre o Evangelho de Mateus. São Paulo: Candeia, Vol. I, 1995.

CARSON, D. A. O comentário de Mateus. São Paulo: Shedd Publicações, 2010.

COSTA, Hermisten Maia Pereira. Um plano soberano de um soberano Deus. São Paulo: Seminário JMC, 1996.

DAVIDSON, MA, DD. O Novo Comentário da Bíblia. São Paulo: Vida Nova, 1997.

FÁBIO, Caio. O privilégio de poder simplesmente dizer: Tá doendo. Rio de Janeiro: vinde, 1998.

FABRIS, Rinaldo Bruno Magioni. Os Evangelhos I. São Paulo: Loyola, Vol. I, 1990.

FRANZMANN, Martin H. A carta aos Romanos. São Paulo: Paulinas, 1972.

FOSTER, Richard J. Celebração da disciplina. O caminho do crescimento espiritual. São Paulo: Vida, 2008.

FOXÉ, John. O Livro dos Mártires. São Paulo: Mundo Cristão, 2003.

GRUN, Anselm. Fontes da força interior - Evitar o esgotamento, aproveitar as energias positivas. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

_____. A sabedoria dos monges na arte de liderar

pessoas. Rio de Janeiro: Vozes, 2006.
 GRAHAM, Billy. O segredo da felicidade. Jesus, através das bem-aventuranças. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista. HENDRIKSEN, William. Comentário do Novo Testamento de Romanos. São Paulo: CEP, 2004.
 HENRY, Matthew. Comentário Bíblico - Novo Testamento. Rio de Janeiro: CPAD, 2004.
 HOEKEMA, Anthony A. Criados a imagem de Deus. São Paulo: Cep, 1996.
 HODGE, Charles. Commentary in Epistle to the Romans. Grand Rapids, Michigan: Eerdmans Publishing, 1994. HOUSTON, James. Jonathan Edwards – Uma fé mais forte que as emoções. Brasília: Palavra, 2008.
 HOUSTON, James. Oração. Aprofundando a sua amizade com Deus. Brasília: Palavra, 2008.
 _____. A felicidade. Brasília: Palavra, 2009. HUNTER, James C. O monge e o executivo. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.
 JONES, Martyn Lloyd. Estudos no sermão do Monte. São Paulo: Fiel, 1999.
 LOPES, Augustus Nicodemus. Exegese de Atos. São Paulo: Seminário Rev. José Manuel da Conceição, I Semestre de 1995. LELOUP, Jean Yves. Livro das bem-aventuranças e do Pai nosso. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.
 LEWIS, C.S. O príncipe e a ilha mágica. São Paulo: ABU, 1984. LUTZER, Erwin. Os brados da cruz. São Paulo: Vida, 2001.

Referências bibliográficas **199**

LOPES, Hernandes Dias. A parábola do bambu. São Paulo: Candeia 2004.
 MAXWELL, John C. Vencendo com as pessoas. Vinte e cinco princípios para alcançar o sucesso por meio dos relacionamentos. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2007.
 _____. Minutos de liderança. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2008.
 MACARTHUR, John Jr. O Caminho da felicidade. São Paulo: Cultura Cristã, 2001.

MAGGIONI, Bruno. Comentário nos Evangelhos I. São Paulo: Loyola, vol. 1, 1990.

MANNING, Brennan. A sabedoria da ternura. Brasília: Palavra, 2007.

_____. A assinatura de Jesus. São Paulo: Mundo Cristão, 2008.

_____. O obstinado amor de Deus. São Paulo: Mundo Cristão, 2007.

MESSIAS, Jorge. Histórias da guerra e histórias da paz. São Paulo: Editora Temas & Argumentos, 2003.

NOUWEN, Henri. Espaço para Deus - Um convite para a vida espiritual. São Paulo - Americana - Christopher Walker, 1984.

_____. Crescer – Os três movimentos da vida espiritual. São Paulo: Paulinas, 2000, p. 150.

PADILLA, Renê. Missão integral: ensaios sobre o reino e a igreja. São Paulo: FTL-B & Temática, 1992.

PARANAGUÀ, Glenio Fonseca. A festa do contentamento - A videira verdadeira. Londrina: Editora Ide, 2007.

PETERSON, Eugene. Diálogos de sabedoria. São Paulo: Vida, 2007.

PIPER, John. O Sorriso Escondido de Deus. São Paulo: Shedd Publicações, 2001.

_____. Teologia da Alegria. A plenitude da alegria cristã. São Paulo: Shedd, 1997.

Revista Ultimato-março de 2001. Espiritualidade. Ricardo Barbosa: Entre o Secreto e o Público.

Revista Veja. Corrupção produz pobreza. Edição 1.779, 27 de novembro de 2002.

RIBEIRO, Boanerges. Diário de Ashbel G. Simonton. São Paulo: CEP, 1982.

SCHEAFER, Francis. A missão da igreja no mundo. São Paulo: Cep, 1983.

STOTT, John. Ouça o Espírito, ouça o mundo. São Paulo: ABU, 2005.

_____. Contracultura cristã. A mensagem do Sermão do Monte. São Paulo: ABU, 1981.

_____. Crer é também pensar. São Paulo: ABU, 1998.

SOUSA, Ricardo Barbosa. Janelas para a vida. Paraná- Curitiba: Encontro, 1999.

_____. Conversas no caminho. Curitiba – Paraná: Encontro, 2008.

_____. O caminho do coração - Ensaios sobre a Trindade e a espiritualidade cristã. Curitiba: Encontro, 1996.

YANCEY, Philip. Alma sobrevivente. Sou cristão, apesar da igreja. São Paulo: Mundo Cristão, 2004.

VOUGA, François. Comentário de Tiago. São Paulo, LOYOLA, 1996.

WATTS, Rikk. Jesus: O modelo pastoral. Rio de Janeiro: Habacuc, 2004.

WIERSBE, Warren W. Comentário Bíblico Expositivo - Novo Testamento. Santo André - SP: Geográfica Editora, Volume 1, 2006.

WIKIPÉDIA, A Enciclopédia Livre.

WILLARD, Dallas. A conspiração divina. São Paulo: Mundo Cristão, 2001.



Fôlego

**Editora Fôlego Caixa Postal 16.610 CEP
03149-970 - São Paulo - SP**

**Caso queira conhecer outros lançamentos
da Editora Fôlego, visite nosso site:**

www.editorafolego.com.br